

AS MARAVILHOSAS HISTÓRIAS ESCOTEIRAS



Oswaldo Ferraz

AS MARAVILHOSAS HISTÓRIAS ESCOTEIRAS
Oswaldo Ferraz

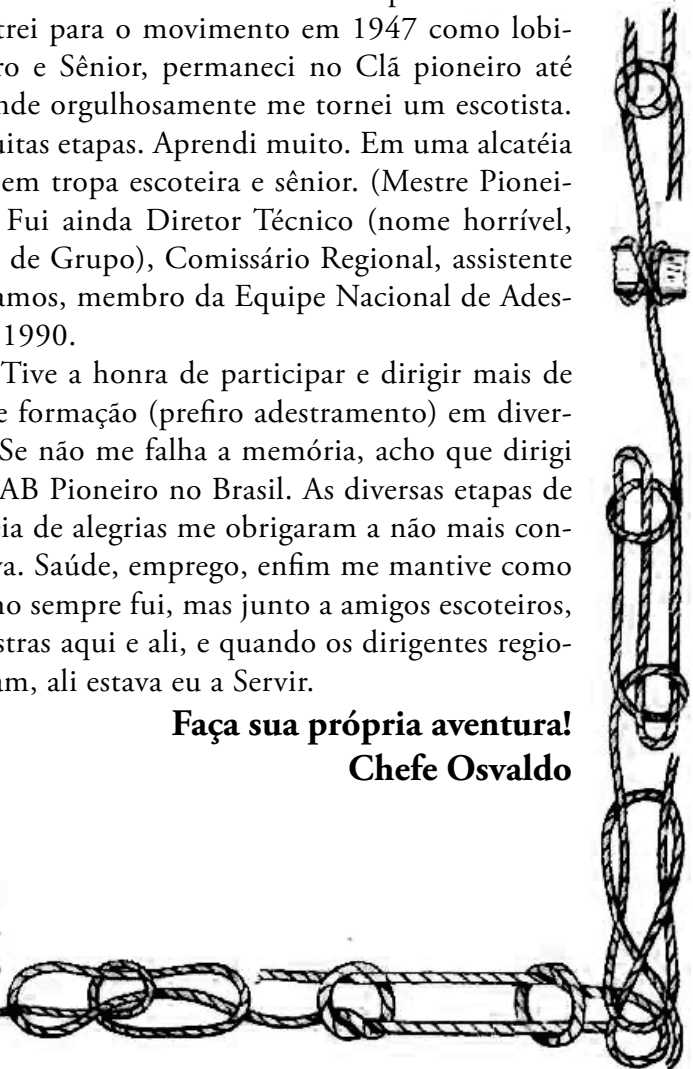
Oswaldo, Um Escoteiro

Meu nome? Oswaldo, Oswaldo Ferraz. Ainda sou um Chefe Escoteiro. Aposentado é claro. Gosto de brincar que nasci no dia 9 de janeiro de 1941, cinco horas após em que BP faleceu no Quênia - África (num lugar tranqüilo e com um panorama maravilhoso: florestas de quilômetros de extensão tendo ao fundo montanhas de picos cobertos de neve). Entrei para o movimento em 1947 como lobinho. Escoteiro e Sênior, permaneci no Clá pioneiro até os 19 anos onde orgulhosamente me tornei um escotista. Passei por muitas etapas. Aprendi muito. Em uma alcatéia como Akelá, em tropa escoteira e sênior. (Mestre Pioneiro também). Fui ainda Diretor Técnico (nome horrível, prefiro Chefe de Grupo), Comissário Regional, assistente regional de ramos, membro da Equipe Nacional de Ades-
tamento até 1990.

Tive a honra de participar e dirigir mais de 200 cursos de formação (prefiro adestramento) em diversos estados. Se não me falha a memória, acho que dirigi o primeiro CAB Pioneiro no Brasil. As diversas etapas de uma vida cheia de alegrias me obrigaram a não mais continuar na ativa. Saúde, emprego, enfim me mantive como escoteiro como sempre fui, mas junto a amigos escoteiros, algumas palestras aqui e ali, e quando os dirigentes regionais precisavam, ali estava eu a Servir.

Faça sua própria aventura!

Chefe Oswaldo



Um poema Escoteiro

“A paz que o vento nos traz”

Não sei se sabes, não basta dizer que ama a natureza.

Não basta dizer que concorda com o que dizem,

Não. Tens a obrigação como Escoteiro

Falar aos seus irmãos no mundo inteiro,

Mas fale claro, com amor e com certeza.

Diga a eles de sua vida aventureira,

Que sua escolha não tem nada de ilógico,

Você não vive mais seu habitat tecnológico,

Pegue sua mochila e sua bandeira

Vá correr mundo conhecer lugares

Esqueça esta vida baladeira.

Prenda bem seu lenço no arganêu.

Pendure seu bernal e lá dentro seu farnel.

Vá onde o sol te levar até o infinito,

Descubra lugares que pra muitos é um mito.

Muito além de o Arco íris encontrarás o céu.

Dizem alguns que é um céu Escoteiro,

Mesmo com chuva é um céu de brigadeiro.

Tente achar o outro lado da montanha,

Quem sabe um pote de ouro você vai encontrar.

Dirás então para si mesmo, que seu sonho nunca vai se acabar.

Conte a todos por que agora não desiste mais:

“diga que não foi ouro, não foi prata, muito menos o dinheiro”.

“Foi à fibra, foi à raça, que te fez um escoteiro.”.

Já brinquei de calças curtas lá no fundo do oceano,

Meu lenço eu amarrei nas noites mornas de outono.

Sei que você não esqueceu o tempo não apaga,

A velha frase que a diz um bom mateiro

*Você sabe, acredita nisto, de ninguém tem mágoa,
Uma vez Escoteiro sempre será um Escoteiro.
Você sabe que é um herói verdadeiro,*

*Não tens a força de Hércules filho da guerra,
Mas tem a força que só tem um Escoteiro,
Coloque sua mochila, um sorriso e parta ligeiro,
Levante sua bandeira, cante uma canção.
Rataplã agora, Rataplã sempre, Rataplã no coração.*

*Avante Escoteiro avante, e diga ao mundo inteiro,
Que você é um valente um herói Escoteiro,
E cantando vá dizendo a todo mundo,*

“Que não foi ouro, não foi prata, muito menos o dinheiro”.

“Foi à fibra, foi à raça, quem te fez um escoteiro.”

Chefe Osvaldo

Frase final de um autor desconhecido

Só o vento sabe a resposta

(*Lendas Escoteiras*)

Nada a ver com o romance de J.M. Simmel - por sinal, um livro que devia ser lido por todos. Esta história foi no final década de sessenta, eu era o Chefe de um Grupo Escoteiro por estes interiores do Brasil. Uma menina de uns doze anos se adentrou no pátio de reuniões (era um sábado à tarde) e ficou sentada observando a movimentação das tropas escoteiras. Ainda não havia a coeducação. Esta só foi iniciada na metade da década de oitenta.

Em dado momento me procurou. “Chefe, como faço para entrar nos escoteiros?”. Um olhar profundo, um sorriso espontâneo, um brilho de um sonho e uma vontade de ser e não poder ser. Expliquei a ela. Disse que só como bandeirante. “Mas aqui não tem?”. Só balancei a cabeça negativamente. “Não”, respondi. Seus olhos se encheram de lágrimas. Tentei consolar, mas ela me olhou e saiu correndo. Passaram-se alguns anos, acho que uns seis anos, se não me falha a memória.

Conversava com um chefe e vi uma mocinha adentrando à sede. Pediu para falar comigo e prontamente a atendi. “Chefe, agora eu tenho dezessete anos. Vou fazer dezoito daqui a três meses. Agora posso entrar?”. Eu não me lembrei dela e nem sabia se tinha falado alguma coisa. Perguntei a ela. “Não lembra quando estive aqui há cinco anos pedindo para ser escoteira? O senhor me disse que só poderia ser bandeirante. Em nossa cidade não tem. Esperei com calma e sonhando a cada dia em ser escoteira. Agora sou quase de maior, posso ou não?”.

Claro, eu disse que sim. Nossa Alcateia tinha 26 lobinhos. Dois chefes masculinos e duas femininas. Tinha que arrumar um lugar para ela. Uma perseverança em querer, em poder ser e depois de anos e anos nunca esqueceu seus sonhos. Claro que nunca poderia ser recusada. Eu jurei a mim mesmo que seus sonhos seriam realizados. Não foi bem recebida. Uma das chefes da Alcateia me procurou em particular e disse que não poderíamos aceitá-la no grupo. - Por quê? Disse eu. Porque ela mora no “Ferreirinho” e o senhor sabe, lá é um bairro de má fama. Sua mãe só pode ser uma prostituta. Não sei por que falou aquilo. Era uma jovem educada e prestativa. Nunca deixou de ajudar ninguém. Infelizmente era uma época onde as mulheres que por um motivo ou outro foram

parar ali naquele bairro não eram perdoadas facilmente.

Não esperava aquela atitude. Pensei que não éramos assim. Éramos sim, uma fraternidade, cheia de compreensão para com o próximo. Ao encerrar a reunião ela pediu um Conselho de Chefes. Na reunião explicou o motivo. Éramos doze. Claro que concordei. Ela expos suas razões. Pelo menos sete chefes concordaram com ela. Vamos colocar em votação disse? Não precisa. Estou entregando meu cargo. Estou envergonhado. Pensei que aqui teríamos outro pensamento. Mas me enganei. Se isso for acontecer novamente prefiro não estar presente.

Todos se assustaram com minha atitude e pediram um tempo para pensar. – Não precisa eu disse. Um dia vocês me disseram que o escoteiro é amigos de todos e irmão dos demais. Se não pensam assim, aqui não é o meu lugar! Procuraram-me no meio da semana, inclusive a chefe em questão. - Desculpe chefe. Agi mal. Muito. Peço perdão. Coloquei a mão em seu ombro. Nada de desculpas minha amiga. Estou orgulhoso de você e dos outros.

No sábado seguinte a mocinha que pediu para entrar não apareceu. No outro também não. Fiquei preocupado. Será que ele ficou sabendo do que aconteceu e desistiu? Não tinha seu endereço. Não tinha feito por escrito sua inscrição. Não sabia como achá-la. Dois meses depois avistei uma mocinha que achei parecidíssima com ela.

Parei e perguntei. Expliquei tudo. Ela com lágrimas nos olhos me contou a mais triste histórias que um dia ouvi. Sabe Chefe, Bea era minha irmã mais nova. Ela se chamava Beatriz. Contou as suas amigas e a todos lá em casa de sua alegria em ser agora uma escoteira. Seu sacrifício em esperar cinco anos agora fora reconhecido. Era seu sonho. Ano após ano ela só falava nisto. O dia inteiro rindo dizendo que um dia seria escoteira. Nós tivemos que ouvir todos os dias durante mais de seis anos. No sábado pela manhã se preparou para ir ter com vocês. Levantou cantando alto para todos ouvirem. Ao sair foi atropelada por um ônibus. Levada ao hospital faleceu horas depois.

Fiquei pensando em tudo. Nosso destino, nossos sonhos. Perdidos em minutos. Em segundos. Por quê? Sem retorno. Acho que só o vento sabe a resposta!

Waldo, um Escoteiro e seu último pôr-do-sol

(Lendas Escoteiras)

Eu era Chefe de uma tropa Escoteira lá no Bairro do Berilo. Não era longe e a pé chegava a menos de quinze minutos. Era uma boa tropa. Quase não tinha problemas e os Monitores me ajudavam muito. No grupo havia uma tropa feminina, mas que não caminhava bem. Só duas patrulhas com doze jovens. Genny a Chefe era muito esforçada. Nilo e Bartilho eram meus assistentes. Não eram muito frequentes. Não sei se acontece com todo mundo, mas tem escoteiros tão bem comportados que quase passam despercebidos. Assim era Waldo. Entrando nos quatorze anos tinha todas as qualidades que a gente pensa em quem tem um elevado “Espírito Escoteiro”.

Na Patrulha Quati Waldo era uma espécie de conselheiro dos demais. Não era o Monitor, mas cativava a todos pela sua ponderação, pelo seu exemplo não só na tropa como na escola e em sua vida familiar. Quando eu tinha algum problema chamava o Waldo. Ele possuía um jeitinho próprio de conversar que conquistava qualquer um que estivesse ao seu lado. Não foi minha surpresa que um sábado de maio ao chegar à sede não vi o Waldo. Era o primeiro a chegar e o último a sair. Perguntei ao Antonio seu Monitor se ele sabia de alguma coisa. Não sabia. Pensei comigo – Deve ter sido o motivo muito forte para ele ter faltado. Fiquei de ligar para ele ou seus pais para saber se uma gripe o impediu de ir à reunião. Quem atendeu foi sua mãe. – Chefe, o melhor é o Senhor vir aqui em casa. Não dá para falar por telefone.

Só na quinta deu para ir até lá. Eu estava preocupadíssimo. O que seria? A Mãe dona Aurora e o pai seu Rodolpho me receberam na porta. Estavam tristes e taciturnos. – Chefe, falou dona Aurora, Waldo me pediu para ele mesmo dizer. Acho que o Senhor deve ficar prevenido. A notícia vai chocá-lo e muito. – Vi que lágrimas caíam dos olhos de ambos. O Senhor Rodolpho estava com a voz embargada. Subi ao quarto de Waldo, ele me esperava sentado na cama. Senti nele um sorriso tênue e sua voz que já era baixa de natureza estava rouca. Seus cabelos estavam caindo e aquilo me assustou. – Olá Chefe, Sempre Alerta! Ele tinha ficado em pé. Dei-lhe um aperto de mão e um abraço. – Waldo, todos estão sentindo muito sua falta e as saudades são grandes. Ele sorriu de leve. – É Chefe, vai ser difícil minha volta. Vou direto ao assunto. Melhor ser honesto com o Senhor. Estou com Leucemia no cérebro. O medico

disse para minha mãe que eu tenho menos de quatro meses de vida.

Foi como se eu tivesse levado um soco, uma pancada. Fiquei chocado. Sentei em sua cama. – Calma Chefe, isto acontece com um e outro, eu fui o escolhido por Deus desta vez e sorriu. – Meu Deus! Pensei. Que calma deste garoto! Incrível! – Olhe Chefe, eu convenci minha mãe. Ela e meu pai não queriam, mas eu gostaria antes de ir me encontrar com meus ancestrais lá na vivenda de Capella, eu queria ir ao acampamento do próximo mês no Vale dos Sinos. – Mas como Waldo? Você mal fica em pé e nem pode andar direito! – Eu sei Chefe, mas eu preciso. Não posso partir sem ver meu último por do sol nas escarpas cintilantes. – Me lembrei do que ele falava. Lá das escarpas o por do sol era maravilhoso. O mais lindo que tinha visto. Eu nunca pensei que ele pudesse lembrar e nem eu mesmo me lembrava mais. Olhei para Waldo. Não podia negar aquele último favor. Se ele queria eu não iria dizer não.

Combinei com seus pais de passar lá no dia marcado pela manhã para pegá-lo. Não disse nada para a tropa e nem para os chefes. Insisti para que ninguém faltasse. Queria dar a ele uma despedida que ninguém jamais esqueceria. Seria o maior Fogo de Conselho que eu iria dirigir e ele participando. – Passei lá no dia determinado. No local do acampamento ele insistiu em ficar com sua Patrulha. Estava tremendo, fraquejava, mas dizia que iria dormir na barraca da Patrulha. Na chefia não era certo e não queria dormir sozinho completou. – Chefe, é câncer! E ria. Nada mais que o cancerzinho idiota. Não vai ter perigo para ninguém. Ele não é transmitido assim. Não é contagioso! – Menino! Que Escoteiro era aquele? Waldo de quatorze anos me dando lição?

Eu tinha levado uma cadeira de praia para ele ficar sentado. O dia que ele quisesse eu o levaria em minhas costas até as Escarpas Cintilantes. Ele recusou a cadeira. Vou fazer a minha Chefe. Devagar mas vou fazer. A Patrulha viu que ele estava doente. Disse para ela que ele estava se recuperando de uma forte pneumonia. Ele quase não participava das atividades, mas ajudava na cozinha sempre. Fez uma bela cadeira. Sentava e fechava os olhos. Seus lábios entreabertos pareciam sorrir. No penúltimo dia vi que ele respirava com dificuldade. – Waldo vou leva-lo para sua casa. – Chefe nem pensar. Me leve agora até as Escarpas Cintilantes. Meu tempo está se esvaindo.

Fui sozinho com ele. Em principio foi andando depois vi que não aguentava. O coloquei no colo. Uma palha de tão magro. Em menos de meia hora

chegamos. Sentei junto com ele na barranca que dava para todo o Vale dos Sinos. Um espetáculo a parte. Deviam ser umas cinco e meia. Chefe posso fazer um pedido? Claro meu amigo. Claro. Quando eu estiver sendo guardado na terra dos meus ancestrais não quero que cantem a canção da despedida. Cantem todas aquelas alegres para que eu tenha boas lembranças. O sol foi aos poucos tentando se esconder atrás das montanhas do Grilo Feliz. Waldo sorria. Não tirava os olhos. Eu engasgado. Danação! Eu não era como ele. Estava difícil aguentar. Queria chorar e não podia. Não podia chorar naquele instante. Não podia. Eu sabia que eram seus últimos momentos. Waldo me olhou. Piscou os olhos e me disse – Chefe foi a maior alegria que já tive. Vou levar para sempre esta lembrança comigo. Obrigado Chefe. Obrigado. Foi aos poucos deitando no meu colo. Esticou suas perninhas secas. Waldo morreu sorrindo no meu colo naquele anoitecer de junho. Ficou ali imóvel como se estivesse dormindo.

Fiquei ali chorando por muito tempo. Alguém bateu no meu ombro. Olhei e não vi ninguém. Lá onde o sol se pôs vi uma nuvem branca brilhante que logo desapareceu. Desci as escarpas com ele no colo. Uma eternidade até chegar ao acampamento. Uma dor profunda. Toda a tropa chorava. Voltei para a cidade. Não chorava mais. Meu coração sumiu. Minha vontade não era minha. Naquele momento achei que eu também tinha morrido com o Waldo. No dia seguinte estávamos todos na sua exéquias. Cantamos ao som de um violão a Stoldola, Avante Escoteiro, Lá ao longe muito distante e outras. Todos cantavam com vigor escoteiro. Muitos choravam. Eu também. Não dava para segurar. Os anos passaram. Nunca me esqueci de Waldo. Nunca me apareceu em sonhos. Nunca falou comigo em espírito. Deve estar feliz, muito feliz em Capella, a terra dos seus ancestrais.

O pequeno Jor-el, o menino Escoteiro que veio das estrelas

(Lendas Escoteiras)

Sabe Chefe, eu o vi pela primeira vez em uma tarde chuvosa, estávamos em atividade no salão da sede, e ele praticamente apareceu do nada e se plantou em um canto. Ninguém notou acho que só eu. Estávamos em um jogo que chamavam de pescaria e por lerdeza ou por ver aquele menino ali plantado fui pescado. O senhor conhece o jogo. Dormiu, o cachimbo caiu. Mas tudo bem me aproveitei enquanto estava fora do jogo e me aproximei dele. Chefe! Senti uma vibração que nunca senti antes. Ele me deu um sorriso e me abraçou! Diabos! Abraçar um desconhecido? – Ele com uma voz de anjo, e nem sei se anjo tem voz me disse que sua missão era ser um Escoteiro por algum tempo. Bela maneira de pedir para entrar.

Ele parecia encantar a todos, pois em poucos minutos uma roda se fez em sua volta. Chefe Nantes chamou as patrulhas. Ninguém se mexeu. Parecíamos estar hipnotizados. Apitou de novo e com má vontade saímos dali. Quando formamos para a bandeira, pois era o final da reunião olhei para onde ele estava e não havia ninguém lá. Quer saber Chefe? Como o Chefe Bob o aceitou não sei. Ele era um Chefe durão, sem pais nada de vaga! Dizia sempre. No sábado seguinte ele estava lá. Ele foi apresentado à tropa. Chefe, Deus do céu, precisava vê-lo de uniforme. Incrível! Ele estava com um lenço azul celeste bordado com estrelas douradas e seu arganel era feito de brilhantes. Todos os monitores correram para oferecer suas patrulhas. Chefe Nantes não sabia o que fazer. – Olhem, não é comum isto, mas o Chefe Bob me pediu que ele ficasse três reuniões em cada patrulha. Não entendemos nada. Mas Chefe é Chefe e assim foi feito. Não soube se a Corte de Honra discutiu o assunto eu era um simples Escoteiro segunda classe.

Chefe meu amigo até hoje quando lembro fico paralisado. Sabe chefe eu nunca entendi aquele pequeno menino das estrelas que com um simples sorriso conquistava a todos. Ele começou com os Lobos e depois a Pantera. Eu era da Falcão e fiquei sabendo que seríamos os últimos a recebê-lo. Não antes da Tigre. Mas ele parecia não ter uma patrulha no coração, tinha todas. Sabia de tudo sobre elas. Um dia antes da reunião estávamos sentados embaixo da aroeira, uma rotina nos dias de calor ele começou a cantar uma canção linda. Chefe, meu Deus! Que voz ele tinha. E a canção? Falava de Escoteiros na montanha azul onde só o amor existe. Os lobos

largaram a Aquelá e vieram correndo. Os seniores e as guias deixaram a construção da quadra e vieram também. Ninguém falava, não havia barulho, só aquela voz maravilhosa que até hoje não sei explicar. Ele parou de falar e sem ninguém levantar começou a contar uma história. Que linda história. De um menino que conheceu centenas de planetas, que percorreu a via láctea, e todo o espaço sideral.

Vi que ninguém piscava ninguém se mexia. Com um simples gesto ele colocou ali uma cópia do universo. Cópia? Não ria Chefe, eu sou péssimo em geografia e nada entendo de astronomia. Mas ele Chefe, falava de tal maneira que a gente parecia viver com ele à medida que explanava tudo do espaço sideral. Não vou dizer aqui os nomes de estrelas, de constelações e que em linguagem simples ele disse que se pode percorrer como se fosse nosso pensamento. Contou das belezas do universo e que um dia nós também iríamos ver com nossos próprios olhos. Sem ninguém perguntar Chefe ele contou de onde veio um planeta a bilhões de anos luz da terra. Não disse o nome, falou que não iríamos entender. Disse que sempre voltava ao seu lar após as reuniões. Só retornava quando precisava fazer algum estudo de comportamento humano.

Levantou-se e pediu ao Chefe para continuar a reunião. Estava chovendo e ele olhou a chuva e ela parou. Um sol brilhou. Todos ficaram estupefatos. O menino Escoteiro das estrelas no primeiro acampamento vibrou. Chefe precisava o ver armando barraca com as próprias mãos. Contou depois que em seu lar no espaço ele usava a força do pensamento. Quando começou a montagem da Barraca suspensa Chefe, ele se jogava no ar e ria a valer quando fazia uma amarra, um nó, um arremate qualquer. As madeiras que ele cortou foram levantadas no ar com um simples olhar. Pode perguntar, não vou negar Chefe, ninguém ali duvidava de nada. Ninguém perguntou como ele fazia. Parecia que através do pensamento ele ia ensinando tudo sem falar diretamente. E como comia Chefe, parecia um esfomeado. Ria a valer quando mastigou pela primeira vez bife queimado do cozinheiro Jonny limbo.

Foi no Fogo de Conselho que tudo aconteceu. Ele fez questão de preparar. Acendeu com um simples gesto. Levantou os braços e parecia que as estrelas dançavam no céu. Toda a área do fogo foi iluminada por uma luz brilhante. Parecia que do céu desciam anjos e estávamos todos parados, sem nada a dizer. Um silêncio rompido pelo canto da fogueira. Ele sabia, ele sabia! Cantava e nos animava a cantar. Pediu para Robespierre que tinha vindo dos lobos dançar a dança de Kaa. Mas ouviu uma hora que ele disse – Meus irmãos Escoteiros é hora de partir, não vou dizer que é mais que um até logo, não será mais que um breve adeus, minha missão era alertar vocês que não estão sozinhos. Existem milhões de planetas com muitas pessoas fazendo o

bem. Vocês ainda não chegaram lá. Lembrem-se é como uma escola, a terra ainda tem muitas etapas para cumprir. É como se ela estivesse fazendo o primeiro grau. Impossível levá-la a estudar com aqueles que estão fazendo pós-graduação. Não iria entender nada.

Mas fiz questão de estar aqui com vocês. Por quê? Porque vocês tem uma lei. Uma lei que se pode dizer existe em todo universo. Palavra de honra, lealdade, cortesia, irmandade, disciplina, alegria e puro nos pensamentos nas palavras e ações. Não existe nada mais lindo que isto. Conheci o Chefe de vocês que criou na terra o escotismo. Ele veio para isto, era sua missão. Obra do altíssimo. Estivemos juntos em um planeta distante. Ele já está subindo degraus para chegar bem perto “Dele”. Nosso Deus supremo. Poderia ter feito esta jornada de outra maneira, mas fiz questão de estar aqui. De todos os excelentes Escoteiros do mundo senti nesta tropa uma força muito diferente do que encontrei em minhas viagens siderais. Aqui vocês tem o amor no coração. Não vi ódio, não vi rancores. Vi coisas que dificilmente se poderia esperar de alguém que mora em um planeta como a terra.

Chefe, oh! Chefe! Ele falou tantas coisas bonitas e antes da chegada do vento sul que começou a soprar calmamente ele partiu. Seu pensamento vibrava com o nosso. Ali só se falava de amor ao próximo, de ajuda ao próximo. De ser um bom Escoteiro, um bom filho e um bom aluno. Piegas Chefe? Pode até parecer, mas quando aquele menino Escoteiro das Estrelas veio ao nosso grupo pela primeira vez, já sabíamos que ali estava um espírito de luz, tanta luz que como ele disse, teríamos que estudar muito e crescer além da imaginação para chegar lá. Mas um dia, um dia iremos chegar!

“A cada novo minuto você tem a liberdade e a responsabilidade de escolher para onde quer seguir, mas é bom lembrar que tudo na vida tem seu preço.”

Zíbia Gasparetto

Sou lenda, Porque as lendas são envoltas em Mistérios e Magias. São uma criação dos caminhos da mente, da vaga imaginação da liberação dos silêncios da alma... Mas acreditem, quando contei pela primeira vez esta história juraram que era uma lenda. Tanto disseram que quase cheguei a acreditar que era. Mas meu Deus! Não teria nem um pouco de realidade? Você é quem vai dizer...

Ariranha, um cão inesquecível

(*Lendas Escoteiras*)

Não tenho certeza se foi em 1953 ou 1954 que conheci Ariranha. Nove dias para ser exato convivemos juntos em um acampamento de tropa na Mata do Quati. Não dá para esquecer, pois foi nossa segunda Olimpíada Escoteira, e a cada ano elas marcavam época. Ideia do Munir, um Pioneiro meio afastado do grupo. Chefe Jessé relutou, mas a Corte de Honra achou a ideia esplêndida. Era uma Olimpíada diferente. Sempre acampávamos em uma clareira próxima ao Rio do Morcego, onde se avistava a bela cachoeira do Sonho. Na época da Piracema era um espetáculo ver os peixes tentando subir nas corredeiras e pulando sobre as pedras. Se podia pegar com a mão.

As provas eram somente de atividades aventureiras e técnicas – Subir em árvores de seis metros de altura em um minuto – atravessar o rio nadando em dez minutos ida e volta (60 metros) – Fazer 25 nós escoteiros ou de marinheiro em seis minutos de olhos fechados – Deixar-se cair da cachoeira (oitos metros) em um tambor vazio de 200 litros – Semáforas e Morse uma prova onde tínhamos grandes sinaleiros – Fazer um café e pão do caçador em oito minutos – Uma fogueira em dez minutos que durasse quarenta minutos sem alimentar – Cortar uma tora de madeira de oito polegadas em oito minutos usando só um facão – Trilha e pista de animais e tantas outras que deixaram saudades.

O caminhão da prefeitura nos deixou pela manhã na trilha da mata que levava ao Rio do Morcego. O resto era a pé. Apenas quatro quilômetros. Adorávamos este acampamento anual. A Patrulha se preparava meses antes. O troféu pela vitória alcançada não eram medalhas. Uma faca Escoteira, um canivete Suíço, uma bússola, vários distintivos de lapela com flor de lis, prêmios que ambicionávamos muito. Cada Patrulha tinha o seu campo separado da outra mais ou menos por oitenta metros. As pioneiras eram feitas no primeiro dia, pois no segundo as Olimpíadas começavam.

Lembro que estava fazendo uma fossa para o WC quando avistei Ariranha. Notei algum diferente. Parecia um lobo Guará, mas tinha o pêlo cinza e quase sem rabo diferente do lobo que conhecia bem. Quem sabe era um cruzamento com um vira-lata qualquer com alguma loba perdida por aí. Ele nunca sentava. Sempre em pé, orelhas para o alto e olhando sem piscar o que fazíamos. Quando me aproximava ele dava alguns passos para trás e parava. Durante todo o dia ele ficou lá, próximo

ao nosso campo de patrulha. Acho que foi o Israel que lhe deu o nome de Ariranha. Porque não sei. À noite quando íamos dormir ele ficava na entrada do pÓrtico com se fosse velar nosso sono. Pela manhã impreterivelmente lá o encontrávamos.

Durante a realização das provas da Olimpíada, ele ficava muito próximo a mim. Uma vez entrando na mata a procura de uma pista pisei em falso e um enorme corte se fez em minha perna bem abaixo do joelho. Ele veio até a mim pela primeira vez e lambeu onde o sangue escorria. Parou na hora. Quando passei a mão em seu pêlo saltou de lado e tomou distância. Uma noite acordamos com seus latidos. Latia para uma enorme cascavel que impreterivelmente invadiria nosso campo. Ele a espantou. Outra vez seus latidos foram mais altos e foi à tarde quando estávamos tomando banho no córrego da Lagartixa. Desta vez era uma Onça parda. Fugiu com seus latidos.

Durante os nove dias de campo, Ariranha lá permaneceu. No último dia no cerimonial de bandeira Ariranha se colocou ao meu lado na ferradura. Não me olhava. Estava fixo na bandeira Nacional. Enquanto ela farfalhava ao sabor do vento e descia dos céus seus olhos acompanhavam. Quando as patrulhas deram o grito ele ficou no meio e pela primeira vez se deixou abraçar. Foi um espetáculo comovente. Todos os escoteiros das demais patrulhas vieram também abraçá-lo. Ao partirmos ele nos acompanhou até a estrada onde pegaríamos o caminhão da prefeitura. Ao subir na carroceria ele estava lá me olhando. Abanando o pequeno rabo e deu um uivo enorme. Gritante e choroso. Como se fosse um lobo de verdade se despedindo para sempre.

Voltei para casa chorando. Chorei por vários dias. Devia ter trazido ele comigo, mas meu pai disse que ele era da floresta, nunca iria se acostumar na cidade. Chamei o Romildo na semana seguinte e fomos até lá de bicicleta. Rodamos e rodamos e nem sinal de Ariranha. Nunca mais o vi, mas nunca mais o esqueci. Ariranha ficou marcado em nossa Patrulha lobo. No nosso livro de Atas ele teve um lugar especial. Não sei se é fácil explicar como se ama um cão/lobo em poucos dias e nunca mais o esquece. Não sei mesmo. Até hoje me lembro de Ariranha com saudades. Histórias são histórias, tem umas que marcam, tem outras que ficam gravadas em nossa mente para sempre!

Rataplã Chico Fumaça, nós te amamos para sempre!

(Lendas Escoteiras)

Ele não entendia por quê. Aonde ia estavam sempre gritando e dizendo – Chico Fumaça, o bobão! – Ele ficava triste porque não tinha feito nada com ninguém. Desde pequeno sempre fora assim. Ficou pouco tempo na escola. Seus colegas na classe sempre jogando bolinhas de papel e dizendo – Chico Fumaça, o bobão! Fizera no mês passado doze anos. Sua mãe e seu pai comemoraram com uma festa para ele. Mas convidar quem? Sabiam que ninguém iria à festa do “bobão”. Chico Fumaça até que não se incomodava. Como falava pouco e nunca gritava deixava que falassem. Não ligava mais. Mal dizia algumas palavras a sua mãe e seu pai. Ele um carroceiro que fazia mudanças e entregas, ela uma simples lavadeira que passava os dias na beira do Rio Azulão com duas ou mais trouxas de roupa.

Chico Fumaça vivia mais em casa. Deixou a escola. Não dava para ficar lá. Até a Diretora concordou. Não podia controlar os alunos. Do pouco que aprendeu ele desenvolveu uma grande facilidade em escrever e ler. Ia ao Pingo D’água, onde despejavam o lixo da cidade e lá encontra muitos livros. Já havia feito uma coleção de mais de duzentos livros. Ele os limpava encadernava e guardava em um pequeno guarda roupa que tinha. Quando não estava ajudando o pai ou a mãe Chico Fumaça lia. Aprendeu a ler com rapidez e através das leituras começou a compreender o mundo. Chico Fumaça sentia falta de amigos. Muito mesmo. Um dia indo até a Quitanda do seu Afonso, uma molecada correu atrás dele e gritando Chico Fumaça bobão. Agora chamavam ele também com nomes feios. Jogavam pedras. Ele correu, mas eles não o deixavam em paz. Ao virar uma esquina deu de cara com muitos escoteiros. Duas patrulhas. Escondeu-se atrás deles. Os meninos calaram. Os escoteiros já sabiam quem ele era. Um deles, moreno forte, alto quase da sua idade disse aos moleques que eles não deviam fazer aquilo. Era errado. Ele era um só e eles muitos. Era covardia. Daquele dia em diante disse, Chico Fumaça seria protegido dos escoteiros. Quem fizesse qualquer coisa com ele teria de se haver como toda a tropa dos escoteiros. Foram embora e preocupados. Agora Chico Fumaça era amigo dos escoteiros. Não ia ser fácil rir dele.

Convidaram Chico Fumaça para ir visitá-los. Ele foi. Adorou tudo que viu, mas sabia que não dava para ficar com eles. Não podia comprar e nem pagar nada. Fizeram um conselho de Patrulha e logo em seguida os Monitores se reuniram em Corte de Honra. Chefe Marcondes presente. Deliberaram que todos iriam ajudar. Chico Fumaça seria aceito. Sua mãe e seu pai foram lá. Choraram de emoção pela bondade dos escoteiros. No primeiro dia recebeu de graça uma camiseta vermelha com o símbolo de uma Águia no peito e nome do grupo. Até você fazer sua promessa disseram. Em duas semanas ele foi a uma excursão. Amou tudo que fez e viu. O incrível aconteceu. Ninguém conhecia e nem tinha visto um Escoteiro como Chico Fumaça. Vários passarinhos fizeram amizade com ele e ficavam em volta quando não pousavam em seu ombro. Ele ria e cantava de alegria.

No dia de sua promessa, uniforme novo, chapelão ele estava orgulhoso. A sede Escoteira ficou escura. O que seria aquilo? Então viram no céu uma nuvem de pássaros de todas as cores, gorjeando e cantando canções desconhecidas. Um bem-te-vi amarelo e um beija flor dourado ficaram em seu ombro durante a promessa. Foi emocionante! No final quando o lhe entregaram o distintivo e o lenço milhares de pombas, gaviões vermelhos, tucanos verdes e amarelos, além de inúmeros pássaros pretos fizeram voos rasantes na sede. A cidade viu aquela revoada de pardais indo para a sede dos escoteiros e muitos foram lá para ver. Ninguém sabia explicar o que significava. Disseram que Chico Fumaça falava com eles. Ele dizia que não. Era somente amigo.

O tempo passou. Chico Fumaça foi para os seniores. Foi ali que descobriu que podia escrever contos, historias tudo porque participou pela primeira vez em um concurso de Contos Escoteiros do distrito. Escreveu um conto lindo. “A revoada dos pardais de Serra Dourada”. Seu conto fez sucesso. Dai para o primeiro livro foi um pulo. “O besouro verde apaixonado”. Alguém se ofereceu para publicar. Virou um Best-seller nacional. Traduzido em vários idiomas bateu recordes e recordes de venda no mundo inteiro. Chico Fumaça se tornou um escritor famoso. Nunca deixou o Grupo Escoteiro. Rico ajudava a todos que o procuravam. Recebeu dos escoteiros a medalha de gratidão ouro. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Ficou conhecido no mundo todo. Só se apresentava de uniforme escoteiro. O prefeito da cidade em solenidade especial na praça lhe deu a Ordem do Cruzeiro do Sul. Então o incrível aconteceu. Ninguém até hoje soube explicar. Um mistério para os habitantes daquela cidadezinha.

Quando colocaram medalha em seu peito, Chico Fumaça chorando, todos emocionados viram que a cidade ficou escura de uma hora para outra, no céu milhares de pássaros escreveram:

RATAPLÁ CHICO FUMAÇA, NÓS TE AMAMOS PARA SEMPRE!

As névoas brancas do Rio Formoso

(*Lendas Escoteiras*)

*O nada é a profecia da minha partida
o tudo é sopro que busca aquiescer
sou uma cor do arco-íris... Perdida
o lume solar na gota de chuva a correr
para beijar a névoa que deita escondida
a deleitar-se nos braços do amanhecer*

Cellina

Faz muito, muito tempo quando a nossa Patrulha Sênior descobriu as lindas e espetaculares cachoeiras do Rio Formoso. Eram incrivelmente belas. Ainda sem rastros humanos. Pensei comigo que precisava acampar ali. Três quedas simultâneas, um som imperdível das cataratas caindo sobre as pedras e dando outro salto no espaço. Em volta uma floresta ainda inóspita. A névoa se formava a qualquer hora do dia. Uma visão fantástica. Quando vi pela primeira vez eu estava com meus quinze quase entrando nos dezesseis anos. Descobrimos por acaso. Uma jornada até o Serrado do Gavião onde existiam milhares de Folhas Secas. Um terreno vazio, sem árvores e muitas folhas. Era um mistério saber de onde vinham. Soubemos da história. Vamos lá disse o Romildo. Patrulha Sênior, cheia de ardor, procurando aventuras, vontade de enfrentar desafios e nada como descobrir. Está no sangue dos seniores.

O caminho iniciava na Mata do Tenente, famosa porque uma tropa do exército ficou vinte dias perdidos nela. Saíram com dificuldade, fracos e quase morreram. Bem, eles não eram escoteiros como nós. Risos. A mata não era um obstáculo e o rio também não. Dava para andar bem nas suas margens. Com quatro horas de viagem, vimos uma bruma cinza que se espalhava no ar. A mata parecia que estava em chamas. Que seria? O ribombar da cachoeira nos fez estremecer. Um espetáculo magnífico. Incrivelmente fantástico! A cachoeira formava redemoinhos no ar. Uma nuvem de vapor cobria certas partes da queda d'água. Os pássaros se deleitavam. Voavam de supimpa naqueles redemoinhos e saiam do outro lado molhados como se estivessem sorrindo. Não entendemos o porquê da névoa. O Rio Formoso era todo formado por quedas de diversos tamanhos e na falta delas, as corredeiras davam outro brilho aquele magnífico rio. Quem o batizou deveria ter sonhado muito com coisas belas, pois o Rio era formoso e um grande espetáculo.

Pretendíamos chegar ao Serrado do Gavião ainda naquela tarde e se

não parássemos nossa jornada seria cumprida. No entanto o espetáculo a cachoeira nos hipnotizava. Sentamos numa pedra próxima e os barulhos das quedas d'água eram tão intensos que mal dava para conversarmos. O ribombar das águas batendo nas pedras eram imensos. Romildo levantou e fez o sinal. Mochilas as costas. Fomos em frente. Com tristeza, pois sabíamos que na volta o caminho não seria o mesmo. Voltaríamos pela Mata do Peixoto já conhecida. Subimos as pedras, olhamos novamente, pois íamos embrenhar na mata longe do Rio Formoso. Impossível prosseguir. Aquela cachoeira nos hipnotizou. Parecia dizer para nós que não podíamos deixá-la sozinha na noite que estava por vir. Paramos. Um círculo de seis seniores se formou. Ir ou parar? Seis votos a favor, nenhum contra. Todos escolheram e Romildo aceitou. Escolhemos um local próximo à primeira queda para pernoitar. Não armamos barracas. Iriamos dormir sob as estrelas em pedras lisas que as enchentes do Rio Formoso nos reservaram. Sem sinal de chuva. “Vermelho ao sol por, delícia do pastor”. A noite chegou um jantarzinho gostoso foi servido pelo nosso cozinheiro Fumanchu. Comemos ali mesmo olhando para as quedas no lusco fusco da tarde. Um espetáculo maravilhoso. Era uma visão dos Deuses.

Ficamos horas e horas sem conversar. O barulho era imenso. Cada um de nós meditava as maravilhas que nos são reservadas pelo Mestre. A noite chegou de mansinho, o espetáculo maior ainda estava por vir. Uma bruma em forma de nevoa branca foi tomando conta onde estávamos e penetrando na mata calmamente. Ainda mudos. Cada um olhando. Aqui e ali um canto de um gavião procurando seu ninho. Israel acendeu um fogo. Pequeno. As chamas se misturavam com a névoa branca. Raios vermelhos das chamas ultrapassaram a nevoa. Que espetáculo! Um céu colorido como se fossem milhares de arco íris noturnos. Ninguém queria falar. Ninguém falou em dormir. Não sei quanto tempo ali ficamos. Estávamos como encantados por uma feiticeira perdida no tempo naquela névoa e esquecidos de quem éramos.

Acordei de madrugada. Amanhecendo. O rosto molhado com o orvalho que caía da bruma branca que nos fez companhia toda a noite. Cada um foi levantando. Arrumamos nossa tralha. Comemos uns biscoitos de polvilho. Olhamos pela última vez aquelas quedas que nos levou sem saber a um paraíso perdido daquele rio que chamavam de Formoso. Calados e mochilas as costas nos pomos em marcha. Alguém olhou para trás, a névoa branca se dissipava. Deu para ver centenas de pássaros se molhando nos respingos da cascata imensa. Durante horas ninguém falou. Sempre olhando para trás. Somente o pequeno trovejar ainda se ouvia das quedas que já haviam desaparecido no horizonte. Nunca mais voltei lá. Ninguém de nós voltou. Pas-

saram uma cerca de “arame farpado” em tudo. O homem só o homem resolvia quem entra e quem sai. Já não havia mais a natureza, pois foi substituída pelos desmandos do ser humano. Aquele que mesmo chegando depois dela, diz arrogantemente: “sou o dono da terra, dono da natureza”.

Quanto ao Serrado do Gavião é outra historia. Não deixou tantas saudades como a Névoa branca do Rio Formoso, mas valeu.

O passo do elefante

(Lendas Escoteiras)

*“O circo chegou à cidade,
É tempo de pensar no que se viu
Montaram uma tenda bem grande,
“Uma tenda do tamanho do Brasil!”*

Interessante. A vida da gente é sempre cheia de surpresas e quando nos lembramos das boas damas um enorme sorriso. Estava eu absorto e escrevendo quando começou a tocar “O Passo do Elefante” com a orquestra de Henry Mancini (Baby Elephant Walk, escrito em 1961 por este compositor para o filme Hatari). Adoro esta música principalmente porque ela me faz lembrar-se de Rafaella, uma loabinha morena, sete anos, miudinha e sempre de fisionomia séria. Dificilmente sorria para alguém. Nunca faltou uma reunião e mesmo doente chorava para ir. Uma vez chorou tanto que seus pais com sua charrete (não tinham carro) a levaram agasalhada e enrolada em uma manta para a sede. E quem disse que adiantou a Akelá, o Baloo ou a Kaa falar com ela? Necas! Ficou lá sentada em uma cadeira só olhando e sem sorrir!

O Circo dos Palhaços Impossíveis estava na cidade. Naquela época onde armavam sua tenda eles faziam questão do desfile apoteótico. Eles sempre se instalavam as margens da Estrada do Fim do Mundo. Chamava-se assim porque era esburacada, pontes caídas, assaltantes enfim, era mesmo um fim de mundo. Não se chegava a lugar algum. Nem bem o circo chegou e um carro de som saiu às ruas anunciando as atrações. Depois vinham atrás palhaços, equilibristas, artistas e animais exóticos. A rua enchia de gente e nas janelas apinhavam-se todos. A meninada vibrava correndo atrás e muitos davam plantão junto ao circo na sua montagem para ver o movimento. A maioria dos jovens do Grupo Escoteiro Olavo Bilac estava lá. Boquiabertos. Vendo aquela parafernália sendo montada. Os pais sorriam de contentes, pois pelos menos os filhos tinham aonde ir e os sonhos das molecagens agora tinham uma pausa.

Rafaella viu o desfile. Não sorriu, mas quando o elefante passou com a Rainha de Sabá sentada em seu dorso seus olhos brilharam. Sua mãe e seu pai não notaram seu súbito interesse. Eles mesmos achavam estranho dela não sorrir. Pessoas humildes sem posses consultas a médicos especialistas estava fora de cogitação. Chefe Noravinio em reunião dos chefes do grupo sugeriu que o grupo todo fosse em um

espetáculo. Época de férias poderiam combinar com o dono do Circo e quem sabe seria mais barato? Dito e feito. O Senhor Wiener Neustadt proprietário do circo exigiu que fosse chamado de Arquiduque Maximiliano, pois era trineto do próprio. Discutir para que? – Sexta, às dezesseis horas. O circo vai apresentar um espetáculo especial para os Escoteiros falou. Uma gentileza de Arquiduque Maximiliano, lembrem-se disto! Não irão pagar nada!

Uma festa. Mais de cento e quarenta membros. Grupo grande. Junto outros tantos de familiares e penetras aproveitando a “boca livre”. Duas horas todos na porta. Uniformizados é claro. Rafaella rondava o circo. Viu a jaula dos animais e próximo o elefante. Tentou aproximar. Não deixaram. O espetáculo começou. Uma bandinha, o apresentador – Respeitável publico! Seguiu os artistas, equilibristas, mágicos, saltimbancos e os animais. O brilho, a beleza e o colorido dava asas a imaginação e a fantasia dos escoteiros. Eram levados para um mundo diferente. Um mundo de sonhos, das alegrias e os palhaços? Incríveis! A escoteirada pulava de alegria. Mas Rafaella só olhava. Não sorria. Um elefante adentrou na arena. Junto um menino vestido de indiano com um turbante azul. O elefante o seguia. Rafaella ficou de pé. Sorriu! Rafaella sorria! Ninguém a viu sorrindo, acho que só eu.

Ninguém prestava atenção em ninguém. Naquela hora só a arena e os espetáculos de sonhos, de azuis, amarelos, vermelhos e de mil cores que estavam sendo visto pelos escoteiros. Só viram Rafaella na Arena. Susto! Gritaram – Rafaella volte! Ela não ouvia ninguém. Foi até o elefante. O tocou na tromba. O elefante olhou para ela. Ajoelhou-se e sentou. A pegou com a tromba e bramindo a jogou no ar pegando-a novamente. Rafaella dava gargalhadas e a escoteirada acompanhou. Seu Arquiduque Maximiliano veio correndo. Mas o elefante levantando a colocou em seu dorso e ficava em pé sempre segurando Rafaella com a trompa.

O adestrador de animais conseguiu retirar Rafaella de lá, mas ela gritava para não sair. Na arquibancada ela parou de rir. Ninguém entendeu nada. Rafaella sorrateiramente pulou por baixo da arquibancada, passou por baixo da lona e quando procuraram por ela foram encontrar junto ao elefante atrás do circo e dando risadas. Interessante que o elefante gostava dela. O circo ficou na cidade nove dias. Embarcaram em um trem da Leopoldina rumo à outra cidade. Rafaella sumiu. Cidade pasmada! Impossível diziam. Aqui não tem disso. Procura mil. Rafaella tinha entrado no vagão do elefante como clandestina. Descobriram quando chegaram a Nuvem Azul. Seu Arquiduque Maximiliano passou um telegrama para irem buscá-la. Interessante. Rafaella voltou a sorrir. Quando voltou a Alcatéia foi recebida como a heroína de

aventuras. Palmas e abraços. Valeu Rafaella. Um dia não há vi mais. Soube que seus pais foram morar em uma fazenda de um parente que morreu. Quem sabe lá junto à natureza ela não esteja sorrindo junto a um Lobo Guará cinzento e brincando pelas campinas verdejante? Rafaella, um sonho de menina. Uma lobinha que soube fazer sua própria aventura.

O último adeus do Velho Lobo

(*Contos de Natal*)

Para ele seria o mesmo natal de sempre. A família reunida, os netos correndo pela casa, as conversas dos filhos, tudo muito parecido com os anos anteriores, mas sempre com um sabor especial. Quarta feira, 24 de dezembro. Ele acordou cedo. Tomou seus remédios e sem o desjejum partiu. Era sempre assim. Uma volta no bairro para sua caminhada matinal. Sabia que no retorno o café fumegante estaria pronto. A família sempre se reunia à tarde, e por volta da meia noite todos iam a mesa para se refastelarem com o magnífico manjar da Mama. Ele já havia notado uns lapsos de memória e sabia a tempos que seus pensamentos se misturavam. 🎵 “A Santa Catarina pirolim pirolim pom pom, era filha do Rei” 🎵. Sentiu-se cansado e sentou em um ponto de ônibus na avenida próxima a sua casa. Fechou os olhos para tentar fazer sua mente voltar ao presente. Não sabia como, mas o ônibus chegou e ele entrou. Sentou na frente. Porque fazia isto? Ele não sabia. Nunca fez isto antes. Na viagem que ele não sabia o destino se lembrou do seu passado. Viu-se menino escoteiro na Mata do Morcego. Encurralado em uma árvore por uma jaguatirica. Ela o olhava com olhar amigo. Ele não acreditava. 🎵 “Acenda, Fogo, acenda, Acenda essa fogueira”. Aqueça minha tenda e ilumine essa clareira! 🎵...

- Senhor aqui é o ponto final! – disse o motorista. – Mas como vou fazer para voltar? – Espere o próximo ônibus. Este vai se recolher a garagem! Ele desceu. Não sabia onde estava. Lembrou-se quando sênior acordou em um vale enorme, cheio de pássaros cantantes e uma cascata que faziam um barulhão. Ele não sabia onde estava quando saiu da barraca. Chegaram à noite perdidos e sem rumo certo. 🎵 “Acorda escoteiro que o galo já cantou, cantou, cantou o galo já cantou... Co-co-ro-có.... 🎵. Olhou para um lado e para o outro, uma enorme avenida e milhões de carros passando de um lado e de outro. Prédios enormes. Qual ônibus para voltar? Ele não sabia. Não sabia de mais nada. Esquecera seu telefone e endereço. Nunca saía com seus documentos, pois sua volta no quarteirão era pequena. Viu que nem dinheiro tinha – Seu guarda, preciso voltar para casa – Onde o senhor mora? – Não sei! – Seu nome? – Não lembro. Sei que me chamavam de Velho Lobo, eu fui escoteiro. – O guarda o olhou de esguelha. – Não posso ajudar, atravesse a rua e ande dois quarteirões. Vais encontrar uma viatura equipada com rádio. Quem sabe podem ajudar o senhor! 🎵 “Avançam as Patrulhas, lá ao longe, lá ao longe. Avançam as Patrulhas, cantando com valor, lá ao longe!”“...

Teve medo ao atravessar. Nunca viu tanta gente correndo e querendo chegar

do outro lado. Confundiu-se e no meio do caminho parou. Sua mente o levou até o Despenhadeiro do Lobo. Um medo incrível de escorregar e cair. Ele ficou pendurado em um galho e se não fosse o Nonato cozinheiro tinha morrido. 🎵 “Rigor, Boom, rigor, boom. Vem correndo depressa Escoteiro Ajudar o cozinheiro a fazer um jantar supimpa, supimpa Parazibum, zibum” 🎵. Parou no meio da avenida. Nunca sentiu tanto medo. Ninguém se preocupava com ele. Mesmo com seus 87 anos ele ainda pensava que podia manter o domínio de si mesmo. Em passadas largas atravessou a outra parte da avenida. Sentiu que alguém o segurava por trás e na frente um jovem lhe deu um murro na barriga. Ele sentiu uma dor tremenda. Ali na calçada estava sendo assaltado por pivetes e ninguém o socorreu. 🎵 “Como é feliz o acampamento na floresta, Junto de nós passa um riacho a murmurar, cantam as aves em seus ninhos sempre em festa, o vento sopra a ramagem a cantar!” 🎵. Uma moça o pegou com braço e mandou-o sentar próximo ao vão do MASP. Eram duas da tarde, ele precisava dos seus remédios. A fraqueza chegava e ele sabia que não ia aguentar.

Precisava comer. Em sua casa já teria almoçado. Lembrava que nem o café da manhã tomou. Levantou com dificuldade. Viu uma lanchonete, viu coxinhas, e bolinhos de carne. – Moço eu posso comer um e pagar depois? – O garçom riu. – Sem dinheiro necas meu Velho. Saiu andando em passos trôpegos. Começou a sentir tontura. Sabia por quê. A diabete fazia efeitos em seu corpo. 🎵 “Quando se planta la bela polenta, la bela polenta, Se planta cosi. Se planta cosi. Oh, oh, oh, bela polenta cossi” 🎵. A tarde chegou de mansinho e as luzes dos postes se ascenderam. O frio começou a fazer efeito em seu corpo. Não tinha blusa. Uma senhora negra riu quando viu que ele tiritava de frio. Lembrou-se quando se aventurou no Deserto de Atacama e no Vale da Morte. No dia um calor de rachar a noite o frio era demais. – Venha comigo ela disse. Debaxo do viaduto tem fogueiras feitas pelos meus amigos. Ele foi. 🎵 “Em Silêncio acampamento, este canto vinde ouvir, são fagulhas da fogueira que nos dizem escoteiros a Servir” 🎵...

A noite foi cruel. Mesmo em volta daquela fogueira ele pensava que não iria resistir até o outro dia. Carros passavam proximo buzinando. Era noite de natal e ele não se lembrava do seu nome, de sua família só lembrava-se do seu apelido. Velho Lobo. Lembrou-se também da subida no Pico da Manada no Peru. Dormiram encostados em uma enorme pedra onde cabia só dois e eram cinco! Foi lá que pela primeira vez viu a neve que caia em flocos brancos e lindos de ver. 🎵 “Longo é o caminho, longo, longo, mas andaremos sem parar! Duro é o caminho, duro, duro, cantemos para não cansar!” 🎵... Dormia e acordava, dormia assentado encostado a lateral do viaduto. Os seus novos amigos dormiam tendo como cobertor papelões que eles

guardavam das lides onde recolhiam lixo reciclado para sobreviver. Ouviu ao longe alguém cantando uma canção de natal. Lembrava vagamente quando em uma reunião de Giwell em um Jamboree alguém contou uma história de natal. A lembrança o emocionou. 🎵 “Eu era um bom lobo um bom lobo de lei. Não estou mais lobando, o que fazer não sei, me sinto velho e fraco não sei mais lobear, logo a Gilwell Assim que eu possa vou voltar” 🎵...

O dia amanheceu. Ele estava fora de si. Sentia falta de ar, tremia e quase não ficava em pé. Seu corpo não obedecia a sua mente. Como um robô saiu cambaleando pela rua. As pessoas desvencilhavam-se achando que ele estava embriagado. Até uma senhora disse bem alto – “Com esta idade e bêbado pela manhã”? Ele começou a se sentir mal. Uma dor enorme no peito. Sabia que era seu fim. Seus olhos se fecharam. 🎵 “Prometo neste dia, cumprir a lei, sou teu escoteiro, Senhor e Rei. Eu te amarei pra sempre, cada vez mais. Senhor minha promessa, protegerás” 🎵... Viu sua mãe sorrindo, como ela era bela e nova. Viu seus irmãos e irmãs que já tinham partido ali acenando. Fechou os olhos e esperou ser chamado para subir aos céus com eles. Acordou assustado em sua cama em seu quarto. Toda sua família em volta sorrindo. Era sua mulher, eram seus filhos, seus netos e vizinhos. O quarto cheio de gente. Bem vindo Papai, bem vindo marido, Vovô estava morrendo de saudades! Então não tinha morrido? Viu próximo uma jovem uniformizada de Escoteiro. – Quem é você? Foi sua esposa quem contou – Ela viu você caindo e dizendo ser um Velho Lobo. Sabia que você era um Escoteiro. Pediu um taxi e o levou ao pronto socorro. Telefonou para várias delegacias e uma delas já sabia do seu sumiço. Comunicaram por telefone. Ela meu marido, foi seu anjo de natal!

🎵 “Bravo, bravo Bravo, bravíssimo, bravo, bravo bravo, bravíssimo bravo, bravíssimo bravo, bravíssimo bravo, bravo bravo, bravíssimo” 🎵...

Uma canção para o Canário Amarelo de Giacomo

(Contos de Natal)

♪ *Imagine que não há paraíso. É fácil se você tentar
Nenhum inferno abaixo de nós, acima de nós apenas o céu.
Imagine todas as pessoas vivendo para o hoje.* ♪

Era apenas um filhotinho de canário amarelo caído do alto de uma castanheira em flor. Ficava em pé com dificuldade e já sabia que não podia voar. Sentiu-se só e abandonado. Sua mãe saíra para buscar o almoço e não voltou. Estava ali há horas e a fome só aumentando. Tentou um lugar para esconder, pois sua mamãe canária lhe dissera para tomar cuidado com o Gavião Malvado. Ele podia morrer se fosse encontrado só. Mas o que ele poderia fazer agora? Não podia andar e nem voar. Era muito pequeno e ali perdido naquela grama alta seria descoberto logo. Poderia ser pelo Gavião Malvado, poderia ser por um animal da floresta e poderia ser também pelo filhote de homem. Eles gostavam de machucar os pássaros da natureza. Fechou os olhos e chorou. Dizem que canário não chora, mas ele chorava. Saudades de sua mamãe canária, saudades do sua Tia A coruja Buraqueira. Ela também o protegia, mas desapareceu como o vento na tempestade.

♪ *Imagine não existir países não é difícil de fazer,
Nada pelo que matar ou morrer e nenhuma religião também,
Imagine todas as pessoas vivendo a vida em paz.* ♪

Ele ouviu passos. Pequenos passos de um menino pequeno. Ele o viu. O filhote de Canário Amarelo tremeu. Era sua hora de morrer. Meninos não gostam de pássaros assim disse sua mamãe canária. O menino vestia de azul com um lenço verde e amarelo no pescoço e um boné azul também na cabeça. Ele não sabia o que era isto. Mas viu que o menino sorria, não o maltratou. Tentou falar com ele, mas ele não o ouvia. O menino viu que ele não podia andar nem voar. Saiu correndo e algum tempo depois voltou. Colocou em sua frente semente de arroz cozida. Em uma latinha havia água de beber. Ele viu que o menino de azul tinha um bom coração. Sentiu-se revigorado após comer e beber. O menino ficou ali, não foi embora. Um sorriso simples como a dizer – “Não tenha medo eu tomarei conta de você”. Ele dormiu em paz

acreditando na paz do menino de azul. Não sonhou. Canários não sonham. Acordou sozinho, pois o menino de azul se foi. De novo sozinho. De novo o medo. Agora tinha água e comida e mesmo assim ele não podia fugir dos seus predadores.

*♪ Você pode dizer que sou um sonhador
Mas não sou o único, tenho a esperança de que um dia,
Você se juntará a nós e o mundo será como um só. ♪*

A noite chegou. Ele não tinha medo da noite. Para ele o dia e a noite era igual. Gostava mais da noite, pois podia se esconder. Ganharia mais um dia na vida. Sabia que o menino de azul não ficaria ali por muito tempo. Viu ao longe um amarelo branco aparecendo. Era a alvorada. O dia estava chegando. Onde estaria o menino de azul que lhe deu água e comida? Onde ele foi? Não entendia porque ele sumiu. A comida não iria durar muitos dias. Ele era pequeno tinha de comer bastante. Sentiu seu corpo revigorar. Levantou as asas e ela bateu para cima e para baixo. Tomou distância em uma trilha correu e saltou para o espaço. Caiu feito uma abóbora madura. Ainda não estava na hora? Impossível, ele tinha de tentar e tentou muitas vezes. Qual foi sua surpresa que de tanto tentar levantou voo. Como era lindo voar. Rodopiou no ar varias vezes e quase foi engolido pelo Gavião Malvado que voava por trás. Ele não viu. Não sentiu o som de suas asas.

*♪ Imagine não existir posses me pergunto se você consegue
Sem necessidade de ganância ou fome uma irmandade do Homem
Imagine todas as pessoas compartilhando todo o mundo. ♪*

Ele viu ao longe uma onça parda olhando por um precipício e sabia que devia ser sua caça. Ele estava à espreita, mas não atacou. Vou baixo para ver e qual foi seu espanto quando viu o menino de azul caído no buraco fundo. Ele estava com os olhos fechados e parecia estar com dor, pois chorava e cantava baixinho – Meu Jesus me proteja, não deixe que nada aconteça comigo neste dia de natal. Meus pais irão chorar quando não me virem na ceia da meia noite. Senhor Jesus amado, não quero que eles chorem. O filhote de Canário Amarelo sabia que precisava fazer alguma coisa. O menino de azul o salvou e ele tinha de fazer o mesmo. Pousou em um galho de uma arvore e ficou pensando. Sentiu um esvoaçar nos céus. Milhares de Canários Amarelos o procuravam por todos os lugares. Sua mãe o viu, voou até ele e com bico o beijou varias vezes. Ele contou para sua mamãe sobre o menino de azul. Ela lhe disse para não se preocupar. Mandou-o ficar ali na espreita enquanto ela iria montar um plano para salvar o menino de azul.

♪ *Você pode dizer que sou um sonhador*
Mas não sou o único tenho a esperança de que um dia
Você se juntará a nós e o mundo viverá como um só. ♪

Não demorou muito tempo. Milhares ou milhões de canários chegaram com uma enorme rede de cipó feita por Araras vermelhas, tico tico da floresta, pardais das campinas verdejantes e tantos pássaros que agora só havia um objetivo. Tirar o menino de azul do buraco. Quinhentas andorinhas voaram por cima da Onça Parda. Não deram sossego e quando ela se sentiu bicada pelas andorinhas saiu em desabalada carreira. Em pouco tempo os Canários Amarelos jogaram a rede em cima do menino de azul que assustado sentou no meio da rede e foi levado pelo ar até onde estava acantonada sua Alcateia. O deixaram ali e dezenas de lobinhos e lobinhas batiam palmas por tão belo espetáculo. O menino de azul foi salvo. Naquela noite de natal ele e sua família cantaram felizes por estarem juntos. Os pais não sabiam que ele salvou um Filhote de Canário Amarelo e eles o salvaram de morte certa. Ele nunca mais esqueceu este dia. Para ele o menino de azul foi o melhor natal de sua vida. Ele sabia que o que fizerdes de bem sempre terá em troca o dobro.

Noite feliz, Noite feliz,
O Senhor, Deus de amor,
pobrezinho nasceu em Belém.
Eis na lapa Jesus, nosso bem.
Dorme em paz, oh Jesus.
Dorme em paz, oh Jesus.

A canção Imagine tanto a letra como a musica é de autoria de John Lennon.

E aí, Pedrão Pioneiro, nada como um dia após o outro!

(Contos de Natal)

♪ *Em uma montanha bem perto do céu, se encontra uma lagoa azul
Que só a conhecem aqueles que têm a dita de estar em meu clá!* ♪

E quem disse que a vida do Pedrão Pioneiro era fácil? Ele sabia que não, mas como bom Escoteiro que sempre foi enfrentava tudo com um sorriso nos lábios. Enquanto sua mãe cozinhava para a Fábrica de Motores ele podia estudar. Agora não mais. Ela ficara doente e a mandaram embora. Reclamou na justiça e eles recorreram. O advogado disse que poderiam protelar por muitos anos. Ficaram a Deus dar. Ele seu irmão Juventino de seis anos e sua mãe que já estava chegando aos setenta. Pedrão Pioneiro tinha 21 anos e trabalhava em uma loja de calçados. Salário Mínimo e comissão. Tirava uns mil e trezentos por mês. Pagava sua faculdade novecentos. Não dava para a família comer. Teve que trancar a matrícula. O pior aconteceu. Devido dar muita atenção a sua mãe que mal podia andar faltava muito ao serviço e foi demitido. Chorou e implorou ao seu Nonato para ficar. Nada feito. Seu Nonato foi inflexível. O pior que isto aconteceu uma semana antes do natal. Belo presente de Papai Noel pensou. O Clá partira para o Rio de Janeiro. Foram convidados por pioneiros cariocas a passarem o réveillon com eles. Ele não foi. Ir como? Sem dinheiro? Deixar sua família em dificuldade?

♪ *“A sede de riscos que nunca se acaba, as rochas que há a escalar
O rio tranquilo que canta e que chora jamais poderei olvidar”.* ♪

Pedrão Pioneiro soube que havia uma vaga na loja de calçados do shopping Sol Nascente. Levantou cedo e partiu. Seu dinheiro acabara e nem para o ônibus tinha mais. Seguiu a pé. Não era longe, menos de doze quilômetros. Quantas vezes ele fez mais que isto nos Escoteiros? Riu com as lembranças. Mas no fundo chorava sem ninguém ver. Ele sabia que só tinham alimentos para mais dois dias. Depois só Deus para ajudar. Quando atravessou a Avenida Rebouças uma multidão correndo. Ele se assustou e ficou em pé em frente a um bar que já havia descerrado suas portas. Vários policiais o agarraram e batendo com seus cassetetes gritavam – “Toma seus Black Bloc filhos da mãe!” Pedrão Pioneiro

tinha ouvido pela TV da baderna que faziam. Cruz credo logo ele um Escoteiro, um amante da paz apanhando daquele jeito? Levaram-no preso para o oitavo distrito. Foi jogado em um camburão com mais seis. Um inferno! Não podia se mexer e feriu seus pulsos com a algema que lhe colocaram. Os que estavam com ele logo foram soltos. Na delegacia advogados estavam lá a espera. Ele? Um pobre coitado sem eira e nem beira e nem conversou com o delegado. O levaram para o cadeião de pinheiros. Jogaram-no em uma cela de três por quatro junto com mais vinte presos.

♪ *“No alto da serra na gruta escondida, foi lá que eu fiz o meu lar”.*
“Subindo e descendo com corda ligeira, eu vi o meu clá acampar”. ♪

“Meu Deus!” rezava Pedrão Pioneiro. Ajuda minha mãe e meu irmão ela está doente e ele só tem seis anos! Pedrão Pioneiro no noticiário das seis apareceu como Chefe dos Black Bloc. – Preso o mais perigoso arruaceiro de São Paulo! Diziam em alto e bom som. Logo ele? Um Escoteiro? Uma pessoa que nunca fez mal a ninguém? Passou mais três dias na cadeia. Todas as noites seus olhos se enchiam de lágrimas a pensar em sua mãe e seu irmão. Dia 24 de dezembro véspera de natal ele foi solto. Esperava-o na Secretaria da Cadeia o Delegado Paulo Santos. Olá Pedrão Pioneiro, o que eles fizeram com você? O delegado Paulo Santos quando ele passou para Escoteiro com onze anos estava nos seniores fazendo a Ponte Pioneira. Pedrão Pioneiro tinha se esquecido dele, mas ele não se esqueceu de Pedrão Pioneiro. Foi ele quem o soltou. Deu uma carona até sua casa e Pedrão Pioneiro não aguentou. Chorou de felicidade em saber que amigos no escotismo são amigos para sempre. A surpresa maior foi ver na porta de sua casa dezenas de Escoteiros e chefes do seu grupo e de outros da redondeza. Eles souberam do acontecido e em nenhum momento acreditaram na acusação. Uma campanha do quilo e o problema da comida de Pedrão e sua família estava resolvido por alguns meses.

♪ *“O sol no caminho, a seguir direciona, o vento estimula a andar,*
Paredes e vidros e grandes rochedos, repetem o eco a cantar”! ♪

Era noite de natal. A mãe de Pedrão Pioneiro fez uma linda ceia. Convidou o Delegado Paulo Santos que ficou por alguns instantes. Tinha de partir para ficar com a família dele. Dois pioneiros que não viajaram para o Rio de Janeiro ficaram com ele até a meia noite. Uma parte resolvida pensou Pedrão Pioneiro. Pelo menos comida eles teriam por alguns meses, mas e depois? Pedrão Pioneiro

sorria ao ver o irmão Juventino brincando com amigos. Uma hora da manhã e uma perua parou em sua porta. Pedrão a viu, pois estava no portão vendo o belo céu cheio de estrelas. Viu que era a Perua da Loja de calçados que trabalhava. O próprio “Seu” Nonato desceu e chorando pediu desculpas a Pedrão Pioneiro. – Olhe eu fiz um cálculo errado na sua rescisão de contrato. Faltaram doze mil reais e fiz questão de trazê-lo pessoalmente. E quero que volte. Você foi nosso melhor funcionário que já tivemos. “Seu” Nonato, muito obrigado, mas não me tenha como vingativo. Eu agradeço, mas sabe? Com este dinheiro vou abrir na minha garagem uma lojinha de pequenas coisas. Minha mãe vai cuidar e tenho certeza que poderei estudar e voltar a tempo para administrar com ela! E a vida voltou a sorrir para Pedrão Pioneiro. Nada como um dia após o outro!

É melhor não contar, mas Pedrão Pioneiro se formou e hoje é dono de uma grande rede de lojas de calçados. Dizem que têm filiais até nas “Horopas e America”

Só dê ouvidos a quem te ama. Não te preocupes tanto com o que acham de ti. O que te salva não é o que os outros andam achando, mas é o que Deus sabe a teu respeito!

♪ *“Põe tuas mágoas bem no fundo do bernal e sorri”!*
O que importa é vencer o mal, mantenha sua alegria,
“Não importa você se zangar, pois o mal vai acabar”! ♪

Milagres existem, é só acreditar

(*Contos de Natal*)

♪ “*Rataplá do arrebol, Escoteiros vede a luz!*
Rataplá olhai o sol, do Brasil que nos conduz”. ♪

Liminha não pensou duas vezes, se tinha de pular não ia discutir com o Monitor. Tomou distância e correu, pulou e quase alcançou a margem do outro lado. Não conseguiu, caiu por uns bons cinco metros e sentiu a pancada nas costas. Foi a primeira vez que sentiu uma dor enorme. Foi também que descobriram que ele estava com leucemia. Não foi assim tão rápido. Começou quando após a queda sentia uma dor de cabeça que não passava. Uma fraqueza e cansaço tremendo. Viu manchas arroxeadas na pele e sentia dor nos ossos e articulações. Apareceram outros sintomas, mas os médicos diagnosticaram facilmente. Liminha nunca pensou que podia ter esta doença. Era um Escoteiro alegre, Corredor, valente nas atividades e sempre se sobressaindo em tudo. Quando seus pais souberam acharam que o escotismo era o culpado. A dor é muito forte e achar a culpa de alguém é mais fácil para enfrentar o desespero que passavam. Liminha nunca chorou na presença dos seus amigos de patrulha. Aceitou e muitos estranharam por vê-lo sempre sorrindo.

♪ “*Alerta, ó Escoteiros do Brasil, alerta!*
Erguei para o ideal os corações e flor!
A mocidade ao sol da Pátria já desperta
A Pátria consagrai o vosso eterno amor.” ♪

Seus pais não mediram esforços para tentar uma cura. A leucemia era uma doença cruel. Primeiro os medicamentos e a poliquimioterapia. Era demais para ele. Mas com três meses começou a se sentir melhor. Exigiu voltar para sua patrulha. Não pediu e disse aos seus pais que sem o escotismo ele iria morrer logo. Na primeira reunião de patrulha disse para todos o que tinha, mas não queria compaixão – Vocês tem que me considerar como um igual. Se acharem que estou doente nunca mais eu conseguirei melhorar! O escotismo era um balsamo para Liminha. Não perdia um acampamento e com tristeza não pode participar de um bivaque. Seria muitos quilômetros e o próprio Chefe o aconselhou a não ir. Foi a primeira vez que Liminha o viu. Tinha quase sua idade e sem nenhum fio de cabelo, mas com um belo sorriso. Ficaram amigos e seus pais ficaram mais

ainda preocupados. Liminha apresentou seu amigo, mas ninguém via ninguém. Um amigo que foi tirado da sua imaginação, todos pensaram. A contra gosto aceitaram. Se isto o fazia feliz porque não? Liminha o chamava de Tércio. Passavam horas conversando.

♪ *“Por entre os densos bosques e vergéis floridos,
Ecoem nossas vozes de alegria intensa!
E pelos campos fora em cânticos sentidos
Ressoe um hino avante à nossa Pátria imensa!”* ♪

Quatro meses depois Liminha teve outra recaída e desta vez passou meses internado no hospital. – Só um transplante de medula óssea poderia resolver, aconselharam. Mas e como achar um doador perfeito? Vários membros da família se revezaram nos exames, mas nenhum serviu. Liminha se tornou um exemplo para os internos do hospital. Vivia sempre sorrindo e contava longas histórias para os meninos internados no mesmo quarto que ele. Todos aprenderam a reconhecer quando Tércio estava com ele. Tércio sabia tantas histórias e mesmo não o vendo eles se divertiam. Até mesmo os Escoteiros da sua patrulha e da tropa gostavam de ir ao hospital para não só visitá-lo, mas para mandar um abraço a Tércio. Um Tércio que só Liminha conseguia ver. Liminha não melhorava. Pediu aos seus pais que trouxessem o seu uniforme. Gostaria que quando houvesse visita ele estivesse com ele. Era contra as normas do hospital, mas os médicos autorizaram. Quinze dias antes do natal Liminha piorou. Quase não falava. Os médicos comunicaram aos seus pais que não havia retorno. A vida de Liminha era uma questão de dias.

♪ *“Unindo o passo firme à trilha do dever,
Tendo um Brasil feliz por nosso escopo e norte
Façamos ao futuro, em flores anteaver
A nova geração jovial confiante e forte!”* ♪

Liminha pediu e foi autorizado que fizessem uma reunião de tropa em uma área ajardinada do hospital. Era o dia 24 de dezembro. Ele foi em uma cadeira de rodas. O Chefe Escoteiro emocionado fazia tudo para que Liminha participasse sem notar que o programa tinha sido feito para sua participação. Liminha ria a valer nos jogos e gritava a mais não poder para Tércio seu amigo imaginário. No final da reunião na cerimônia de encerramento antes da bandeira Liminha pediu ao Chefe se seu Amigo Tércio poderia fazer a promessa. O Chefe Escoteiro não

sabia o que dizer ou fazer. Os pais de Liminha em um canto choravam lágrimas doídas. – Deus oh Deus porque tudo isto? Dizia sua mãe em prantos. Liminha na cadeira de rodas foi até o centro da ferradura e apresentou seu amigo Tércio a tropa. Quando assustado o Chefe Escoteiro tomava a promessa uma forte luz azul se fez presente. Ninguém entendia nada, mas todos viram em uma névoa branca um menino de branco, com a meia saudação a dizer: - Eu prometo, pela minha honra, fazer o melhor possível para: Cumprir o meu dever para com Deus e a Pátria, ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião e obedecer à lei do Escoteiro.

♪ “E se algum dia acaso a Pátria estremecida,
De súbito bradar: Alerta aos Escoteiros,
Alerta respondendo, à Pátria a nossa vida
E as almas entregar iremos prazenteiros!
Alerta! Alerta! Sempre Alerta”! ♪

A emoção foi demais. Lágrimas foram derramadas por todos. Liminha assustou todo mundo quando ficou de pé e corria rindo em volta do arvoredado do pátio do hospital. Ele gritava: Não vá embora Tércio. Não me deixes! Quero ir com você! Todos viram um redemoinho que se elevava aos céus. Alguns juram que ouviram Tércio dizer que voltaria. Seria por pouco tempo. Liminha chorava e andando normalmente pediu aos seus pais que o levassem para casa. Os médicos sem saber o que fazer concordaram. No outro dia ele voltaria ao hospital. Liminha voltou, mas para surpresa de todo mundo ele estava curado. Não sentia mais nada. Um milagre. Um milagre de Natal. Tércio no céu sorria. Liminha na terra sorria. O mundo Escoteiro voltou a pensar que no escotismo tudo pode acontecer. Foi o próprio Liminha quem disse ao seu pai e sua mãe:

♪ “Não é mais que um até logo,
Não é mais que um breve adeus” ♪.

Do mundo nada se leva

(Um conto de Natal)

*Cabecinha boa de menino triste,
De menino triste que sofre sozinho,
Que sozinho sofre, e resiste...*

Valentine seguia pela rua deserta. Era dia ainda e ela não tinha medo, pois conhecia a todos no bairro onde morava. Tentou a casa de Marly e ela não estava. Era sua sub-monitora. Sentia um vazio tremendo. Não gostava de férias. O grupo Escoteiro interrompia suas atividades e ela ficava sem saber o que fazer. Os chefes precisavam mudar de rumo, passear com suas famílias e ter uma folga merecida. Valentine só pensava em escotismo. Sempre foi boa filha e boa estudante, mas quanto tempo tinha que entrou e amou? Acreditava ser mais de nove anos. Lobinha, escoteira e agora guia. Porque não dar liberdade às patrulhas para fazerem atividades sem os chefes? Valentine caminhava devagar. Era véspera de natal e sua mãe em viagem pela firma prometera chegar no dia vinte e quatro sem falta. Sua avó materna era quem tomava conta. Valentine se acostumara e sabia que sua Avó tomava conta dela como se fosse sua mãe. Valentine ouviu um choro de uma criança recém-nascida. De onde vinha? Viu do outro lado da rua uma pequena cesta e correu atravessando a rua sem olhar. O que viu quase perdeu a respiração. Um lindo bebê de olhos azuis a sorrir para ela.

*Cabecinha boa de menino ausente,
Que de sofrer tanto se fez pensativo,
E não sabe mais o que sente...*

Pegou a cestinha e sorria de alegria. Mas o que fazer? Ir à delegacia? Ela estava tão sozinha em sua casa, e muitas das amigas viajando que pensou: Sempre sonhou em ter um bebê porque não este? Valentine tomou uma decisão não condizente com uma Guia Escoteira. Sem pensar levou a criança para sua casa. Tinha que escondê-la da sua Avó e de algumas visitas que costumavam aparecer. Entrou e foi direito para seu quarto. Uma parte da cama ela colocou o bebezinho. Correu a cozinha e fez uma mamadeira. Ela sabia como fazer. Tirou a especialidade de Babá. Ninguém notou nem mesmo quando de madrugada José chorou. Ela o chamava de José quem sabe para homenagear o esposo da virgem Maria. Assim como Jesus nasceu em uma manjedoura por um milagre, ela começou a

acreditar que aquela criança seria seu milagre. Dois dias seguidos e ninguém desconfiou. Sua Avó era bem velhinha e meio surda. Isto ajudou muito nos planos de Valentine. Marly chegou de supetão ao seu quarto. Eram amigas e ela tinha plena liberdade de entrar e sair quando quisesse. Marly se assustou com a criança. Valentine explicou. – Impossível Valentine. Você sabe disto. Uma mentira não dura para sempre e você é uma escoteira tem honra e ética. Valentine chorava. Não queria perder o bebê. Mas qual a saída?

*Cabecinha boa de menino mudo,
Que não teve nada, que não pediu nada,
Pelo medo de perder tudo.*

Pediu a sua amiga Marly que não contasse nada para ninguém. Que ela esperasse até o natal e ela iria levá-lo a delegacia. Seriam apenas mais três dias. Marly mais nova que ela tinha a cabeça no lugar. Sabia que era errado o que ela queria fazer e seria errado ela esconder também. Mas adorava sua amiga viu em seus olhos pequenos lágrimas que desciam e ela teve pena. Virou cúmplice. Será que a Chefe Noêmia iria entender? Ela falava tanto da Lei Escoteira! Agora elas eram duas a cuidar do menino José. Sem perceber Marly começou a amar aquela criança. As noites ela dormia pensando como fazer para as duas ficarem com ela para sempre. Sabia que em sua casa era impossível. Nonô seu irmão mais novo “fuçava” em tudo. Ele logo iria descobrir. Onde então? Não vislumbrou nenhum local para criar a criança. Adotar? Mas elas eram tão novas! Valentine com sesses e ela com quinze. Contar para o Padre Zózimo? Ele nunca iria entender. Também nenhum Chefe do grupo iria compreender. Constance, Joelma, Mary e Nair da patrulha não poderiam saber. Correriam para contar as suas mães e o segredo iria para o brejo.

*Cabecinha boa de menino santo,
Que do alto se inclina sobre a água do mundo
Para mirar seu desencanto.*

Era o dia de Natal. Dia que elas se comprometeram ser o ultimo a viver com o menino José. Sabiam que no dia seguinte seria um martírio devolvê-lo a delegacia. Valentine sabia que ele seria levado ao Juizado e eles o encaminhariam para uma Vara da Infância e Juventude. Alguém um dia iria adotá-lo. Não poderia ser elas? Mas com esta idade? Sua mãe nunca iria concordar em entrar com um pedido de adoção. Valentine passou a pior véspera do natal de sua vida. Chorou

o dia inteiro. Corria a dar tudo para o Bebê José. Teve hora que riu de si mesma pelos cuidados e ria mais ainda quando Marly chegava e queria disputar com ela os cuidados com o menino José. Valentine deixou o menino com Marly e foi comprar leite na padaria. Onde tinha encontrado a cestinha com o bebê ela viu uma mocinha sentada na calçada e chorando. Perguntou por que chorava e ela respondeu – Deixei meu filho recém-nascido aqui. O abandonei em uma hora de desespero. Agora me arrependi. Não sei quem o levou e onde ele foi parar. Valentine pegou sua mão, pare de chorar moça, seu filho está comigo. Venha, vamos a minha casa e você poderá ver que o tratamos como se fosse um filho nosso.

*Para ver passar numa onda lenta e fria,
A estrela perdida da felicidade
Que soube que não possuiria.*

Não há mais para contar. Mirtes a mãe de José foi com ela a sua casa e passou um natal com todos eles como nunca passou em sua vida. Era de família rica e sabia que eles não iriam entender a gravidez. Mas ela resolveu enfrentar a tudo e a todos. A mãe de Valentine chegou e a festa foi mais linda ainda. No dia seguinte Mirtes levou José para sempre. Deixou o endereço para um dia se quiserem visitá-lo. Era em uma cidade não muito longe. Insistiu para que elas fossem madrinhas. Valentine e Marly não paravam de chorar. Madrinhas? Seria uma honra! Quando o ônibus partiu Valentine e Marly abraçaram-se chorando. Elas sabiam que foi encontrada a melhor solução. Fizeram questão de contar para todos o que fizeram. Não houve recriminação, mas sua mãe a orientou que não deviam ter feito o que fizeram. Do mundo nada se leva e devemos perceber que os verdadeiros valores da vida devem ser feitos dentro da lei e da ordem. Isto antes que seja tarde demais...

Os versos são de autoria de Cecília Meireles.

Uma noite maravilhosa de Natal!

(Lendas Escoteiras)

Eu sempre tive um carinho enorme pela noite de natal. Família reunida, muitos presentes, abraços uma bela ceia isto sempre me encantou. Triste eu ficava quando lembrava que muitos não tinham esta minha felicidade. Já passava da meia noite e junto com minha esposa admirávamos na varanda os foguetes e a luzes no céu. Uma enorme tristeza se abateu sobre mim. Lembrei-me da última visita que fiz na casa do Chefe Maninho. Sempre foi um pai para nós escoteiros de Esperança Feliz. Dizem que ele entrou para o Grupo em 1943. Ficou mais de sessenta anos no escotismo. Sempre notei nele uma pessoa triste, um olhar perdido no horizonte, olhos fundos e sempre com uma lágrima furtiva que ficava tentando esconder.

Chefe Maninho morreu há dois meses. Nas suas exéquias poucos foram. Nunca entendi isto. Esperava uma multidão e não foi quase ninguém. Claro era difícil vê-lo sorrir. Acho que ninguém nunca recebeu dele um abraço. Era muito fechado em si mesmo. Nunca esqueci o que ele me contou um dia. O Fogo do Conselho havia terminado e ficamos lá eu ele, Rosa uma Chefe Escoteira, Nair sua Assistente e Paulo Alberto um Chefe de tropa. Ficamos conversando e a meia noite todos foram dormir. Ficamos só eu e ele. Não sei por que ele estava com os olhos marejados de lágrimas. – Calma Chefe eu disse. Está se sentindo mal? - Não meu amigo, respondeu. São as lembranças que não cessam. E então, começou a contar parte de sua vida que acredito era desconhecido por todos que ficaram ao seu lado por muitos e muitos anos.

- Chefe, eu perdi meu pai quando tinha dez anos. Eu o adorava. Ele era tudo para mim. Levava-me aos parques de diversões, me levava em alto mar para pescar, fomos acampar em lugares inóspitos e mesmo já sendo um Escoteiro eu vibrava em sua companhia. Ele era Militar das Forças Armadas. Segundo Sargento do Regimento de Infantaria e todos o admiravam pelo seu caráter, por ser tudo o que hoje não sou. Um pai alegre, prestativo, amigo e muito respeitado não só em seu regimento como em toda vizinhança. Ele mesmo me contou com orgulho que fora incorporado ao 3º Regimento do Exército Brasileiro. Um regimento da Força Expedicionária Brasileira. Em poucos meses ele partiu para a guerra na Itália. Eu e mamãe choramos muito quando ele partiu. Sabe amigo Chefe, ele partiu em uma noite estranha, cuja lembrança nunca mais me sai. Chamou-me e disse – Filho, seu pai vai lutar lá na Alemanha. Vou me cuidar. Ainda vamos fazer

grandes coisas, eu e você. Eu voltarei.

- Nos primeiros meses ele escrevia sempre. Mamãe, minha querida mamãe! Ela lia suas cartas, baixinho devagar, dizia que logo estaria de volta, pois a guerra estava prestes a acabar. Todos os dias ele vinha em meus sonhos, e nele retornava como se estivesse me abraçando. Passou um ano e ele não voltou. No natal escrevi para o Papai Noel uma carta. Uma carta simples, só pedia ao meu bom amigo que trouxesse de volta o meu papai que foi lutar na guerra. – Olhe Papai Noel, você que pode mais que a gente, e tem uma força sem igual, me dê Papai Noel este presente, se possível nesta noite milagrosa de natal. Mas nada. Nem resposta. No ano seguinte escrevi de novo. – Papai Noel, meu santo e bom paizinho, eu tenho meu coração como uma brasa, nesta hora triste em rezar ao Senhor eu venho. Papai Noel, se todos têm o seu papai em sua casa, só eu Papai Noel é que não tenho?

Os dias, os meses foram passando. Mamãe só vivia pelos cantos chorando. As cartas não vieram mais. O silêncio era completo. Lembro-me que um dia mamãe passou a se vestir de preto e nunca mais sorriu para ninguém. E para piorar tudo meu amigo, um tarde chuvosa do mês de julho, bateram em nossa porta e dois oficiais do Exército Brasileiro entregaram a minha mãe uma medalha. Disseram a ela que ele tinha sido um herói. Mamãe, mamãe, eu quero meu papai! Ela calada, taciturna não chorou mais. Seu rosto lindo que nunca esqueci agora parecia uma máscara de cera. Na missa dos domingos ela disse para o Padre Antonio que estava perdendo a fé. Perdeu seu marido na guerra, ainda tinha seu filho, mas o mundo para ela desmoronou.

Sabe meu amigo, aquele mil novecentos e quarenta e cinco foi o ano que mais chorei. Eu sempre a noite rezava. Não acreditava que ele tivesse morrido. Jesus, meu amado e bom mestre eu dizia, se os tais heróis não voltam para casa, será que vale a pena ser herói? Senhor Jesus, meu santo e bom paizinho, me dê neste natal um presente. Acabe com minha revolta e me traga de novo o meu papai que foi brigar na guerra. Eu sei que o Senhor pode tudo e sei que vai dar um jeitinho de mandar o meu papai de volta. – Olhei para ele e ele chorava. Um “Velho” de oitenta anos chorando. Continuou a me contar - Olhe meu amigo Chefe. Não dá para esquecer. Acho que mamãe sempre ouvia minhas preces, pois um dia, naquela noite de natal, eu dormi abraçado com o retrato do meu pai. E confesso que tive lindos sonhos com ele. E sabe meu amigo Chefe, ao acordar gritei surpreso, pois lá estava enrolada em meu sapato uma enorme bandeira do Brasil!

Sem palavras. Chorava ali com aquele velho naquele fogo que aos poucos se apagava. A brisa vinha de leve a nos dar um pouco de calma, de frescor. As pequenas fagulhas ainda existiam naquela fogueira que eram agora somente cinzas. Havia ainda algumas fagulhas que se arriscavam ainda a subir aos céus. Lânguidas e serenas para logo serem levadas com o vento. Papai Noel. E quem ainda não acredita nele? O natal, linda noite para alguns, muitas tristezas para outros. Abracei com força o Chefe Maninho. Ficamos ali até o amanhecer. Nunca mais o esqueci. Que Deus esteja com você meu amigo, nestes pastos verdejantes do céu, junto ao seu papai e sua mamãe!

(História baseada no poema de Orlando Cavalcante, “Oração de natal de um órfão de guerra”).

Quem me rouba a honra priva-me daquilo que não o enriquece e faz-me verdadeiramente pobre.

William Shakespeare

Palavra de Escoteiro ou palavra de honra?

“Os dez artigos da Lei Escoteira”

Estava acampado como sempre fazia bimensalmente com os monitores e subs da tropa. Nos acampamentos de fins de semana eu sempre ia para o Sítio do meu amigo Tornado. – Chefe, fique a vontade, nem precisa pedir autorização. Boa aguada muitos bambus um local excelente. Eram quatro subs e quatro monitores. Eles adoravam tais acampamentos. Eu também, pois tínhamos mais tempo para conversar, aprender fazendo e trocar ideias. Ouvir adolescentes e suas necessidades eram para mim uma alegria sem par. Com esta nova rotina a tropa deu um salto em motivação e crescimento. O dia já estava no fim e a noite chegava mansa. Jantamos um belo bife com arroz que estava soltinho. Um dos subs era um cozinheiro de mão cheia. Lá pelas nove eles chegaram de mansinho na porta da minha barraca. Eu tinha feito nos outros acampamentos dois bancos de troncos grossos que encontrei cortado perto da lagoa do Jacaré. Cada um foi se assentando e um deles já colocava as batatas no fogo já aceso. Eu terminara o café e no bule esmaltado já tinha colocado junto à fogueira pequena com pedras em volta para não espalhar as brasas.

Era uma rotina que todos gostavam de participar. Ali ficamos conversando até que um Monitor me perguntou – E a história de hoje Chefe? Sorri de leve. Sempre tinha uma história para contar. – Vamos lá eu disse. Hoje iremos falar da Lei Escoteira. Uma patrulha que sempre achou que a palavra do Escoteiro vale pela sua honra. Mas o que é honra? Melhor contar a história. Eles se serviram de um biscoito de polvilho e alguns do café que estava quentinho. Um silêncio se fez em volta. Mal dava para ouvir os grilos e ao longe na lagoa uma sinfonia de sapos cururus se divertiam todas as noites. – Tudo começou quando a Patrulha Onça Parda estava reunida na casa do Escoteiro Santos Dumont. Estavam lá o Monitor Rui Barbosa, e mais os Escoteiros e escoteiras Olavo Bilac, Caio Martins, Anita Garibaldi, Barbara Heliadora e Joana Angélica. Era uma rotina, pois todas as quartas feiras se reuniam em casa de algum membro da patrulha. – Chefe! Interrompeu um Monitor, mas estes nomes são verdadeiros? Olhe que todos eles fizeram parte da história do Brasil. Bem pensado Antonio. Mas faz parte da história.

- Bem continuando, depois de discutido as sugestões que dariam para o

programa do segundo semestre, eis que Anita Garibaldi levantou um assunto – Olhem meus amigos, lembram-se da última reunião que o Chefe fez um Jogo Escoteiro usando a Lei Escoteira? – Sim, disseram todos. Mas foi um jogo meio parado disse Olavo Bilac. – Concordo disse Anita Garibaldi, mas acho que valeu para nós. Afinal somos Escoteiros e o que significa a Lei Escoteira para um escoteiro? – Uma discussão simpática começou. Falou Caio Martins, Santos Dumont, Barbara Heliodora e Joana Angélica. Rui Barbosa o Monitor só observava. Ele sempre se questionou sobre a lei. Cumprir ou não cumprir? Dizia para si. Fazer o melhor possível? Quem sabe assim era mais fácil. Foi Santos Dumont que abriu o jogo – Para dizer a verdade eu não sou muito de cumprir esta lei. Ela existe para nos dar um caminho a seguir. Cumprir todos seus artigos é impossível, finalizou. – Não sei se concordo disse Olavo Bilac. Anita Garibaldi não falava nada. Só ouvia. O mesmo fazia Joana Angélica. Barbara Heliodora não concordou. – Não acho que devemos seguir pela metade. Se ela existe e nós prometemos um dia fazer o melhor possível não podemos continuar assim por toda a vida.

Joana Angélica que pouco falava lançou um desafio – Porque nós que achamos que a Lei é tudo para os Escoteiros, que falamos em honra em palavra escoteira e em ética escoteira não tentamos por dez dias cumprir a risca todos os artigos? Quem sabe, prosseguiu, poderíamos fazer uma espécie de aposta e os que perdessem pagaria para todos uma rodada de sorvetes na Sorveteria do Paulão? Todos deram opiniões. Foi Rui Barbosa quem finalizou – Se todos aprovam eu estou de acordo. Lembrem-se que faltar com um artigo da lei é questão de consciência do próprio membro da patrulha. Para isto se ele não está preparado para cumprir os dois artigos da Lei que vão reger este desafio, não vale a pena continuar. Caio Martins entrou na conversa – Seria o primeiro artigo? O Escoteiro tem uma só palavra e sua honra vale mais que sua própria vida? – Barbara Heliodora emendou – Este mesmo e eu acrescento o segundo. O Escoteiro é leal. Sem lealdade não existe amor, amizade, fraternidade e consciência de mostrar que acredita no que faz e sabe que os outros reconhecem seu Espírito Escoteiro.

Aprovado o desafio, a reunião de patrulha terminou com um juramento de todos com as mãos entrelaçadas – Prometo ser leal e dou minha palavra escoteira que se errar direi a todos. – Era uma quinta, dia 12 de agosto. O desafio iria durar até o dia 22 de agosto. Rui Barbosa pensativo não sabia se conseguiria cumprir. Olavo Bilac ria baixinho – Este desafio eu tiro de letra - Caio Martins dizia para si mesmo que se quisesse vencer teria que caminhar com suas próprias pernas. Santos Dumont tinha dúvidas se também iria até o final. Anita Garibaldi

não tinha dúvidas. Barbara Heliadora sempre se considerou leal e achava que sempre cumpriu os artigos da lei. Joana Angélica tinha medo de suas amigas de classe. Falavam muito palavrão e sempre contavam piadas que iam contra a ética e a honra. Os dez dias se passaram. Estavam todos reunidos na casa de Joana Angélica. Era a hora do acerto de contas. Hora que cada um devia dizer se cumpriu ou não a lei escoteira.

Rui Barbosa deu o exemplo como Monitor – Não consegui no Sétimo artigo me perdi. Tudo por causa do meu pai. Encheu-me as paciências de tal maneira que fui indelicado com ele. Pedi desculpas depois, mas já havia infligido à lei. Joana Angélica riu baixinho e emendou – Eu também não consegui. O quarto artigo é danado. Amigo de todos? Isto inclui aqueles que não são Escoteiros. Tive que dar um empurrão na Rebecca minha prima. Entrou no meu quarto e fez uma bagunça que só vendo. Depois me arrependi. Afinal ela só tem cinco anos! Caio Martins só falou que cumpriu todos. Barbara Heliadora pediu desculpas, mas não cumpriu o quinto e o oitavo artigo. Não fui cortês com minha mãe e quando ela me repreendeu na frente de todos, eu chorei por dois dias. Nem me lembrei de sorrir. Olavo Bilac disse que cumpriu sem pestanejar e se precisasse ele ficaria para sempre cumprindo a lei escoteira. Anita Garibaldi também não conseguiu. Discuti com minha professora, pois ele me deu oito em história. Merecia um dez. Por último Santos Dumont disse que cumpriu todos.

Os monitores e subs estavam de olhos arregalados. Chefe é história verdadeira? Quer saber? Eu não sei se iria cumprir como muitos fizeram. Não disse sim e não e encerrei a história com todos tomando sorvete na Sorveteria do Paulão. Empanturraram-se de tanto tomar sorvete. Um silêncio profundo em volta do fogo. Ninguém disse nada. Uma coruja piou ao longe. Os sapos pararam de coaxar. O céu ficou escuro e um relâmpago riscou o ar. – Boa noite meus caros monitores, chequem suas barracas a intendência, o lenheiro. Vem uma tempestade por aí!

Nenhum homem tem o dever de ser rico ou grande ou sábio: mas todos têm o dever de serem honrados.

Rudyard Kipling.

Um sonho de liberdade

(Conversa ao pé do fogo)

Jacob desde pequeno sonhava em ser Escoteiro. Sua cidade Ramallah na Palestina nunca teve um Grupo Escoteiro. Eles viviam em sobressalto devido às divergências entre países e Jacob não entendia o porquê eles não davam as mãos e fossem viver em paz e como irmãos. Jacob nasceu em Flores da Cunha uma pequena cidade no interior de Pernambuco. Um dia seu pai juntou a família e partiu para a Palestina. Disse que lá era seu lugar. Seus avós nasceram lá e lutaram até a morte para serem livres. – Livres? E quem é livre? Jacob pensava. Ele mesmo tinha lido em um livro que a verdadeira liberdade é um ato puramente interior, como a verdadeira solidão: devemos aprender a sentir-nos livres até num cárcere, e a estar sozinhos até no meio da multidão. Jacob nos seus onze anos era um sonhador. Nunca imaginou viver em uma cidade onde o medo de morrer era uma constante. Medo? Mas qual palestino tinha medo? Eles sempre não diziam que dariam sua vida pela liberdade de sua terra?

No início a curiosidade e o modo de vida chamou a atenção de Jacob. Viu sua mãe e sua irmã Natividad mudarem completamente. Agora viviam fechadas dentro de casa e quando saíam colocavam véus para ninguém poder reconhecê-las. Assim ele pensava. Alguns meses depois acostumou com tudo. Gente andando para qualquer lado com um fuzil no ombro e gritando palavras de morte ao usurpador. Jacob não entendia nada. Lembrava-se de sua terra onde nasceu, uma cidade cheia de paz e harmonia. Lembrava-se das histórias que seu pai contava e como ele ria quando viajava nos seus pensamentos vivendo as aventuras escoteiras de seu pai. Ele tinha sido Escoteiro. Contou que fora Monitor de patrulha, fizeram centenas de acampamentos, beberam água da fonte, nadaram contra a correnteza para pegar peixes grandes com a mão na época da piracema. Jacob com seus olhinhos miúdos não os tirava do pai. Adorava seu pai quando contava histórias de escoteiros e Jacob vibrava.

Jacob sonhava quando chegasse a Ramallah ia ser um Escoteiro. Ele aprendeu com seu pai as leis e a promessa. Um dia seu pai lhe mostrou o uniforme e Jacob pediu humildemente ao seu pai para vesti-lo. Foi autorizado, mas só dentro de casa. Nunca na rua ou nos montes próximos. Ele tentava entender esta guerra sem fim. Seu pai lhe disse que as Terras lhes pertenciam. Era a Terra Prometida. Ia do Mar Mediterrâneo ao Rio Jordão. Havia mais de cinco milhões de judeus

vivendo lá, e chamavam a terra de Israel. Outros tantos árabes que se julgavam donos da terra, que chamavam Palestina também acharam que eram os donos da terra. Diziam seus antepassados que chegaram lá primeiro. Seu pai dizia que eles lutavam pela liberdade. Dizia que para ter a liberdade teriam de lutar muito. Seria uma luta difícil, pois só se alcança quando nosso estado de consciência nos torna imune aos sofrimentos de nossa consciência. Um bom Palestino ele dizia devia ser imune aos sofrimentos, do orgulho, do ciúme e da vaidade.

Eleazar tinha dezenove anos. Ele era um soldado Israelense. Morava em um kibutz de nome Kfar Aza. Era bem próxima a Faixa de Gaza. Eleazar era brasileiro. Morava em Terra Nova uma cidade ao norte da capital do estado do Paraná. Nasceu lá. Tinha uma vida tranquila e feliz. Pudera, Eleazar era sênior e sem ninguém saber amava Angelina. Angelina era Guia e todos queriam ser seu príncipe encantado. Eleazar tinha conquistado o Lis de Ouro e partia agora para o Escoteiro da Pátria. Eleazar sonhava em casar com Angelina e ter sua casinha pintada de branco com muitas flores. Teriam muitos filhos também. Sonhos de menino homem que ainda não tinha abandonado a puberdade. Um dia estava com ela de mãos dadas. Levou uma pancada nas costas. Era o senhor Mujahid o Pai dela. Um homem mau. Soube que foram embora da cidade. Voltaram a sua terra na Palestina.

Quando Eleazar fez dezoito anos procurou o Consulado de Israel. Queria ir para lá e garantiu que seria um bom soldado. Sempre foi um Escoteiro. Conhecia as técnicas de travessias, da camuflagem, de campismo e sempre fora obediente e disciplinado. Dois meses depois Eleazar foi embora para Israel. Sua mãe nunca aceitou sua ida. Seu pai calado não disse nada. Eleazar só tinha uma missão, encontrar Angelina. Ele iria atrás dela onde quer que fosse. Seu amor era grande demais para esquecer. Iria dizer ao senhor Mujahid que não tinha ódio. Ele era um Escoteiro, puro nos seus pensamentos nas suas palavras e nas suas ações. Passaram-se seis meses e nenhuma notícia de Angelina. Ele ia disfarçado de cidade em cidade na Palestina e nada. No Kibutz era bem considerado e todos o achavam um bom soldado.

Um dia Eleazar vestiu seu uniforme Escoteiro. Gostava de vestir. Sentia-se bem com ele e sempre ia para os montes próximos e lá recordava de sua juventude, de seus sonhos do seu amor que como o vento se foi para nunca mais voltar. Ele gostava de deitar em baixo de uma Oliveira e ver as estrelas brilhando no céu. Seu instinto lhe mostrou que alguém se aproximava. Olhou com atenção. Era

um menino de uniforme escoteiro. Impossível pensou, ali não tinha nenhum grupo escoteiro. Ele não sabia que era Jacob, o filho de um palestino que desobedecendo às ordens do pai subiu na montanha com uma pequena bandeira do Brasil que ele achou nas coisas do pai. Cada um viu o outro por um prisma. Um achando que encontrou um irmão Escoteiro e outro desconfiado do adulto uniformizado com um fuzil engatilhado.

Aharon era um bom piloto. Serviu na Força Aérea Brasileira por muitos anos. Deixou Guaratinguetá e foi para São José dos Campos como piloto de testes dos novos caças encomendados pela FAB. Gostava do que fazia e muito mais do Grupo Escoteiro Flores Vermelhas onde ajudava na Alcateia. Um dia um Major da força Aérea da Palestina disse que precisavam de bons pilotos para treinar a nova esquadrilha de caças que compraram. Seria por cinco anos e o salário era muito bom. Não titubeou e partiu. Um ano depois ele sentia muitas saudades de sua terra e de seu grupo Escoteiro. Em uma inspeção de rotina na fronteira ele estava em um Super Tucano EMB-314 da Embraer ele avistou o impossível. Dois Escoteiros se abraçando no Monte Ararat. Quem seria? Um era um Escoteiro e o outro devia ser um Chefe. Fez um voo rasante para dar as boas vindas e dar o seu sempre alerta. Uma bateria de mísseis israelenses viu a aproximação do Tucano em baixa altitude e abriu fogo.

O Super Tucano explodiu e atingiu os dois Escoteiros que se confraternizavam naquele monte onde diziam Noé aportou sua Arca. A história termina. Cada um tinha um sonho que não se realizou. No céu uma nuvem azul e branca levou três Escoteiros cujos destinos ninguém nunca pensou que poderiam ficar juntos para o céu. Um dia quem sabe teremos liberdade suficiente para podermos decidir nosso destino conforme nossos sonhos. Todos ansiamos desde muito cedo na vida por mais liberdade. Quando ainda muito jovens, a liberdade é, para nós, essencialmente relacionada à realização de nossos desejos. Queremos fazer tudo, experimentar tudo, sem sermos tolhidos em nossos anseios de descoberta do mundo por quem quer que seja. Escotismo, um sonho de liberdade!

“A esperança é uma coisa boa, talvez a melhor de todas, e nada que é bom, deve morrer. ”

Lago do Enforcado – Onde moram os Pioneiros Fantasmas

(Lendas pioneiras)

Estava bivacando em volta do Lago do Enforcado há dois dias. Eu e mais cinco pioneiros. Normal naquela época. Com as bicicletas nas costas subíamos uma trilha até o outro lado, pois nos disseram que precisaríamos seis dias para dar a volta em todo o lago e tentar achar o local certo. Nunca tinha ouvido falar neste lago, foi Zé Tostão quem comentou. Zé Tostão era padeiro e dos bons, seus pães vendia-se que nem amor de moça bonita. Não era pioneiro e nunca foi Escoteiro, mas o danado sabia de coisas que nem podíamos imaginar. Foi ele que nos contou da Caverna do Cachorro Louco, da Curva da Cascavel que dizem matou mais de oitenta homens da Bandeira de Fernão dias Pais. – Zé porque não participa conosco? - Eu sempre dizia – Não posso Vado Escoteiro. Um dia você vai conhecer meu pai. Está louco varrido – Vive gritando e sabe, tem hora que dá vontade de interná-lo. Não o fiz porque sei que vai morrer em uma semana se for para Barbacena (no passado ficou célebre pelo seu manicômio).

Foi meu pai quem me contou sobre o Lago do Enforcado. Ele diz que fala com os mortos e eu acredito. Disse para mim rindo e gritando que lá tem um Clá Pioneiro do Além. Ele nem sabia o que era Clá por isto acreditei. Ele contou-me de Max e Virginia, dois pioneiros de Cidade do Sol Nascente que eram namorados desde criança. Ao saírem da reunião do Clá seu fusquinha foi atropelado por uma jamanta. Morreram os dois na hora. Isto foi há muitos anos, poucas pessoas ficaram sabendo. Meu pai disse que eles amavam o pioneirismo e resolveram montar um Clá Pioneiro para ajudar as almas desencarnadas que um dia foram Escoteiros e/ou Pioneiros. Porque lá no Lago dos Enforcados eu não sei. Era uma história e como toda história precisava de averiguação. A equipe que estava comigo era experiente e todos tinham “larga moita de tempo” no escotismo. O medo ali era pouco e a vontade de conhecer e desvendar a “querelância” era maior que tudo.

Encontramos um belo lugar para pernoitar. Seriam seis noites e uma em cada lugar. Achávamos que só assim poderíamos ter a visita dos dois pioneiros Fantasmas e porque não trocar uma ideia com eles? Aprender a fazer fazendo se

aplica também a nós pioneiros. As primeiras quatro noites nada aconteceram. Esqueci-me de dizer que fora uma enorme sucuri que passou pelo campo sem nos notar não vimos mais nada de anormal. Lembrei-me do Chefe Montanha que na maior cara de pau contou que acampou com monitores a beira do Lago do Lagarto e a noite, viram um enorme tronco próximo à barraca deles. Resolveram aproveitar para servir de banco, e fizeram uma ótima Conversa ao Pé do Fogo e só pararam quando notaram que o tronco se mexia e escorrega para frente. Assustados e com seus lampiões a querosene “lumiando” à frente, deram de cara com uma enorme Sucuri. Garantiu-me que tinha mais de trinta metros. A gente acredita fazer o que?

Naquela penúltima noite eu perdi o sono. Os outros foram dormir. Eram duas barracas de duas lonas e era apertado dormir três em cada uma. O ar estava agradável. Um vento sul soprava calmamente vindo da mata a sudoeste do lago. As águas mansas e calmas estavam paradas. Ao longe vi uma bruma cinzenta se aproximando, o engraçado é que a bruma tinha formato de uma enorme barraca. Ela parou bem próximo a mim. Do meio dela surgiram dois pioneiros. Uma pioneira e Um pioneiro. Pensei com meus botões devem ser Max e Virginia. Ambos eram altos, muitos simpáticos para não dizer que Virginia era linda. Seus Cabelos negros esvoaçantes com o vento que soprava lhe davam um aspecto de uma bela mulher. Ambos bem uniformizados. Até no além eu vi que havia garbo e boa ordem. Sorriram para mim e educadamente fizeram a saudação escoteira me dando um Servir vibrante. Graças a Deus que não disseram SAPS! – Podemos sentar? Disseram. – Claro disse eu. – Posso chamar meus amigos pioneiros que estão dormindo? Todos vieram aqui para conhecê-los.

Eles sorriram e acharam melhor não. Que eu não me preocupasse. Todos estavam sonhando com aquele momento e o Mestre Pioneiro deles o Chefe Arcanjo os estava a levar onde está nossa sede. Ele vai mostrar como é e como funcionamos, Fiquei calado. Eu sonhava? Max riu e disse que não. - Pode beliscar para ver! Acreditei. Pioneiro não mente nem brincando. - Vado Escoteiro, venha conosco disseram. Todos os outros irão dormindo, mas queremos você acordado. Queremos se você aceitar ser o nosso porta voz, e contar a todos os Clás do mundo que existimos, e como ajudamos a eles em todas as atividades. Se você assim o fizer seremos eternamente gratos. Recusar? Never! Fui com eles. Em cima do lago parecia que eu estava levitando por cima das águas como uma flor levada pelo vento. Um enorme Arco Iris apareceu. À noite? Isto mesmo, à noite. Iluminava uma linda estrada que nos levou até perto do céu. Milhares de pioneiros iam e

vinham como formigas a buscar algo a fazer.

- Tudo aqui é bem organizado Vado Escoteiro. Disse Virginia. Moça que quando falava encantava. Uma voz linda e um olhar doce de alguém que sabia amar seu semelhante como se ama Nosso ser Supremo. São mais de duzentos clãs divididos em 20 pioneiros cada. O trabalho de ajuda ao próximo é incessante. Damos preferência aos que pertenceram ao Movimento Escoteiro. Quando eles sobem aos céus precisam de ajuda. Muitos têm parentes e amigos que estão ali tentando fazer o mesmo. Quando dizemos Servir, ou Sempre Alerta eles sempre dão um sorriso. Se quiserem morar com os familiares tem livre arbítrio se não temos barracas para eles na sede espiritual. Já tivemos muito trabalho para ajudar aqueles que não querem ser ajudados. Eles não sabem que não estão mais na terra e não querem perder o vínculo.

Fiquei maravilhado com o trabalho. Levaram-me a dezenas de reuniões de Clãs. Todas elas voltadas para a ajuda ao próximo. Ali o lema Servir tinha grande significação. Particpei de varias cerimônias de bandeira. Eles têm um sistema único. Cada um vê sua própria bandeira e canta seu próprio hino. Levaram-me a vários saraus e fiquei maravilhado. Um deles fez questão de cantar para mim a Canção do Clá. Chorei. Belo demais. Voltamos e pensei ter ficado lá muitos dias, na verdade foram menos de quinze minutos. Coisas do além. Eles se despediram e me disseram que seriam meu guia para sempre. Estariam sempre junto a mim. – Vado um Escoteiro, todos do movimento tem um guia. São os anjos da guarda. Conte para todos o que viu. Não irão acreditar é claro, mas ficará na dúvida. E esta dúvida é que a abertura da verdade, do viver pioneiro e como ele poderá prosseguir.

Isto aconteceu há muitos anos. Ao meu modo contei para todos que me conheceram. Não sei os resultados, pois nunca mais falei com Max e Virginia apesar de que me disseram que eram meus guias, meus gurus, meus anjos da guarda!

A árvore das folhas rosas

(Lindas lendas escoteiras)

Era uma visão incrível. Apareceu assim do nada. Fez-se presente para sempre em nossas vidas. Dizem por aí que só os escoteiros têm o privilégio de ver e ouvir coisas, pois eles têm o dom de enxergar de outra maneira a natureza hoje perseguida de maneira implacável pelos homens. Acredito piamente que isto é real. Eu estava em uma pequena trilha, mais quatro amigos escoteiros, todos em fila indiana, tentando cortar caminho para chegar ao Tanque dos Afogados. Desculpem, não morreu ninguém lá e nem é um tanque. Uma represa pequena, dócil, rasa, de águas cristalinas que por duas vezes ali estivemos acampando. Sempre passamos pelo caminho do Marquês mais de doze quilômetros. Não lembro quem deu a ideia de cortar caminho em um vale entre duas montanhas. Nem sempre as boas ideias prevalecem. Passava da uma da tarde. Um sol a pico e queimando. Quase quatro horas de caminhada. O suor escorrendo pelo rosto, os olhos vermelhos e o chapéão de três bicos faziam às vezes de um protetor carinhoso, mas que pouco ajudava.

Um local descampado, sem árvores, quem sabe para o gado que ao longe pastava calmamente. Pensei em parar, mas sempre um animando dizia: - Vamos chegar! Vamos chegar! É só encontrar o vale das Vertentes. E esse não chegava nunca. Uma fome brava. Nem um biscoitinho a solta. Já respirava com dificuldade quando avistei o paraíso. Uma árvore. Não uma árvore qualquer. Era enorme. Incrivelmente linda! Nunca tinha visto uma cerejeira igual. Florida, folhas e flores rosa destoando da natureza ao seu redor. Só ela, ali, imponente e ao seu lado um pequeno riacho de águas claras. Visão maravilhosa. Um oásis dos deuses do paraíso naquele campo seco. Incrivelmente maravilhosa. Molhei o rosto calmamente. A sombra da cerejeira nos dava uma sensação de calma silenciosa e gostosa. Uma brisa fresca soprava de este para oeste. Sentamos embaixo próximo ao tronco. Pés levantados. Dizem ser bom para a circulação. Dez minutos, quinze, vinte. Uma hora. Ninguém animava em partir. Estavam todos no mundo dos sonhos coloridos que só os escoteiros possuem.

A tarde chegou mansamente. O sol estava se despedindo e prometendo voltar amanhã. Vermelho atrás das montanhas verdejantes. Ainda de olhos fechados lembrei que tinha lido não sei onde – “A flor de cerejeira cai da árvore na primeira brisa mais forte, mas não dizemos que ela nunca viveu. Uma flor que só

dura um dia, não é menos bonita por isso”. Não queria abrir os olhos. Não queria partir. Eu tinha encontrado o paraíso. Não disseram que o tempo é relativo? Que a flor da cerejeira, por exemplo, dura apenas uma semana e mesmo se durasse mil anos ainda seria efêmera? Flor tão bela como ela não merecia durar eternamente? E o que é eterno se não o que dura com tamanha intensidade? Dormi. Não queria acordar. Agora a cerejeira não dava mais sombra. Não precisava, a noite chegou escura, mas logo o clarão das estrelas no céu dava o seu espetáculo a parte.

Reunião de Patrulha. Partir? Cinco a zero para ficar. Um foguinho. Uma sopa, um café na brasa. Cantando baixinho a *Árvore da Montanha*. O céu estrelado ainda dando seu espetáculo maravilhoso. Um cometa passou correndo deixando um rastro brilhante. Fiz um pedido. Que a cerejeira em flor durasse para sempre! Aos poucos alguns dormiam. A cerejeira das folhas rosa era nossa barraca. O tempo passou. Ao lado algum anjo velava o sono dos escoteiros. Abri os olhos mansamente, uma réstia de luz aportava lá por trás das montanhas distantes. Era a madrugada chegando. O novo dia chegava sem fazer alarde. O orvalho caía de mansinho. A brisa eterna amiga não nos deixou. Um acalanto para nos dar um novo vigor no dia que chegava sem fazer ruído. O riacho ao lado parecia cantar canções de ninar. Pequenos peixinhos nadavam como a nos dizer bom dia! Pássaros mil a cantar em revoada com a dizer – Chegou a hora de partir Escoteiros! Mochila as costas. Olhares e sorrisos entre nós. Escoteiros avante! Rataplá! Rataplá! Pé na estrada, pois o sol agora já estava firme no horizonte. Nosso destino? O Tanque dos Afogados. E lá fomos nós, em marcha de estrada sorrindo, chapéu de três bicos soltos nas costas, mas podem acreditar que nunca mais, em tempo algum, nós nos esquecemos da árvore das folhas rosa. Cerejeira em flor. Um amor, uma lembrança que ficou marcada para sempre!

*Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso*

*Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso,
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)*

E talvez de meu repouso...

Mario Quintana

Gloria feita de sangue. A última Luta de Manuelito

(As mais lindas histórias escoteiras)

Atenção! Se você tem coração fraco, não leia esta história. Pode se emocionar demais. (um conto longo, mas quem não leu vale a pena para ver a luta por um sonho).

Não dá para esquecer, foi no último verão de sessenta e um. As chuvas de Santo Inácio que todos esperavam não aconteceram como o previsto e ali, a beira da Lagoa do Lagarto, o fogo de conselho já havia terminado. A escoteirada já se recolhera. Aqui e ali a fogueira ainda se esforçava para mandar aos céus uma ou outra fagulha brilhante. Todos já haviam se recolhido e eu resolvi ficar. Panchito me fazia companhia. Bom amigo. Conhecemos-nos em Aguascalientes no sul do México em cinquenta e oito. Ele já morava no Brasil há vinte anos, mas seus pais residiam nesta cidade e ele a cada cinco anos voltava para fazer uma visita. O motivo porque estava em Aguascalientes fica para outra história. Deitamos a beira da lagoa sobre uma lona leve e admirávamos o vai e vem dos cometas e satélites que giravam em torno da terra a grandes velocidades. Já sentia o orvalho da madrugada se aproximando quando vi que Panchito chorava baixinho. – O que foi? Perguntei. Olhe Chefe, sempre quando me lembro de Manuelito meu coração bate forte.

Deixei que ele se acalmasse e foi assim que ele me contou toda a história de Manuelito. – Era um jovem de seus doze anos. Magro, raquítico, tamanho normal para sua idade. Cabelos loiros, olhos negros fundos, nariz afilado estava na tropa havia oito meses. Falava pouco e ficamos amigos. Assim como ele eu também era da Corvo. O Gentil era o Monitor. Ótima pessoa. Tudo começou quando Gentil comentou que na Corte de Honra foi discutido a data do próximo Grande Desafio. Nos últimos três anos sempre foram realizados. Nunca fiquei sabendo como tudo começou. Toda a tropa só comentava a vinda de mais três tropas de cidades vizinhas. Ia ser um espetáculo a parte as disputas naquele ano. Seriam realizadas no Estádio do Azulão Futebol clube, pois no ano anterior houve grande aglomeração de pessoas no campinho de pelada em frente à sede prejudicando em parte a visão de todos. – Não estava entendendo, mas deixei que Panchito continuasse sua narrativa. – Chefe, precisava ver o olhar de Manuelito quando disse que o primeiro lugar ganharia uma Faca Suíça e um Cantil

do Exército. Nunca o vi sorrir daquele jeito. – Fiquei com pena. Manuelito não tinha a mínima condição de chegar as finais.

- Sabe Chefe quando conto esta história para alguém, dão risadas. – Uma simples briga de galo? – Mas isto se faz em todas as tropas a século! Mas Chefe, conosco era diferente. Havia uma técnica própria. Cheguei a ver em um ano dois contendores ficarem uma hora e meia lutando. Vi tantas lutas que eu mesmo desisti, pois nunca cheguei além do nono lugar. Manuelito não. Perguntou-me a data, como ia ser a seleção e se todos podiam se inscrever. – Disse a ele tudo que perguntou e mais além, disse também que ele nunca tinha lutado. Pedi-me que mostrasse como se luta. Ficamos uma hora lutando. Ele mal se matinha em pé. Caía sempre. Desistir? Jamais. Manuelito sonhava com a Faca Suíça. Só falava nela. Queria ter uma e sabia que nunca poderia comprar. Uma semana antes da seleção, que seria feita com todas as patrulhas por duplas Manuelito disse que estava preparado.

- Chefe, Manuelito estudou tudo. Desenhou. Treinou horas e horas em sua casa a ficar parado ou pulando em um só pé. Suas mãos as costas pareciam aço. Não se soltavam. Sabia fazer com perfeição uma Asa Direita ou esquerda (cotovelos em forma de V). O Joelho do Papagaio aprendeu rápido. Mas era magro, respirava com dificuldade e mesmo assim se mostrou um valente. O primeiro, segundo e terceiro lugar já tinham dono. Neco, Lastimer e Juventino eram os melhores. O quarto lugar foi disputado com galhardia. Manuelito a muito custo conseguiu o quarto lugar. O Chefe Wantuil não acreditava no que via. Ele ficou preocupado. O corpo de Manuelito não foi feito para aquele tipo de luta. Tentou falar com seus pais que sempre arredios não iam à sede. Desistiu e deixou que Manuelito participasse. Arrependeu-se muito depois. O grande dia chegou. Centenas de pessoas já estavam alojadas nas arquibancadas. Poderia jurar que ali no inicio do Grande Desafio tinha mais de três mil pessoas. Os parentes e vizinhos das outras três cidades compareceram em peso.

Chico Nonato o comissário distrital abriu a competição. Chamou um a um os dezesseis finalistas gritando alto seus nomes e conquistas escoteiras. Quatro por tropa. Formaram em linha. Todos parrudos, fortões e Manuelito se destacava pela sua magreza. Nas arquibancadas gritavam – Tira o magrelo! Tira o minhoca! Esta pestinha vai morrer! Ele de cabeça baixa não se incomodava. Sonhava com a Faca Suíça. Ele sabia que não poderia ficar lutando por muito tempo. Sabia o que tinha internamente e se ele brotasse em seu estomago iria ser

levado à boca e aí não ia ser fácil. Seria desqualificado na hora. Isto não poderia acontecer! – Não foi difícil para Manuelito chegar as quartas de finais. Aprendeu e treinou dias e dias a rodopiar com seu Joelho do Papagaio e deixava que os outros pulassem sobre ele. A Joelhada era fatal. Ninguém acreditava no que via. Ficaram quatro competidores finais. Ele ia lutar com um dos campeões do passado. Matusalém era famoso. Quando ele olhou para Manuelito sorriu. – Este está no papo. - Não quer desistir formiga? Perguntou. Uma hora de luta. Sempre Manuelito se esquivando. Manuelito o sentiu no estomago. Deus! Deus meu! Não deixe que suba! Ajude-me. Eu preciso desta Faca Suíça! E meu sonho meu Deus!

Ganhou para espanto de todos. Sentiu que suas pernas e suas entranhas não aguentariam a final. Botelho Papa Léguas era o finalista da Tropa de Jaguatiruna. As apostas perdiam a graça. Ninguém apostava em Manuelito. Eram trinta por um contra ele. Mesmo vencendo ninguém acreditava. Agora estava em dez por um. Um silêncio enorme e a luta de morte começou. Ambos se estudando. Botelho Papas Léguas não subestimou Manuelito. Se ele chegou até ali é porque era bom. Viu uma brecha, viu os olhos de Manuelito piscando e se fechando. Deu oito saltos longos e pegou Manuelito de jeito com a asa direita. Manuelito conseguiu se esquivar, mas a esquerda roçou com força seu olho direito. Uma dor incrível! Manuelito quase perdeu o equilíbrio. Não iria aguentar outra. O sangue agora estava enchendo sua boca. A hemorragia que seu pai sempre falava estava chegando. Sabia que uma ou duas veias tinham partido. Se não parasse iria morrer.

Não podia, não podia parar! Meu Deus me ajude! Dê-me mais uns minutos, daria minha vida para ter esta Faca Escoteira! Botelho Papa Léguas não sentiu piedade. Ele também queria ser o campeão do torneio. Nunca tinha ganhado. Entrara para o escotismo pelo premio e claro pela fama. Afinal perder para aquele escoteirinho de nada? Raquítico, pequeno, e agora chorando? Sim Manuelito tinha os olhos cheios d'água. A asa esquerda o pegou de jeito entre os olhos. O sangue quente na boca. Firmou os lábios. Tentou engolir. Não deu. Não iria soltar o sangue na grama verde. Seria desqualificado! Ele pulou uma, duas vezes. Fez um sinal para Botelho Papa Léguas como a dizer – Venha moleza! Botelho Papa Léguas não se fez de rogado. Pulando com uma rapidez incrível preparou sua asa direita para liquidar logo esta contenda. Infelizmente ele sabia que Manuelito ia se estatelar no chão. Podia machucar, mas e daí? Quem entra

na água é para se molhar. Mas não podia ter pena nem dó e nem piedade. Como dizia sua Avó, jogo é jogado e lambari é pescado.

Manuelito viu num relance o que Botelho Papa Léguas ia fazer. Sabia que não podia desviar muito. Se pulasse o sangue ia jorrar de sua boca. Ele sentia mais e mais a pressão do sangue subindo goela acima. Uma dor incrível no cérebro, o corpo tremendo. Esperou. Faça Suíça! Não vou perder você. Deus vai me dar forças! Manuelito esperou até que Botelho Papa Léguas se virasse e novamente usasse a lateral esquerda para lhe bater a toda no seu ombro com a Asa Direita. Quando sentiu o hálito quente da respiração de Botelho Papa Léguas, Manuelito abaixou e levantou de uma vez. Pegou Botelho Papa Léguas desprevenido. Ninguém esperava que ele usasse este truque. Velho conhecido de todos. O vai e vem do corpo subindo e descendo. Botelho Papa Léguas perdeu o equilíbrio. Nas arquibancadas um murmúrio alto. Todos ficaram em pé. Não acreditavam no que viam. Todos só viram Botelho Papa Léguas se esparramar pelo chão. Os apostadores não acreditavam na cena estática que se apresentava. Eram dez por um. Impossível eles diziam.

Manuelito se equilibrou ainda na perna direita por alguns segundos. Suas mãos se soltaram e foram forçadas no ventre como a querer interromper o sangue que agora saía aos borbotões dos seus lábios. Não dava para segurar mais. Rodopiou em si mesmo e caiu esparramado no chão gemendo alto e querendo sorrir. Afinal ele ganhou a luta. A Faça Suíça era sua! O sangue vermelho se misturou ao verde da grama. Um colorido sem graça. Vários chefes acorreram. Viram Manuelito com enorme hemorragia interna. Desmaiado. A morte parecia que ia chegar. Um carro apareceu no campo. Ele foi transportado para o hospital da cidade. Uma semana depois souberam que ainda estava na UTI. Perdera muito sangue. Precisava ir para a Capital. Seus pais choravam, mas não condenaram o filho. Se ele morrer foi porque sabia que seu sonho seria maior que a morte!

Seis meses depois em uma tarde de agosto bolorenta, um sol preguiçoso no céu Manuelito apareceu na sede em uma cadeira de rodas uniformizado. A tropa parou espantada. Ele sorria, um sorriso tênue como se o sol estivesse esperando para levá-lo. Seu pai estava junto. Disse que ele insistiu em vir. Queria receber a Faça Suíça dos seus sonhos. O Chefe Wantuil foi até sua casa e voltou com ela. Todo o grupo se formou. Honra ao mérito

ao escoteirinho herói. Como bons escoteiros todos prestaram continência em posição de sentido a Manuelito. Pediu que eu entregasse a ele a faca e colocasse no seu cinto do lado direito. Uma honra para mim Chefe! Um Anrê foi dado. Uma explosão de alegria em todos os presentes. Um exemplo para ser lembrado por toda a vida.

Manuelito ainda viveu mais um ano. Morreu com treze anos. Só então ficamos sabendo que ele era tuberculoso. Sua família também. Uma época em que a medicina não tinha cura nestes casos. Seu pai sabia, mas como tantos outros escondiam, pois ele tinha exemplos de pessoas portadoras de tuberculose que foram defenestrados pela sociedade. Eram párias abandonados à própria sorte. Uma semana antes de morrer, Manuelito me pediu que quando fosse para o Campo Santo, que a Faca Suíça estivesse no cinto, pois queria estar uniformizado. Chefe, meu Deus! Quanta tristeza. Centenas de escoteiros e de gente da cidade ali em volta da sua ultima morada chorando. Eu Chefe, era o que mais chorava. Não sabia como enfrentar tudo daí para frente. Ate hoje ainda vou lá visitá-lo. Falo com ele sempre. Sei que ele não está ali sorrindo, mas isto alivia minha dor e me conforta.

Panchito se levantou. Chorava copiosamente. Desculpe Chefe. Desculpe. Melhor é ir para minha barraca. E lá foi ele me deixando ali a beira daquela lagoa cinzenta, ao lado de uma fogueira apagada, só cinzas e um orvalho caindo e molhando minhas faces. Vi que as minhas lágrimas também se misturavam ao doce orvalho do amanhecer. Uma bruma escura pairava sobre a lagoa. Nunca fora assim, sua cor sempre era branca. Pensei em ir dormir e ir para minha barraca. Não fui. Sentei a moda índia e fiquei ali até o amanhecer de olhar fixo no horizonte, acima da Lagoa do Lagarto. Não houve sol aquele dia. Uma chuva leve e intermitente começou a cair. Um peixinho pulou sobre as águas cinzentas da lagoa. Minha mente voltava ao passado. Manuelito, um sonho realizado. Uma morte honrosa. Um menino que foi homem para aceitar o seu maior desafio. Uma luta sem gloria. Ou melhor, Gloria feita de Sangue!

Noêmia, a feia

(Lendas escoteiras)

Noêmia era feia. Muito feia. Sua mãe reclamou com Deus porque lhe dera uma filha tão feia. Afinal ela apesar dos seus trinta anos ainda era bonita e quando mais jovem considerada a mais linda da cidade. Mas Noêmia não. Olhar para ela era desagradável. Seu nariz amassado, sua boca com um corte desproporcional e seus olhos estrábicos davam asco para alguns e pena para outros. Nascera assim. A princípio Nair sua mãe se revoltou, mas depois sentiu um amor por ela tão grande que achava ela a menina mais linda que conhecera. Entretanto quando fizera dois anos uma surpresa. Sua inteligência. Leu seu primeiro livro com dois anos. Aos três frequentava a biblioteca da cidade onde lia dez livros por mês. Se ficasse mais tempo lá leria outros tantos. Fazia contas como se fosse uma matemática cientista.

Na escola não pode continuar. Ensinava para as professoras com cinco anos. Ninguém a queria na classe. Nair mal assinava o nome. Era diarista e nos fins de semana passava roupa para a vizinhança. Era assim que sobreviviam. Não entendia nada de crianças superdotadas e muito menos a quem procurar para ajudar. Aos seis Noêmia não tinha mais nada para ler. Achou no fundo do baú da biblioteca dois livros, um de Rudyard Kipling outro de um general chamado Baden Powell. Encantou-se com os lobinhos e com os escoteiros. Procurou tudo que falava nos escoteiros. Tudo gravado na mente. Tornou-se uma expert em escotismo.

Um Dia viu passando umas meninas de uniforme. Foi atrás delas e descobriu onde era sua sede. Noêmia quase não andava na rua. Usava um boné em cima dos olhos tapando o rosto para evitar que a vissem. Sabia da expressão das pessoas quando olhava para ela. Ficou de longe observando as meninas. Viu logo que era uma tropa feminina. Sabia como era, pois escotismo para ela não era segredo. Todo o sábado lá ia Noêmia assistir as reuniões. Um sorriso torto brotava em seu rosto. Que vontade de participar! Mas como? Sabia que todos iriam olhar para ela apalermados e com medo. Se fossem acampar ninguém iria querer ficar com ela na barraca.

Foi Marisa quem lhe dirigiu a palavra pela primeira vez. Marisa era monitora da Patrulha Onça Parda. – Olá! Porque não vem participar conosco?

Precisamos de seis, pois estamos com cinco e as bases que serão aplicadas não dá para fazer com cinco! – Noêmia assustou. Levantou seu boné para que Marisa pudesse ver como ela era. Marisa nem aí. Pegou em sua mão e a levou até a Patrulha. Apresentou a todas. Noêmia não cabia de felicidade. Nas bases sabia tudo. Mais de trinta nós. A rosa dos ventos fazia com olhos fechados. Orientação era fichinha para ela. Leitura de mapas então! Toda a Patrulha ria a mais não poder. Um verdadeiro banho nas outras patrulhas.

A Chefe Valquíria assustou com aquela menina feia. Feia mesmo. Mas como sabia de escotismo. - Onde aprendeu? - Chefe, eu li nos livros da biblioteca. – Leu? – Sim Chefe. Foi então que a Chefe Valquíria viu que estava diante de uma superdotada. Após a reunião a levou em casa. Conversou com sua mãe. Disse que era diretora do Colégio Estadual. Podia conseguir uma escola própria para Noêmia. O que é o destino. Tudo mudou na vida de Noêmia. Uma recepção que nunca tinha pensado receber com os escoteiros.

Noêmia aonde ia conquistava amigos. Os escoteiros do distrito tinham por ela um grande respeito. Um dia um escoteirinho chamado Noel lhe disse – Noêmia, você tem o coração mais lindo que já vi. Ele tem uma chama amarela que solta nuvens de amor. Noêmia chorou aquele dia. Incrível como o escotismo deu a Noêmia um novo sentido da vida. Ajudava a diretoria, ajudava aos chefes com sugestões de reuniões, com jogos, e olhe ninguém nunca reclamou. Noêmia cresceu. Já não era a menina feia que todos achavam. A cidade aprendeu a amar aquela jovem e hoje eu sei que ela se formou em direito e diz que vai ser juíza. Muito bem. Viva a Noêmia a feia que mostrou que o amor, o conhecimento e a vontade de ajudar é maior que tudo!

De ilusão também se vive

(Conversa ao pé do fogo)

Sempre escrevo e conto histórias onde a aventura, a natureza e os belos sonhos Escoteiros estão presentes em todas as linhas dos meus escritos. Muitos dizem que o hoje não foi o ontem e o amanhã ninguém pode saber. Verdade sim, mas o nosso Movimento Escoteiro não é feito de sonhos? De sonhar em ser um cavaleiro andante? De montar em uma águia e partir em busca da terra do nunca? Quantos ainda ficam dias sonhando para o próximo acampamento? Sonhando em viver na floresta, em subir em árvores, em construir um ninho de águia ou uma ponte pênsil? E cantar? Sim isto mesmo, cantar ao redor de uma fogueira contando “causos” rindo das piadas alegres, deixar os olhos seguir as fagulhas que sem ninguém mandar se dirigem para o céu? – Mas Chefe, isto não mais existe, hoje os jovens nem pensam mais nisto. Será mesmo? Não seria nossa culpa, pois aceitamos ou quem sabe impomos um programa que achamos bom por não acreditar mais que não existem Escoteiros sonhadores?

Quem sabe nós os adultos falamos por eles sem consultá-los dos seus sonhos? É fácil levar meninos para o campo, ficar horas falando disto e daquilo, esticar uma corda para que um por um passe sob os olhos atentos do Chefe. Se for assim o tempo passou e o sonho desmoronou. Pergunto-me se um dia na hora certa, no lugar certo, em uma sombra de uma grande árvore quem sabe ouvindo os sons da floresta ou do bosque tão perto, ou o doce cantar de um regato ao lado, sorrir ao contar que poderiam todos viajar pelas estrelas no céu azul basta criar na mente esta hipótese plausível? Não precisa de muitos, pois não se cria sonhos com dezenas em sua volta, mas você e eu podemos sem sombra de dúvida começar com poucos. Quem sabe os monitores? Pense, continue pensando que você está com eles subindo uma montanha deixando que eles recebam o vento no rosto, que vejam ao longe o ribombar de um trovão e eles assustados não pensaram em se defender da chuva? Chuva? Bendita chuva que se cair irá criar na mente de cada um a vontade de se tornarem aventureiros audazes, e então por que não parar e contar uma pequena história? Criar em suas mentes que eles podem se safar com aquela chuva que os aventureiros de outrora souberam se safar?

Tudo é tão simples quando pensamos que os jovens querem acreditar, querem ver, querem sentir, querem fazer e você meu amigo ou minha amiga é o espelho deles. O espelho que eles seguirão e não faça nada para estragar esta visão tão

bonita. Deixe que eles viagem na imaginação. Acredite que a vida é um processo de maturidade e está só existirá se deixá-los subir a montanha e ver o que existe do outro lado. Tudo que você fará para criar a fantástica ilusão do sublime sonho mudará completamente a razão da existência dos jovens que de novo irão sonhar, mas sonhar os pés no chão, fazendo, agindo e vivendo o que puderam criar. Faça exatamente como o Código Samurai – A perfeição é uma montanha impossível de escalar e ela deve ser escalada um pouco a cada dia. Sem perceber estamos discordando sempre destes sonhos em achar que eles são impossíveis de realizar.

Ninguém vive sem ilusões, sem uma bela imaginação, sem criar uma fantasia ou devaneio. Deixe que eles façam desta miragem a realidade que podem e devem criar. Aquele poeta não disse que a vida é feita de ilusões, mas não é das ilusões que saem os melhores momentos da vida? Não diga não aos sonhos deles e se eles não têm sonhos crie um para eles copiarem e fizer os seus. Todos os jovens querem viver o sonho de ser herói. Tiraram isto dele e nós podemos devolver em forma de escotismo aventureiro. Não aquele de uma fila interminável por uma estrada com você determinando aonde ir. Não tenha medo do que vai acontecer. Haja sim com cautela, mas sem tirar o espírito aventureiro. Lembre-se ali são eles os donos dos sonhos, os donos da aventura, você é um mero coadjuvante que tenta a sua maneira passar para eles o que um dia viveu. Agora o momento são deles e você deve aplaudir isto.

Ninguém gosta de sonhar e ficar acordando vendo o tempo passar. Ver o vento vir e ir sem ter ao menos possibilidade de tocá-lo. Sem saber o som da floresta, sem saber como é o orvalho da madrugada a cair suavemente no rosto. Sem saber o que os pássaros dizem sem sequer reconhecer o cantar do regato que lhe forneceu a água para sobreviver. Deixe-os ver o vento balançar as árvores, deixe que eles descubram o caminho a seguir, deixe-os descobrirem como podem viver sonhando com os pés no chão. Esqueça a modernidade por alguns minutos e sim pode se preocupar com as adversidades dos novos tempos, mas faça tudo para que eles andem sozinhos. Eles um dia não terão de fazer isto? Belas são as palavras de Kipling que escreveu um dia quem sabe para nós chefes – Quem ao crepúsculo já sentiu o cheiro da fumaça de lenha, quem já ouviu o crepitar do lenho ardendo, quem é rápido em entender os ruídos da noite... Deixai-o seguir com os outros, pois os passos dos jovens se voltam aos campos de desejo provado e do encanto reconhecido!

Não vamos mais além, mas precisamos retornar aos sonhos que um dia

os jovens tiveram, precisamos pensar que o mundo é como um acampamento em que montamos nossa tenda podemos apreciar a natureza, e depois voltamos para a nossa casa que é a eternidade. Terminei este comentário de alguém que nunca ouvi falar. Osho. Quem foi não importa, mas uma coisa eu garanto é um criador de ilusões a nos mostrar que o caminho para prosseguir é sonhar e acreditar em seus sonhos:

- Diz-se que, mesmo antes de um rio cair no oceano ele treme de medo. Olha para trás, para toda a jornada, os cumes, as montanhas, o longo caminho sinuoso através das florestas, através dos povoados, e vê à sua frente um oceano tão vasto que entrar nele nada mais é do que desaparecer para sempre. Mas não há outra maneira. O rio não pode voltar. Ninguém pode voltar. Voltar é impossível na existência. Você pode apenas ir em frente. O rio precisa se arriscar e entrar no oceano. E somente quando ele entra no oceano é que o medo desaparece. Porque apenas então o rio saberá que não se trata de desaparecer no oceano, mas tornar-se oceano. Por um lado é desaparecimento e por outro lado é renascimento. Assim somos nós. Só podemos ir em frente e arriscar. Coragem! Avance firme e torne-se Oceano!

Daqui a alguns anos estará mais arrependido pelas coisas que não fez do que pelas que fez. Solte as amarras! Afaste-se do porto seguro! Agarre o vento em suas velas! Explore! Sonhe! Descubra!

(Mark Twain)

Quando os sonhos não se realizam

(Conversa ao pé do fogo)

Acho que o nome dele era Matheus, não tenho certeza. Mas todos o chamavam de Miltinho, porque não sei. Nunca me disseram. Talvez porque seu avô era assim chamado e como ele tinha todo o jeito dele nada como manter o apelido carinhoso. Era filho único e com 11 anos já estava no quinto ano do fundamental. Estudava em um bom colégio pago e mesmo não sendo um estudioso por natureza, não tinha por que reclamar de suas notas. Não diferia muito dos jovens de sua idade. Gostava de futebol e sempre que podia, ia para a quadra do colégio bater uma bola com os amigos. Também não era um futuro craque.

Em seu bairro tinha alguns amigos, não muitos. A noite se encontrava com eles para um papo ou até uma brincadeira qualquer. Seu pai trabalhava como gerente financeiro de uma cadeia de lojas e nunca chegava a casa antes das 9 da noite. Sua mãe, dona de casa era quem mais estava junto a ele no dia a dia. Nunca seu pai o levou para passear nos finais de semana e pouco interessava pela sua vida não perguntando nada quando se encontravam. Um tarde de um sábado, vindo da quadra de futebol, viu três escoteiros vindos em sua direção. Já os tinha visto antes, mas não sabia como eram o que faziam e onde se encontravam. Passaram por ele conversando entre si e se foram, dobrando a esquina. Ele ficou ali meditando, meditando e pensou o que seria aquilo e como fazer para participar.

Comentou com sua mãe sobre sua intenção. Ela não disse nem sim e nem não. Resolveu investigar por conta própria. Descobriu o local deles. Era um colégio a oito quadras de sua casa. Foi lá em um sábado. Viu muitos meninos e meninas brincando, correndo e um chefe apitando. Não entendeu muito, mas pelo sorriso estampado no rosto de todos, achou que devia ser bom. Ficou ali até alguém de uniforme aparecer perto dele e perguntou como era para participar. O encaminharam para a sala onde estava o que devia ser o chefe. Ele o olhou de alto a baixo. Perguntou por que queria ser escoteiro. Ele não soube responder, mas disse que queria experimentar.

Entregou para ele uma ficha de inscrição que devia ser preenchida pelo seu pai e sua mãe. Tudo bem. Ele levou a ficha e entregou a sua mãe. Com o pai achava difícil de falar, não se entendiam bem. Mas quando ele chegou à noite, sua mãe

levou a ficha para ele assinar. Assinou, riu e veio falar com ele. Parabéns disse agora você escolheu bem. No próximo sábado irei com você até lá para conversar com o chefe responsável. Ele não acreditou e seu pai o levou até seu quarto (o dele) e tirou de dentro de uma mala antiga, um uniforme de escoteiro e o lenço e o presenteou. Era o seu quando jovem. Participara por quatro anos. Fora monitor e primeira classe. Mudaram de cidade, onde foram não havia grupos. Mas ele não tinha esquecido.

Sempre pensou em colocá-lo em um Grupo Escoteiro, mas não sabia onde e ele não tinha se manifestado a respeito. O tempo foi passando e ele se esqueceu de tudo. O trabalho o absorvia muito. Foi um dia feliz. Foi para o seu quarto e colocou o uniforme na cama. Ficou ali a admirá-lo. Não se conteve. Vestiu a camisa, colocou a calça curta, devagar colocou os meióes. Olhando no espelho colocou o lenço. Ainda não sabia como colocar. Como gravata ou mais longe do pescoço. Viu que o uniforme era grande para ele. Não se importou. Achou que era o máximo.

Durante a semana, ele sonhava com o dia em que iria participara pela primeira vez. Logo que o dia amanheceu, acordou e foi até a janela. Sorriu para o sol e fez sua oração matinal agradecendo a Deus pela oportunidade. Queria compartilhar a sua alegria. Saiu de casa para conversar com um amigo e contar para ele a novidade. Ao atravessar a rua, foi pego por um carro a toda a velocidade que estava fugindo da policia que vinha logo atrás. Foi arremessado à grande distancia. Ficou inconsciente.

Levado ao hospital ficou em coma dois meses. Saiu do coma, mas sem movimentos no corpo, ficara paraplégico. Durante um bom tempo não lembrou mais de seus sonhos. Agora eram outros. Pensou que com o tempo seus movimentos voltariam, ele não desanimou e o tempo passou.

Só existe uma coisa importante em nossas vidas: viver a nossa lenda pessoal, a missão que nos foi destinada. Mas sempre terminamos nos sobrecarregando de ocupações inúteis, que acabam por destruir nossos sonhos (Maktub).

Paulo Coelho

Pigmor, o castor manco do lago Grande Urso

*“Terra do belo Olmeiro, lar do castor,
Lá onde o alce airoso, é Senhor,
Em um lago azul rochoso, eu voltarei de novo!”*

Era uma linda tarde de outono, mas Lisabel estava cansada. Afinal não era para menos. Quinze lobinhos ali soltos naquele sitio e só ela como responsável daria dor de cabeça em qualquer um. Lorraine e Javier na última hora disseram que só poderiam chegar no sábado à noite. Desmarcar o Acantonamento era impossível. Tudo tinha sido preparado. E lá foi Lisabel a enfrentar o desafio. Chegaram e logo arrancharam no Sitio Mimoso. Quinze lobos? Meu Deus, agora pareciam cem! Lisabel gritava chamando e logo eles corriam para todo lado. Consegui uma árvore próxima a casa e lá arvorou a Bandeira Nacional. Tinha no programa um estoque de jogos, brincadeiras, canções tudo que uma boa atividade deste porte requer. Mas não estava sendo fácil. Não mesmo. Ainda bem que dona Mercês mãe do Gustavo foi para a cozinha. Ela dava mais trabalho que seu filho. Queria ficar junto dele para protegê-lo, enfim uma mãe super-protetora.

Após o almoço Lisabel reuniu os lobos e foram até próximo a um pequeno lago, e ao pé de um lindo Cajueiro, sentaram. Os lobinhos inquietos. Alguma coisa fazia ondas sobre as águas do lago. Lisabel não acreditou. Era um castor que logo mergulhou. Isto mesmo. Só se o proprietário do sitio o tivesse levado. Não havia no Brasil. Ela começou a cantar com eles uma canção. “A promessa de Mowgly”. Fizeram um jogo de faz de conta. Viu que a tarde se aproximava. Ainda bem. Logo seus assistentes chegariam e ela poderia descansar. Uma forte dor de cabeça. Os lobos sentaram em sua volta. Ia começar a contar uma história. Não lembrava. Assustou-se ao olhar novamente para o lago, parecia emergir de dentro das águas um velho com um chapéu e uma indumentária típica dos grandes caçadores de peles do passado. Um verdadeiro Mountain Men, ou melhor, um homem da montanha! Sorria, deu um olá simpático, chamou a atenção dos lobos. Eram seis meninas e nove meninos.

- Sabem! Disse ele. Faz tempo que não vejo um Cub Scout. Quantas saudades! – O que é um Cub Scout logo perguntou uma lobinha. – Meninos lobinhos como vocês. – Lisabel ficou impressionada e assustada com ele. Uma figura imponente. Um cajado lindo. – Posso? Ele perguntou a Lisabel se poderia

sentar com eles ali. – Claro que sim ela respondeu. – Por acaso viram um castorzinho deslizando há poucos instantes sobre o lago? Não? Vocês já ouviram falar de Pigmor, o castor manco do lago Grande Urso? – Também não? - Não Senhor responderam todos. - Querem conhecer sua história? Palmas e gritos. A lobada gostava de uma boa historia. – Bem vou contar, mas é uma historia triste, muito triste. Faz tempo, muito tempo quando conheci o John, ou melhor, o John Colter. Um pioneiro e um dos primeiros caçadores de pele a ser chamado de “homem da montanha”. Ficamos amigos em St. Louis uma cidade americana, lá pelos idos de 1807. Com ele fizemos uma serie de expedições até o rio Missouri para caçar castores e tirar suas peles.

Os lobinhos assustaram-se. – Calma, foi em um passado muito distante. Nós vivíamos disto. Chegamos até a montar uma empresa de nome Rocky Mountain Fur só para vender as peles que conseguíamos caçar. - Mas vamos ao que interessa. Eu e o velho John rodamos meio mundo. Das Montanhas Rochosas até os grandes lagos de Michigan, Huron, Erie e Ontário. Diziam que eu e o John só caçávamos peles dos castores, mas não era verdade. Amávamos explorar o Velho Oeste americano. Nunca esqueci quando conheci Pigmor, o castor manco. Para ser sincero eu e o meu amigo chegamos às margens do Lago Grande Urso numa tarde de novembro. Eu nunca tinha ido ali e nem ele. O frio intenso, pois nevava a mais de seis dias. Montamos uma pequena cabana e quando ascendi o fogo vi um castorzinho chegando e mancando. Assustei, pois sabia que eram ariscos e não se aproximavam. Sabia que ele e seus companheiros formavam uma colônia deviam ter um dique no fundo do lago. Nunca andavam sozinhos. Nós sabíamos que enquanto não passasse a nevasca nunca poderíamos caçá-los.

- Olhei para o John e disse rindo: Não parece o Pigmor aquele velho caçador de ouro que morreu em Blue River Valley? Coitado. Achou que a riqueza fácil seria dele ali na região das Montanhas Rochosas. Morreu abraçado a um grande urso que encontrou na caverna do Mandor. Belas lembranças da famosa corrida do ouro em Breckenridge. Mas voltemos a historia. Vi que vocês querem saber tudo! Pigmor chegou até próximo ao fogo. Acharno-lo diferente. Logo batizamos com o nome do meu amigo já falecido. Eu e o John ficamos calados. Não valia a pena dar um tiro ou mesmo matá-lo com um facão. Era raquítico, pequeno e descarnado. Seus olhos pareciam vermelhos e sentia que chorava por dentro. Ficou ali horas aproveitando o calor do fogo. Foi quando levamos o maior susto. Pigmor de cabeça baixa, deitado bem próximo à fogueira soluçou várias vezes. Começou a contar uma historia estranha. Isto mesmo, Pigmor estava falando.

Como não sei. Castor falante? Nunca ouvi falar.

Lisabel não estava acreditando no que via. Um velho curtido, uma capa estranha, botas de pele de urso, um lenço azul amarrado ao pescoço e um boné de peles de castores, de cócoras no meio do círculo, contava aquela história de uma maneira tão linda que até ela mesmo estava sendo encantada pelas palavras daquele velho caçador de peles. Notou que em nenhum momento os lobinhos tiravam os olhos dele. Sua dor de cabeça e seu cansaço havia desaparecido. – O Velho caçador continuou – Isto mesmo. Pigmor contava uma história muito triste, que aconteceu uma semana antes. Ainda não estava nevando e ele e seus irmãos da Colônia tinham terminado o dique onde iriam passar o inverno e aconteceu uma matança. Dois homens chegaram atirando. Pigmor correu para uns arbustos, mas levou um tiro na perna direita. Seu pai e sua mãe morreram na hora. Viu que somente Nakim, Molevo, Pariá e Jasmiel tinham se salvado pulando nas águas geladas do lago. Os dois homens jogaram uma banana de dinamite e quase destruíram o dique. Os quatro castores escondidos lá ficaram presos.

- Pigmor levantou a cabeça e me olhou dentro dos meus olhos. Depois olhou para John e continuou – Mergulhei até lá, estavam presos em uma toca sem poder sair. Tentei tudo. Jasmiel a Castora que seria minha esposa estava quase morta. Não sabia o que fazer. Melhor morrer com eles. Subi a tona e vi vocês. Acreditei que iam atirar em mim. Podem atirar. Eles irão morrer e eu quero morrer com eles. Iremos nos encontrar nas Grandes Tocas do Navarra onde se encontram os nossos ancestrais. – Pigmor se calou. Só ouvia soluços. Olhem não sei o que deu em meu amigo John. Não sabia que ele um dia poderia gostar de bichos, animais, ou seja, lá o que for. Mas mesmo naquela nevasca, escuro feito breu, o frio de rachar ele tirou a roupa e mergulhou nas águas profundas do lago. Passaram-se segundos e minutos. Nada do John vir à tona. “Diabos” pensei, será que ele morreu? A água estava um gelo! – Eis que os primeiros castores apareceram e logo em seguida o John com um castor no colo que julguei ser Jasmiel, a namorada de Pigmor.

Todos eles correram para a beira do fogo. Olhe eu juro pelas barbas do Coyote mais arisco de Yellowstone, pelas corcundas de um Bufallo das pradarias próximas a Little Bighorn em Montana que é verdade. Ficaram dois dias conosco. Pigmor e os seus irmãos mergulhavam de vez em quando para consertar sua toca no dique do lago. Uma semana depois Pigmor deu adeus. Hora de partir. Mergulharam na água do lago Grande Urso e sumiram. Nunca mais voltei lá.

Disse ao John que minha vida de caçador peles e de castores tinha se encerrado ali. Ele nada disse. Juntamos nossas tralhas e partimos. Sabíamos que no então Território do Dakota seria feita uma grande corrida do ouro. Em Montana, Arizona, Nevada e Colorado só se falava nisso. Milhares de garimpeiros acorreram. Acampamentos e cidades mineiras surgiam da noite para o dia. Fomos para Black Hills e ficamos ricos. Um dia John se desentendeu com um fora da lei. Morreu em um duelo em Virginia City. Eu resolvi fazer uma cabana nas montanhas e passar lá o resto de minha vida. Tropecei em um lago ao sul de Sonora. Vi um castor manco. Seria Pigmor? O levei comigo. Estamos juntos até hoje.

Ninguém falava nada. Lisabel viu que o velho caçador se levantou, deu um leve sorriso e disse adeus. Foi em direção ao lago. Andando sobre as águas todos notaram cinco castores nadando ao seu lado. Em segundos desapareceram no fundo daquele pequeno lago do Sitio Mimoso. Um barulho de carro. Deviam ser Lorraine e Javier chegando. Eles adoravam os lobos. Um grito: - Lobo, lobo, lobo? E os lobinhos como a acreditar que outra linda história estava programada para eles, correram em direção ao Balu e a Bagheera. Lisabel ficou ali. Olhando para as águas do lago, que agora já noitinha uma bruma cinza se espalhava por sobre as águas. – Eu sonhei? Pensou Lisabel. Se sonhei os lobos também sonharam. Mas não é bom sonhar? Com terras altas, montanhas geladas, picos altos e longínquos, grandes lagos, é bom sonhar sonhos como este. Gostaria de ter conhecido Pigmor o castor manco do lago Grande Urso. mas...

*“Tenho saudades daqui, destas campinas...
Ao norte eu voltarei, para as colinas,
Em um lago azul rochoso eu voltarei de novo”!*

Como na lenda da Águia, que arranca suas penas e bico pra renascer como uma Fênix das cinzas, eu gostaria de perder a memória, me desfazer dos paradigmas, das inseguranças e medos, me perder em mim mesmo e começar do zero! Já que não é possível voltar no tempo, que Deus me de a dádiva do esquecimento.

Diego Moreira

A história é a verdade que se deforma, a lenda é a falsidade que se encarna.

Jean Cocteau

A maldição do Lobo Vermelho

(Lendas escoteiras)

Juraram-me de pé junto que era uma lenda. O povo gostava de contar histórias e inventavam muito. Eu pensava de maneira diferente. Lembrei quando nas eternas competições do passado quando no Quebra Coco nos fogos de conselho, tinha uma quadrinha que gostava de dizer: Minha mãe chamava Caca, e meu pai Caco Maria. Juntando Caco com Caco eu sou filho da Cacaria! Portanto, se o Cacique Boitiguara me contou eu não podia duvidar. Tinha passado para os pioneiros e acampava sempre nas planícies do Vale do Rio Doce lá para os lados de São Mateus e Nanuque. Já conhecia a tribo dos Machacalis, ou melhor, Pataxós como dizem hoje, e me tornei amigo do Cacique e de muitos outros índios da tribo.

Era uma tribo sofrida, lutavam para sobreviver, mas com uma fraternidade que superava algumas vezes a tão falada fraternidade escoteira. Quando você fazia amigos na tribo podia-se saber que eram amigos de verdade. Eirapuá, Piatá e Potira três jovens da tribo, sempre me acompanhavam quando ia ali acampar principalmente na Garganta Montanhosa do Vale do Castanheiro. Boitiguara o Cacique na última vez que lá estive ficou horas e horas na beira do fogo junto com outros “bravos” me contando a maldição do Lobo Vermelho, uma narrativa que ele com seus gestos contava como se estivesse vivendo a personagem do “Velho” Pajé Porá (aquele que possui beleza) que ouviu de seus ancestrais esta lenda que nunca será esquecida pela tribo enquanto ela existir.

Minha vida de Escoteiro nunca me deixava duvidar de um índio, pois não havia motivo para mentiras entre eles. Acampe ali muitas vezes, atravessamos o Rio Doce na curva do Cavalo Doido, mergulhamos na cachoeira do Macaco e quantas e quantas vezes eu Eirapuá, Piatá e Potira subimos a montanha do Lobo Vermelho sempre à luz do sol. Eles eram proibidos de passar a noite lá. Desta vez, que o “Velho” cacique Boitiguara me desculpasse, mas pretendia aproveitar uma bela lua cheia para ir ao cume e ver toda a majestade do Rio Doce, desde Crenaque até próximo a Aimorés. Era uma visão dos Deuses e eu precisava ver.

Foi Porá, o pajé meu amigo que me contou a lenda nos seus detalhes. Há muitas e muitas luas que passaram, havia um amor enorme entre dois jovens da tribo, cujos pais eram inimigos de morte. Ninguém na tribo sabia explicar

direito o ódio entre eles, mas quem visse a esposa de Nakian, a bela Poranga (beleza) iria entender o ódio dos dois. Nakian era pai de Kalin (bela jovem), uma jovem de deslumbrante beleza e Quaraçá (luz do sol) um jovem esbelto, forte, cuja coragem todos da tribo reconheciam desde que participou da caçada da onça parda nas selvas do Olho Negro, era filho de Mauá, e nunca eles pensaram que seus filhos pudessem se apaixonar. Fugiram um dia e só deram falta dois dias depois. A procura foi grande. Nunca o encontraram. Um ano depois qualquer bravo que se arriscasse na Montanha Cinzenta voltava correndo, pois um lobo enorme, vermelho, com uma loba de olhos de fogo matavam que se aproximasse principalmente em noite de lua cheia. A montanha mudou de nome. Passou-se a chamar a Montanha do Lobo Vermelho.

Do Clá só Lua Cheia topou ir comigo. Conteí para ele a lenda e ele riu. Bitelô (meu apelido) você não quer que acredite não? Afinal quantas passamos juntos? Com minha mochila as costas e meu chapéu de três bicos lá fomos nós no trem rápido da Vitória Minas as oito da manhã. Descemos em Crenaque e partimos rumo a Montanha do lobo Vermelho. Nem passamos pela tribo. Não dava tempo. Era tarde e mais duas horas a noite ia chegar. Subimos já à noitinha. A lua ainda não havia despontado. Quase no topo vimos uma nascente e achamos boa para acampar. Montávamos a barraca de duas lonas e ouvi um uivo que me gelou as veias. Lua Cheia parou e ficou ao meu lado. Próximo à curva da Árvore Seca avistamos os dois lobos. Meu Deus! Enormes! Um deles saíam chispas de fogo nos olhos. Não nos atacaram.

Ficamos lá dois dias. O que aconteceu não vou contar aqui. Só sei que descemos no terceiro dia e fomos direto até a tribo. Boitiguara se assustou. Estavam na Montanha do Lobo Vermelho? Rimos. Claro Chefe. A tribo inteira veio saber como foi. Pedi licença e usei meu apito. No meio das árvores surgiu os dois lobos, agora não tanto ameaçadores, mas foram até Boitiguara e lambeiram suas mãos e desapareceram nas matas próximas ao vale do Rio Doce. Nunca mais, e isto fiquei sabendo de Piatã e Potira, ninguém nunca mais teve medo de ir a Montanha do Lobo Vermelho. Uma lenda que correu o vale, nas fazendas e nas cidades próximas por muitos e muitos anos. Mas soube que todos riam quando souberam da história contada por dois escoteiros. Verdade ou não, até hoje dizem que os lobos da montanha ainda correm pelos picos, pelas encostas, sobem em árvores e seu uivo percorre centenas de quilômetros. Verdade ou mentira prefiro não dizer. Quem quiser vá a Nanuque. Atravesse o Rio Doce e siga no rumo das Pedras Negras. Lá na aldeia dos índios pergunte ao novo cacique, pois Boitiguara

não deve estar mais lá. Talvez quem sabe seu espírito está a correr junto aos lobos vermelhos na Montanha onde vivem. E Chefe, como foi à história? Quem sabe um dia volto aqui para contar.

E quem quiser que conte outra.

Sou lenda,

Porque as lendas são envoltas em Mistérios e Magias.

São uma criação dos caminhos da mente, da vaga imaginação da liberação dos silêncios da alma...

ZeZito Escoteiro e Corneteiro. Um sonho que não morreu

(Lendas escoteiras)

Era uma tropa Escoteira diferente. Hoje acho que poucos poderiam aceitar o que faziam. Mas olhem, os meninos amavam aquela tropa, e o grupo então? Suas patrulhas eram praticamente autônomas. O Chefe Flores pouco ia lá. Era mais procurado em sua casa. Ele era Chefe também dos seniores e sua esposa dona Clélia era a Chefe dos lobos. Ele e ela e mais ninguém de adultos. Diretoria? Risos. Passou longe. Também não precisavam de dinheiro. Os pais eram vizinhos, cidade pequena, todos se conheciam e todos sabiam de tudo. As reuniões eram aos domingos isto quando alguma Patrulha ou mesmo a tropa não estava acampando. Neuzinho era o guia da tropa. Quando acampavam ele dirigia. Programa? Faziam na hora. Viviam fazendo pioneirias, treinando Morse, semáforos, atravessando rios e gargantas profundas nos vales da redondeza em falsas baianas num comando Crown primoroso. Ficavam pescando, preparando armadilhas para o assado da noite, observar os pássaros, aproximar de um alce qualquer. Acariciar um lobo, um Martin Pescador, decorar as estrelas, aprender a Rosa dos Ventos, saber o que era Azimute, percurso de Giwell e seguir mapas. Portanto para que programa?

ZeZito, no entanto além de amar de coração sua Patrulha tinha uma paixão. Sua corneta. Isto mesmo. Ele a levava para casa. Desde que entrou nos escoteiros que sonhava em tocar uma corneta. Ele se lembrava dos desfiles, dos meninos escoteiros corneteiros. Quando tocavam todas as ordens unidas, o debandar, o reunir, o toque do silêncio e a alvorada. Todas as quartas feiras a “Banda” se reunia próximo à sede. No campo do Marimbondo Futebol Clube. Era ali que ele pegava sua corneta com gosto e tocava. Mestre Tomate um Pioneiro era o responsável pela “Banda”. – ZeZito, enquanto você não ter “embocadura” não pode ser um corneteiro. No início não entendeu, mas quando começou a tocar sua boca inchava e não saía nenhum som.

Achei que ZeZito ia desistir. Um ano e ainda não aguentava tocar mais que dois ou três toques. Mas ele era insistente. Pediu para o Neuzinho se podia levar a corneta para os acampamentos. – Nem pensar ZeZito. Banda é Banda, acampamento era acampamento. Seu grande chegou. Pediu ao Mestre Tomate

que fizesse um teste com ele. Passou. Agora era um dos quatro corneteiros da Banda. Que orgulho em vestir o uniforme, colocar a luva branca, fazer firulas com a corneta (o que fazia muito bem) e tocar. Agora precisava ser o corneteiro mor. Seria difícil. Só se O Matheus e o Onofre saíssem da banda. Coisa impossível de acontecer.

O Chefe Flores como fazia todos os anos combinou um acampamento fora da cidade. Desta vez iam a Alcântara da Cunha. Lá estavam querendo montar um grupo e convidaram o Tiradentes o grupo dele para ser o padrinho. Como sempre conseguiram um vagão de Primeira Classe só para eles. Para dizer a verdade, tinha mais de cento e vinte meninos. De adultos só o Chefe Flores e dona Clélia. Claro que o mestre Tomate ia junto, mas ficava só com sua Banda. Não se sabe por que, mas na última hora o Matheus e o Onofre não puderam ir. Pegaram uma gripe forte e isto foi motivo de tristeza para o Mestre Tomate. – Zezito, vais ser o Corneteiro mor. Não me envergonhe, por favor.

Que honra! Nunca Zezito teve tal alegria na vida. Melhor que quando recebeu o nome de Guerra de Irapuá no Fogo do Conselho. Conseguiu acender o fogo com um só palito e não teve nenhuma dificuldade. Agora era outra coisa. Limpou e passou pasta de dente em toda extensão da corneta. Era o que se usava na época para dar brilho. No trem não tocou. Cantou como todo mundo. Quando chegaram a Alcântara da Cunha, formaram para o desfile até o local do acampamento. Atravessaram meia cidade. Zezito como Corneteiro Mor ia ao lado do Mestre Tomate. Ao passar em frente ao palanque era hora do toque a autoridade. Zezito se empertigou, fez sua melhor firula com a corneta. Ficou em posição de sentido e tocou. E como tocou. Olhou a todos os pelotões de escoteiros que passaram a se formar em círculo e cantar o Rataplá. Por quê?

Zezito Corneteiro errara o toque. Em vez de tocar um tocou formação em círculo e cantar. No palanque ninguém entendia nada. Mas acharam que aquilo era Escoteiro e aplaudiram. Mestre Tomate ficou vermelho como um tomate. Tomou a corneta de Zezito. Ele chorou e como chorou. Na volta o passaram para Tarolista. Nunca mais tocou uma corneta. Pensou em sair do escotismo. Mas insistiu. Cresceu, foi servir o exercito. Passou a Cabo Corneteiro. Tocou com todo o batalhão para o Presidente da República o toque da saudação a autoridade. Era tudo na vida de Zezito.

Nunca abandonou o exército. Está lá até hoje como Cabo Cornetei-

ro. O Major Fidelis queria promovê-lo a sargento. Mas teria que largar a corneta. Assim termina a história. Um menino que foi Escoteiro, mas seu sonho mesmo era ser corneteiro. Dizem eu não sei que nem aposentar quis. Já “Velho” começou a perder os dentes. Não tocava como antes, mas era o responsável pelos demais corneteiros. Morreu tocando a Saudação à autoridade num outono em Brasília durante um desfile de Sete de Setembro. Viva Zezito, o Escoteiro Corneteiro que morreu feliz.

O último duelo ao pôr-do-sol

(Lendas escoteiras)

Pedalando sobre o sol forte da manhã, eu me mantinha na fila que fora organizada pelo Chefe Rildo na Estrada do Quinzinho. Quatro patrulhas indo acampar na Garganta do Rio Mimoso. Iriamos ficar na área mais larga onde nunca tinha acontecido uma enchente. Ficava entre as Montanhas do Roncador e a Montanha da Lua. Eu conhecia muito bem. Acampei diversas vezes com a Patrulha. Agora melhor, todas as patrulhas presentes. Chegamos por volta das onze da manhã. Corre- corre para montar campo e fazer o almoço. Eu tinha uma predileção pelo local. Tinha muitos amigos lá. Habitantes da floresta e da garganta do Rio Mimoso. Já contei a vocês que eu tinha um dom. Entendia e conversava com os animais e pássaros da floresta. Eram todos meus amigos. Esperava encontrar lá A Coruja de Olhos Verdes, O Tatú Bola que jurava ter mais de cem anos. A Família Zuarde deveria ter crescido. Antes eram quinze macaquinhos prego e muitos deles esperavam filhotes.

Sabia que na calada da noite a Onça Parda e o Lobo Guará iriam me esperar na curva da tartaruga. Um local onde sempre a bicharada se reunia. Meus amigos da Patrulha sabiam do meu dom. Mas nem todos acreditavam. Nem mesmo quando o Gavião Maltes veio avisar que o rio formava uma enchente enorme na cabeceira. Foi à conta de desarmar as barracas, pegar as tralhas que o rio começou a subir. Questão de minutos. Dei falta da Coruja de Olhos Verdes. Só apareceu por volta do lusco fusco do entardecer. – Oi Escoteiro, como vai? Olhei e lá estava ela na grande árvore onde fazia sua morada. Disse ao Monitor que ia tentar achar umas bananas e ele riu matreiramente. Sabia que ia procurar a Coruja de Olhos Verdes. Ela já chegou? Sim. Ela não quer vir aqui. Muitos das outras patrulhas não iam entender.

- Sabe Escoteiro, amanhã vai ser um grande dia, dizia a Coruja de Olhos Verdes. Toda a bicharada da garganta, da mata do Jambreiro e acho que até das Montanhas da Lua e roncador já confirmaram presença. Vão vir para a luta mortal! - Luta? Que luta Coruja dos Olhos Verdes? Perguntei. – A luta das cobras venenosas. – Mas porque vão lutar? Sempre foram de paz e respeitavam até os humanos que passavam por aqui! – Sempre foi assim, respondeu. Mas ontem começaram a discutir na Prainha do Melão quem era mais forte, quem era mais valente, quem tinha o veneno mais poderoso e quase saíram às raias de fato ali mesmo. A cascavel Mor e a Surucucu Papaia gritaram tão alto que a bicharada que foi lá beber água se assustaram e corre-

ram. Quando cheguei os olhos das duas estavam vermelhos. Chispas azuis, vermelhas e douradas salpicavam em todas as direções. Vi que iam se engalfinhar, mas o Quati da Floresta Negra separou e deu ideia para o duelo.

Fiquei pensativo. Não iam duelar e sim entrar numa luta mortal. Eu conhecia a Chefe da Tribo das Cascavéis. Uma ou duas vezes conversei com a Surucucu do Rabo cortado. Nunca me fizeram mal. Eu sabia que ali e nas matas distantes existia uma lei. Não escrita, mas que todos obedeciam. A Lei da Selva. A própria Coruja de Olhos Verdes que era considerada a mais sabia já dizia que “uma coisa não é justa porque é lei, mas deve ser lei porque é justa”. Ali o respeito existia. Sabiam todos que um dia iriam servir de antepasto para um mais forte, mas só quando sentiam fome. Achei que devia interferir. A Coruja dos Olhos Verdes achou que não. Não disse nada, mas iria estar presente. – Onde iriam duelar? Perguntei. – Na Pedra Cinzenta do Papo Amarelo. Sabia onde era. Fui lá varias vezes. Escolheram bem. Todos ali seriam vistos.

Combinei com o Monitor para me liberar entre quatro e sete da noite do dia seguinte. Ele um grande companheiro não se fez de rogado. Cheguei por volta das cinco da tarde. Quase toda a bicharada estava presente. Lá estava o Tamanduá Bandeira, O peixe-boi, a Arara azul-de-Lear. Várias onças pintadas, Jaguatiricas, quatis, gaviões, águias coloridas e falcões de todo o tipo. Era bicho que não acabava mais. Iam chegando e procurando o melhor lugar para ver a luta mortal. A Cascavel chegou acompanhada de duas aranhas negras. Logo chegou a Surucucu com mais de vinte escorpiões amarelos ao seu redor. Não houve conversa, não houve apito e nem gongo. Elas logo se engalfinharam. Eu sabia que não seria uma luta de morte. Não tinham veias e nem sangue, portanto os venenos das mordidas não faziam efeito. Lutaram-se, engalfinharam-se, tentaram enroscar uma na outra até que cansadas cada uma se estirou em um canto.

Houve um silencio momentâneo e depois uma vaia infernal. Os Macacos Prego guinchavam e urravam nas arvores. Outros rugiram, aves cantavam gritantes no ar. – Uma lutinha! Uma lutinha de nada! Diziam. Resolveram fazer uma Indaba ali na hora. Fizeram oito comissões. Tema – Castigo para as cobras venenosas que não eram de nada. Cada comissão fez um relatório e apresentou para a Coruja de Olhos Verdes. Esta no alto da árvore gritou alto – Que se lavre em ata, que hoje, 12 de fevereiro, ano santo, Foi dado uma punição a Dona Cascavel e a Dona Surucucu por seis meses. Elas ficarão proibidas de morder quem quer que seja. Nem poderão caçar o sapinho do lago dourado. Iram se alimentar de folhas e tomates verdes!

Um urra! Mais um e outro. A bicharada cantou alto a Arvore da Montanha e foram cada um para suas casas. Cheguei ao campo era mais de oito da noite. O Monitor disse que o Chefe perguntou por mim na hora do jogo. Deu uma desculpa de dor de barriga. No ultimo dia após o cerimonial a Surucucu e a Cascavel vieram me pedir desculpas. Pediram para eu interceder por elas na Corte de Honra das Corujas Buraqueiras. Mandeí uma carta por escrito e parti com a escoteirada para minha cidade. Devo voltar lá no próximo domingo. Só eu e o Monitor. Vou tentar ver se ele vai ser aceito na comunidade dos bichos e animais da floresta. E também saber se perdoaram as cobras venenosas.

E acreditem se quiser... Mas é bom saber que eu falo com eles. Eu Juro pela Alma do Jumento Cinzento que morreu de tanto comer capim. Que assim seja!

O Tigre dente-de-sabre da Gruta das Esmeraldas

(Lendas escoteiras)

Tem certas histórias que não deviam ser contadas. São aquelas que fazemos papel de bobo, e nos chamam de idiotas escoteiros. Lembro que os seniores viviam se gabando de suas aventuras que faziam em seus cavalos de aço. Eu também tinha um. Belo, cor vermelha, pneu balão faixa branca, Phillips importada e na Patrulha todos tinham a sua. Eu andava lá pelos meus doze anos. A Patrulha já acampava sozinha. Tonhão o Monitor era Primeira Classe e Vadico o sub. monitor Segunda Classe. Os demais Joventino e Clarinho também tinham sua Segunda Classe. Eu sabia que ia receber no mês seguinte. Não devia nada a ninguém nos meus conhecimentos escoteiros. Afinal já ia longe o dia que completei minhas vinte e cinco noites de acampamento.

Acho que foi em uma reunião de Patrulha, em uma quarta na casa do Moreno o socorrista que surgiu a ideia. Conversa vai, conversa vem lancei um desafio – Afinal porque os seniores saem por aí, fazem grandes jornadas, voltam contando “patacas” e nós escoteiros não fazemos nada? Todos me olharam espantados. – Vadinho você sabe que sem autorização da Corte de Honra não podemos fazer nada. Disse Tonhão. Portanto vamos ficar na nossa. Não concordei. Continuei martelando. – Olhe eu tenho uma ideia fantástica. Já preparei tudo. Como nossos cavalos de aço sairemos em um sábado rumo a Lagoa dos Peixes. Lá vamos fazer um exploração na Gruta das Esmeraldas. Até hoje ela é pouco explorada. Levaremos quatro carreteis de linha dois. Cada um tem mais de 300 metros. Amarramos na entrada e vamos até onde possamos chegar dentro da gruta. Voltar é fácil. Só seguir a linha e já pensaram quando souberem que fomos lá?

Vi nos olhos de cada um o desejo da aventura. – continuei – Não falamos aonde vamos. Quem sabe diremos que fomos fazer uma exploração no Riacho Vermelho? Não comentamos de ir lá um dia para conhecer? – Tonhão coçou a cabeça. – Façamos o seguinte no sábado vamos nos reunir aqui em casa depois da reunião. Cada um tente pesquisar na Biblioteca Central sobre a gruta. Vamos conversar, mas nada de tomar posição. Dito e feito. Eu já tinha tudo preparado. – A gruta como sabem fica próximo a Lagoa dos Peixes. Já foram explorados mais de 511 metros de extensão, mas dizem que são mais de 5.000 metros com tantas

cavernas que é fácil se perder. Feita de Rocha Calcária foi formada no passado por restos marinhos do fundo do mar raso, da bacia do Rio das Velhas. O primeiro homem a explorar a gruta foi o dinamarquês Peter Wilhelm Lund em 1835. Sei que depois muitos foram lá. Descobriram restos de fósseis pré-históricos dentre eles o Tigre dente-de-sabre e a Preguiça gigante.

Não teve jeito. Duas semanas depois em um sábado partimos bem cedo. Nossos Cavalos de Aço (bicicletas) levava o que precisávamos. Sem barracas, pois dentro da gruta não precisava. Lanche e ração C. e quatro horas depois chegamos a sua entrada. Fácil. Sem vigia e toda a entrada coberta por uma vegetação rasteira. Começamos a entrar na gruta. Levamos duas lanternas, usamos mais nossos três lampiões a querosene. Joventino e Clarinho tomavam conta dos carretéis de linha. Andamos mais de 600 metros. Uma escuridão total. De vez em quando saíamos em belos salões que mesmo com pouca iluminação eram de tirar o folego. Lindo demais. Paramos por volta das duas da tarde em um salão gigantesco. Na parte baixa um belo de um lago que além de raso tinha lindos peixes vermelhos e azuis a nadar em sua superfície.

As cinco Tonhão sugeriu que não fossemos adiante. Dormir no salão e voltar no dia seguinte. Claro tudo era marcado pelo meu relógio e do Tonhão. Os demais não tinham. Na escuridão não sabíamos se era dia ou noite. Não foi fácil encontrar gravetos para o fogo. Mal deu para fazer uma sopa e um cafezinho. Todos cansados nem bate papo ouve. Nem uma conversa ao pé do fogo. Estava dormindo quando fui acordado por um grito de Vadico. Levei o maior susto. Do outro lado do lago um enorme Tigre dente-de-sabre que nos olhava com enormes olhos negros. Tinha mais de dois metros de altura. Ficou andando de um lado a outro pensando como atravessar o lago e fazer o seu banquete. Não deu outra. Ninguém ficou para trás. Aprontamos uma correria e nos perdemos de nossa linha que iria nos trazer de volta a entrada da gruta.

Ficamos parados no fim de um corredor que não nos levava ao lugar algum. Não ouvíamos nenhum barulho. O ar parecia que estava acabando. Resolvemos voltar. Para onde? Não tínhamos nenhum senso de direção. Bussola? Elas ali não funcionavam. Por sorte já era umas oito da noite de domingo achamos a linha. Para a direita ou esquerda? Votos e votos. Para a direita. Duas horas depois chegamos à entrada. Cacilda! Que alegria. Lá escondida em uma moita de capim colônio estava nossos cavalos de aço. Chegamos a nossa cidade as duas da manhã. Normal ninguém deu por nossa falta. Sábado, tropa reunida, depois

do cerimonial de bandeira Tonhão pediu a palavra. Contou tudo. A Corte de Honra nos proibiu de sair só por seis meses! E o Tigre dente-de-sabre? Melhor calar. Contar para que? Para os seniores fazerem gozação?

Hoje eu sei que a Gruta das Esmeraldas é visitada por turistas que podem ver sua beleza de seus 511 metros que são abertos ao público. 16 salões fantásticos. O salão da Noiva e o Salão da Catedral pode-se ver imagens formando santos, púlpitos e nichos. Quem sabe foi um destes que achamos ser um tigre dente-de-sabre e pensamos que estava vivo? Melhor parar por aqui. Sei que não acreditam que foi verdade. Que seja. Mas eu nunca mais esqueci a Gruta das Esmeraldas. Em minha vida Escoteira estive em várias outras. Mas além desta em nenhuma das demais teve o sabor de aventura da primeira. Pelo menos aprendi a não ser tão afoito. Não fui bom Escoteiro tentando fazer tudo escondido. Mas aprendi a lição. Isto nunca mais aconteceu!

(os nomes aqui citados foram alterados para evitar familiares tristes, pois sei que todos já foram para o outro lado da vida. Breve estarei junto a eles e quem sabe teremos lindas grutas a explorar nas lindas estrelas perdidas da via láctea?).

Minha maior amiga foi uma Coruja

(Lembranças da meia noite)

Eu conheci uma Coruja. Por favor, não riam de mim. Não foi uma coruja qualquer. Imagine, ela me olhando e eu olhando para ela e pam! Surgiu uma amizade eterna. Eu era amigo de uma Coruja. Alguém já foi amigo de uma Coruja? Eu fui e sou. Ela me disse um dia que apesar de ser um menino e ela uma ave, ela nos considerava irmãos! Podem acreditar, pois eu acreditei! Eu tenho certeza do dia que surgiu a maior amizade que já encontrei em minha vida. Faz tempo. Muito tempo. Quem sabe mais de sessenta anos? Sim, acho que foi isso mesmo. Numa floresta densa, fumacenta, mas gostosamente adorável. Difícil para caminhar, abrindo caminhos entre espinhos com meu bastão, usando uma bússola silva velha de guerra, pele queimada, braços e pernas arranhadas, alguns profundos com sangue ao redor. Quem disse que paramos? Quem disse que voltamos ou desistimos? Nunca! Escoteiros não desistem! Ela me disse que nos acompanhava de longe. Disse que não sentiu pena de mim. Não gostava de meninos. Eles eram malvados. Jogavam pedras. Disse que não viu meu rosto. Disse que o chapelão de três bicos atrapalhava.

Quando a vi pela primeira vez foi na clareira que fizemos. Difícil. Um matagal imenso. Não foi em um Fogo de Conselho. Não foi não. Lembro que fizemos um “foguito” pequeno, a clareira amarelou. Apenas uma “Conversa ao pé do Fogo”. Canções, “causos”, planos de jornada, gargalhadas coisas de escoteiros. Não vi as estrelas. As árvores não deixavam. Não havia lua. Escuro. Muito escuro. Apenas nosso lampião vermelho com seu lusco fusco brilhava. Teve um momento sublime. Isto sempre acontece quando escoteiros estão em reunião em plena floresta. Um silêncio se fez. Segundos que só se ouvia os grilos zumbindo. Ela para chamar a atenção crocitava baixinho, e me olhava com seus olhos negros profundos como se fosse me hipnotizar. Ninguém viu. Só eu. Todos foram dormir. Estavam cansados e eu também. A Coruja fez um sinal. Como se eu devesse ficar ali. Todos foram e eu fiquei. O silêncio continuou a tomar conta da floresta. Nem os grilos zumbiam mais. Vi alguns vagalumes ao lado da Coruja. Pareciam ser seus olhos noturnos a mostrar o caminho.

Senti seu peso nos ombros quando ela pousou. Olhava para mim. Não piscou. Não sabia o que fazer. Dizem que na floresta as corujas são sábias, todos a procuram para aconselhar. Uma vez disseram que era o símbolo da deusa

Atena. Ela a chamava de Olhos Brilhantes. Contaram-me que uma Sociedade Secreta de nome Bohemian Clube onde anualmente se encontravam só os poderosos eram convidados. Dizem que a reunião era em uma floresta ao norte de São Francisco, e ficavam em volta de uma grande pedra talhada como se fosse uma coruja. Escreveram em baixo: “Weaving dealing spiders come not here”. Parece que vem a ser uma frase de Shakespeare que significava: “Deixe seus negócios sujos na porta”. Dizem que poucos contam até hoje o segredo da cerimônia. Quem contou morreu de morte misteriosa.

Mas isto não importa. Importa a amizade que fiz com a Coruja. Quantas coisas belas naquela noite eu e ela conversamos. Eu contei minha vida de menino para ela. Ela me olhava e não piscava. A melhor ouvinte que já tive. Perguntei a ela se era uma ave de mau agouro. Ela riu. Quem sabe? Quem sabe? Disse. Mas olhe retrucou, quando tem uma festa no céu ou aqui na floresta eu pio e canto sem parar. Ela me disse que sabia canções Escoteiras. Ri baixinho. Não acredita? E começou a cantar A Arvore da Montanha. Cantava com uma voz linda. Cantou outras. Notei que o por do sol aparecia através das árvores. Notei que eu tinha esquecido de tudo. Até o orvalho da madrugada não o senti no rosto. Ela me olhou. Passamos uma bela noite juntos. Noite inesquecível. Impossível ter outra como aquela. Ela disse – Adeus! Porque perguntei? Nunca mais voltarei. Dizem que entre nós quem conversa com meninos é condenada ao exílio. – Venha comigo então! Venha morar comigo! Eu levo você para a cidade! Fica na minha casa. Lá tem um pé de Jacarandá lindo! Não posso ela disse e voou entre os galhos negros e a folhagem espessa para nunca mais voltar!

Eu conheci uma Coruja. Não foi uma Coruja qualquer. Imagine, ela me olhando e eu olhando para ela e pam! Surgiu uma amizade eterna. Eu era amigo de uma Coruja. Alguém já foi amigo de uma Coruja? Eu fui e sou. Ela me disse um dia que apesar de ser um menino e ela uma ave, ela nos considerava irmãos! E acreditem! Eu acreditei! Pena que ela se foi e eu me fui também. Nunca mais voltei naquela floresta. Não sei se ela já morreu se está no exílio. Eu? Estou aqui. Sempre me lembrando daquela noite que conheci uma Coruja de Olhos Brilhantes. Apenas uma noite. Noite que nunca mais irei esquecer... Boa noite meus amigos. Sonhem muito. Eu vou dormir e sonhar... Sonhar que conheci uma Coruja dos olhos verdes...

É impossível dizer adeus!

(Conversa ao pé do fogo)

O lhe, vou lhe contar, se fosse em outra ocasião ou lugar eu tinha partido para a ignorância. Aquele Chefe merecia uns tabefes, ah! Se merecia. Afinal não adianta dizer – Vocês são escoteiros, mesmo sendo chefes tem uma promessa cumprir. Existe uma lei, uma norma de conduta! – Bonito isto, eu mesmo acho, mas o Chefe estava passando da conta. Fiz o que consegui fazer. Virei às costas e fui embora. Juro são irmãos palavras e mais palavras. Por Deus chefe me deu vontade de sair do escotismo. A gente lê tantas palavras bonitas, uma filosofia que encanta e vem um “Zé Ninguém” e joga tudo por terra. - O pior chefe é que eu tenho o escotismo na mente, na alma e no coração e o Senhor sabe, assim é muito difícil, ou melhor, impossível dizer adeus!

- Mas o que houve? Perguntei. Estava boiando. Ele ali na minha frente vermelho, abrindo o verbo contra alguém que pelo que já tinha ouvido devia ter aprontado poucas e boas com ele. Não tínhamos muita amizade a não ser um cumprimento ou um abraço fraternal. Sempre quando voltava do meu trabalho, o ônibus da empresa me deixava no centro da cidade. Dava uma passada rápida no Escritório Regional e no caminho do ônibus do meu bairro não deixava de dar uma parada no Bar do Grilo. O melhor chope da cidade e uma empada de camarão sem igual. Sentei e logo ele sentou ao meu lado. Cumprimentos de praxe e ele soltou o que estava preso. Precisava desabafar. Sou bom ouvinte. Falo pouco. Deixo a própria pessoa achar sua conclusão. Muitas vezes isto não acontece e então dou meus pitacos.

- Pois é Chefe, continuou- Eu nunca fui com a cara dele. Parece saber de tudo mais que os outros. Quando conversava era o meu grupo, os meus chefes, os meus Monitores, os meus lobinhos os meus escoteiros. Caramba Chefe parecia que ele era o dono de tudo. Um dia perguntei quanto custou tudo isto e se pagou a vista ou cartão de crédito. Foi um Deus nos acuda. A rusga vinha de longe. E olhe, ele não é único em nosso movimento. Sempre dou um “tropicão” em um ou outro igual a ele por aí. Nosso movimento tem cada tipo de tirar o chapéu. Quando eu sabia que ele estaria presente em alguma atividade eu evitava ir. Encontrar com ele seria o fim do mundo. Um “garganta” e que “garganta”. Dono da verdade. Só ele sabia. Era daqueles de dizer “a verdade dói”. Um dia me perguntei:

E se ele terminar sua Insígnia? E se ele for convidado para ser um Assistente distrital ou regional? – Até pensei nos pobres coitados que entram e ele passa a ser seu assessor pessoal. Chefe, juro, se isto vier a acontecer saio do escotismo na mesma hora!

Tudo piorou no ultimo encontro de chefes escoteiros do distrito no Grupo Escoteiro Vale do Amanhecer. O distrital queria discutir algumas atividades Inter tropas e eleger um Assistente Escoteiro. Reunião simples sem pompa. E não é que o Talzinho foi de uniforme? Todo cheio de si e colocou todas suas estrelas de atividades. 12 anos. Sim Chefe a figura tinha doze anos de movimento. Putz Chefe verdade! Este tempo todo e não aprendeu nada. Que reunião minha nossa! Só ele falava, só ele sabia, queria dar ordens, dizia o que tínhamos de fazer. Uns jovens da tropa dele já tinham reclamado. O “Moço” Chefe só sabia dizer: Suspenso por uma semana. Suspenso por três meses. Quem chegar atrasado vai pagar cem joelhos quebrados. Não quero ver sua cara mais aqui! Coitados dos jovens daquela tropa. Muitos amavam o escotismo e não queriam sair. Mas eram menos de dez participantes ativos.

Já tinha terminado o meu chope e minhas duas empadas. Deliciosas. Não dava para escapulir. Queria chegar cedo em casa. – Escotismo! Ah! Escotismo o que você nos faz sofrer eim? – E ele nem desconfiou, nem pediu um chope, nada só falava e reclamava. – Pois é Chefe. Todos querendo dar sugestões e ele não deixava. Quando um começava ele pedia a palavra e mudava tudo. Não aguentei mais. Levantei-me e fui até ele: - Meu caro, só você é o dono da verdade? Só você conhece? Só você sabe? Fomos convidados para debater e não ouvir você com esta voz de jacaré azedo e estilo de Pavão empanado! – Chefe, foi à conta. Ele levantou e veio para cima de mim. Preparei-me. Sabia que aquilo iria acontecer. Ele se encostasse a mão em mim ia receber o dele. Olhe, não sou lutador, mas ele ia ver quem eu sou!

- Mas Chefe, quer saber? Todo mundo queria que eu desse uns sopapos nele. Eu sabia que ninguém aguentava mais participar com ele presente. Quem sabe iria sair do escotismo e nós ficarmos livres deste pamonha? – Mas não Chefe. Sabe o que aconteceu? Não vai acreditar ele levantou de um salto, foi bem em cima de mim, me ofereceu a mão esquerda, e me pediu desculpas. Desculpas Chefe! Isto mesmo! Não sabia o

que falar, dizer e nem esconder minha cabeça naquela hora. Precisa de uma areia para cobrir tudo! Depois ele se dirigiu a todo mundo e pediu perdão. Prometeu que ia mudar. Jurou fazendo a saudação escoteira! E agora Chefe? E agora? Quase dez anos aturando sua soberba e seu estilo de mandão o que eu devo fazer?

- Dê tempo ao tempo. O tempo é nosso melhor amigo. Quem sabe você tem muito a dar ao escotismo e ele também? Um homem que chega ao ponto de pedir desculpa e perdão não merece mais uma oportunidade? Pedi desculpas a ele dizendo que a família me esperava. Demos as mãos, sempre alerta e ele para um lado e eu para outro. Pensei comigo. Acho que valeu a pena minha conversa a pedido do distrital com o talzinho dono de tudo. – Quer ser um dos nossos? É bem vindo! Quer ajudar os meninos? É bem vindo. Mas não me leve a mal, se alguém reclamar de você em uma reunião onde estiverem outros escotistas e este alguém perder as estribeiras com você, não tem perdão. Vou pedir para você sair. Se não vou tomar outras providencias!

Cochilei no ônibus. Cheguei a casa era mais de dez da noite. Celia me olhou de cara feia. Ela tinha razão. Disse para mim mesmo: se chegar a casa tarde mais uma vez vou pedir para você sair do escotismo, se não vou tomar outras providencias. Ah! Esta vida de comissário não é fácil. Mas cada um escolhe seu caminho e eu escolhi o meu! E cá prá nós, como é difícil no escotismo dizer adeus!

As aventuras de Marquito, o lobinho que queria voar

(Lendas Escoteiras)

Marquito não pensava em outra coisa. Tudo bem que era estudioso e obediente, mas tinha uma ideia fixa. Uma verdadeira obsessão. Ele sonhava em voar. Aquilo ficava em sua mente desde que acordava até quando ia dormir. Como fazer? Como deslizar pelo céu como se fosse uma águia dourada levada pelo vento? Ele pensava. Havia de ter um jeito. Sua mãe começou a ficar preocupada. Leu sobre meninos que vestindo uniforme de Batman, Super Homem pulavam de árvores ou de sacadas de apartamentos. Ela tinha medo e conversava sempre com ele. - Não se preocupe mamãe, nunca colocarei minha vida em perigo. Ela acreditava. Sabia que Marquito além de ser um bom filho era também um grande lobinho. Sempre recitava para ela as Leis do Lobinho e nunca deixava de dizer que o Lobinho ouve sempre os velhos lobos.

Na Alcatéia todos sabiam do seu sonho. Ninguém ria dele, pois o respeitavam muito. Nonô e Maryangela de sua matilha verde sempre eram seus ouvintes favoritos. Ele contava tudo que aprendia e lia sobre como voar pelos céus. Um dia sua mãe comprou um computador para ele. Ele sonhava em ter um. Fazer pesquisas, já pensou? Não deu outra. Voltando da escola, após fazer seus deveres escolares lá estava Marquito pesquisando – Um Ultra Leve pode com facilidade ser montado ou armado na área de decolagem. E também desmontados ou desarmados na área de pouso. Um Ultra Leve deve ter o peso máximo igual ou inferior a 70 kgf. Marquito anotava tudo. Agora os materiais para construir um em casa. Aço inox? Impossível. Tela de poliéster e fibra de vidro? Nem sabia o que era isto. Mas embaixo uma notícia o animou. Com madeira você pode construir um ultraleve por menos de dez mil reais, claro sem o motor. Ele não tinha, mas sabia onde conseguir. Na Madeireira do Seu Leopoldo. Ele lhe daria tinha certeza. Afinal era o pai de Maryangela e da diretoria do Grupo Escoteiro.

Não foi fácil convencê-lo. Ele e Maryangela ficaram horas falando e falando. – Tudo bem, vou lhe dar disse – Mas quero ver toda semana seu trabalho. Beleza! Mãos a obra. Pegaram o desenho na internet. A Alcatéia em peso ia todos os dias no quintal da casa de Marquito para ver sua construção e ajudar. Não foi fácil. Terminaram três meses depois. Uma geringonça de madeira. Seu

Leopoldo deu risadas. Isto nunca vai voar. A Akelá foi lá para ver. – Valeu Marquito. Valeu o esforço. Quem sabe agora ele desistia desta ideia estapafúrdia de voar? – Nada disto. Com a colaboração da Matilha azul, amarela e a sua a verde, levaram o ultraleve para um morro próximo. – Sem motor? - Perguntou Nonô. – Não se preocupe. Ele vai voar disse Marquito. Parecia que ele adivinhava. Um pé de vento se aproximava. Marquito e Maryangela se amarraram na geringonça. O vento os pegou em cheio. Subiram aos céus. Alto. Muito. O vento se foi. O Ultraleve plainava. Incrível!

A cidade inteira na rua. Os carros pararam. O povo boquiaberto. Lá em cima Marquito e Maryangela cantavam a plenos pulmões – “A promessa de Mowgly era matar o Shere Can, para a paz de seu povo de Akelá e o seu Clá!” – Uma festa. Foguetes apareceram não se sabia de onde. Pousaram no Aero Club local. Dois pilotos o seu Jonas e o seu Martinho foram olhar. Não entenderam nada. Como aquele monte de taboas pregadas de qualquer jeito plainou? O povo todo chegou ao Aero Club. Uma salva de palma. Marquito e Maryangela foram carregados. No sábado na reunião, abraços, parabéns e ambos foram chamados na diretoria. Sorrisos. Era a vez dos Diretores darem os parabéns pensaram.

Lá estavam os diretores do grupo, o Diretor Técnico, A Akelá o Balu o delegado, o tenente da aeronáutica e sua mãe! Nossa! Mas não foi nada do que eles pensaram. Falaram tanto. Das normas de segurança para aviação, de voar sem permissão, de ser menor de idade, enfim, eles ouviram tudo calados. O tenente pediu a Marquito que nunca mais fizesse isto. Ele prometeu. Voltaram para a reunião de Alcatéia. Cabisbaixos. Olhando seus amigos de esguelha. Todos vieram correndo para abraçá-los. Marquito sorriu, mas ele tinha palavra prometeu que nunca mais faria aquilo e o lobinho diz sempre a verdade.

Um dia sua mãe o viu pesquisando na internet. O que procura Marquito? Nada mamãe, eu estou vendo o que é ser abduzido. Dizem que os alienígenas abduzem os terráqueos para levá-los em seu disco voador. Já pensou se eu fosse voar em um? A mãe de Marquito se assustou. De novo? - Não se preocupe mamãe. Prometi não voar mais lembra? Bem, a história termina aqui. Mas os sonhos de Marquito? Não sei. Dizem que sonhos de criança não terminam nunca. Eu que os diga nos meus sonhos aventureiros que um dia fiz neste mundo de meu Deus!

As mil e uma noites de um acampamento de verão

(Conversa ao pé do fogo)

Chefe! Oh Chefe! Galo não tem dente! Eu falava e morria de rir. – Aquele tinha e olhe uma dentadura de fazer inveja. Dentes enormes. Eu ria todos nós ríamos. Ali na beira do Riacho Grande nos encantávamos com as histórias do Chefe Joe. Na cidade o chamavam de Comandante. Todos o respeitavam muito. Meu pai disse que ele foi piloto da F.E.B (Força Expedicionária Brasileira) e pilotava um P.51 – Mustang. Meu pai dizia que ele tinha muitas histórias para contar das esquadrilhas e ele ria quando diziam para ele – “Senta a Pua”. Ele sabia que isso significava que o piloto tinha coragem e que na hora da disputa aceleravam o avião o mais rápido possível. Tudo mudou depois que ele chegou. A tropa pequena, muitos escoteiros saindo, o nosso Chefe de grupo não sabia o que fazer. Chefe Nelson não quis mais ficar e não tínhamos ninguém. Nem sei como convidaram o Chefe Joe. Ele já estava entrando nos seus cinquenta anos. Loiro, alto e magro, cara lisa sem bigodes, cabelos embranquecendo, andava meio curvado apesar de ainda ser bastante esperto.

Naquela noite de verão a nossa Patrulha de Monitores estava acampada ha dois dias as margens do Riacho Grande. Cada dia mais nos divertíamos. O Chefe Joe tinha tudo para nos atrair. Ele era demais. Isto não existia antes. No grupo o Doutor Mamede o Chefe do Grupo estava preocupado. O Chefe Joe deu férias para todos os escoteiros, ou melhor, seis deles, pois ficou com oito. Dizia que sem bons Monitores e subs não podia haver uma tropa esportiva. Eu estava lá, não era Monitor nem sub, mas fui escolhido. Adorava o Chefe Joe. Chegava a sonhar com ele. Mudou tudo na tropa. Pouco ficávamos na sede. Era excursão, jornadas, bivaques e acampamentos. Cada um mais gostoso que o outro. Aprendemos com ele cada técnica mateira que nunca sonhávamos. A arte do uso do cipó foi por nós absorvida a ponto de abandonarmos inteiramente o sisal.

Passava das dez da noite. Uma brisa gostosa e o fogo se mantinha aos trancos e barrancos. Um céu estrelado, mas nossos olhos estavam fixos no Chefe Joe. – Continuando, Ventania tinha dentes, tinha mesmo. Podem acreditar. Ele me olhou e eu olhei para ele. Precisava dos ovos e ele era o dono do

galinheiro. Ficamos encarando um ao outro. Caminhei até o primeiro ninho e ele me deu uma mordida na perna e uma esporada no braço com sua perna direita. Sua espora era enorme – Olhei para ele e disse - Quer briga? Vais ver com quem está se metendo! Sou um Comandante! Estive na guerra! Um galinho de nada me desafiando? Levantei os dois braços, preparei para lhe um soco e ele de novo me deu outra esporada. A galinhada no galinheiro fazia uma anarquia danada. Galo maldito! Josenilton devia saber aonde ia me meter. Ele é o dono do galinheiro. Comprei duas dúzias de ovos e ele disse estar com pressa – Vá lá ao galinheiro. Tem muitos ovos. É só pegar.

A Patrulha rolava de rir. Precisavam ver como o Chefe Joe contava a história. Sempre fora assim. Durante o dia em um jogo ele fantasiava de tal maneira que a gente se achava mocinho, polícia, soldado, índio, ou seja, lá o que for. Nossos acampamentos eram demais. Ele para nos adestrar a cada atividade trocava o sub. Monitor, dizia que ele era o Monitor dos Monitores. O sub precisava aprender a liderar. Quando foi minha vez tremi. Um medo enorme. Mas achei que me dei bem. Nas Conversas ao Pé do Fogo ele balançava a cabeça ficava em pé como se estivesse bêbado e dizia: - Tenho que liderar, tenho que liderar. Meu corpo depende de mim! Em pé! Firme! Então ele ficava ereto e andava em linha reta indo e voltando. – A gente não entendia, mas aos poucos seus exemplos e explanações nos fizeram aprender a liderar com amor, com respeito e um belo dia ele disse:

- O Dia chegou. Vocês estão preparados. Mandei chamar os meninos que dei licença. Não voltarão todos, mas alguns virão. Agora se vocês fizerem com eles o que fiz com vocês teremos em breve quatro patrulhas das melhores que existem. Dito e feito. Agora era outra reunião, outra motivação. Claro que não era só nós os responsáveis. Afinal o Chefe Joe era único. Ele sabia como dirigir a tropa. Só que ele dizia que não dirigia, nós os Monitores sim. Ele acompanhava e orientava. – Mas Chefe! E o Senhor, conseguiu ou não os ovos no Galinheiro do Josenilton? – Ele ria, seu sorriso era contagiante. – Achei melhor deixar os ovos lá. Se o Ventania defendia com tanto vigor seu lar não seria eu quem iria obrigá-lo a fazer o que não queria. Quando sai do galinheiro, ele se reuniu com outros galos, chamou as galinhas e deram uma tremenda vaia em mim! Kkkkkkk!

- Isto é mesmo verdade Chefe? – Claro ele dizia, quando voltei lá no galinheiro outro dia com o Josenildo ele se posicionou para briga. Eu não entrei. Não ia de novo brigar por uns ovos. Josenildo me trouxe três dúzias e um pinti-

nho. – Como recordação Comandante. Se tiver um lugar pode criar sem susto. É filho do Ventania. E não é que era verdade? Com dois meses os dentes começaram a nascer. Vendaval mora comigo até hoje. É meu amigo, meu companheiro e toma conta de minha casa como ninguém! – Pensei em pedir a ele para conhecer o galinho Vendaval, mas achei melhor que não. Ele ia se sentir insultado pela dúvida. Durante cinco meses a tropa cresceu, já estávamos com quatro patrulhas completa. Ninguém faltava.

Uma tarde de verão Chefe Joe chegou à sede. Abriu a porta mala do seu carro, fez uma saudação Escoteira. Ninguém entendia, saltou de lá um galinho. Cheio de dentes. Era o Vendaval. Tal pai tal filho. Ninguém podia se aproximar. Mas nós ríamos a valer. O livro de Atas da Corte e de todas as patrulhas ficou cheio com os relatos dos escribas. – Olhava para o céu. Um cometa passava brilhando deixando um rastro de pedras preciosas. Estávamos todos em silêncio. Até o Chefe Joe agora estava calado. Ele também vidrado no céu brilhante. Pensei comigo que ele voltava ao passado, pilotando seu Mustang nas lutas infernais que participou. O Laranja dos foguetes zumbindo no ar, a cor purpura explodindo em um céu que iluminava o piloto tentando escapar com seu paraquedas. Seu avião uma bola e fogo a cair em meio da metralha da noite.

Lembro que em uma noite, estamos todos na porta de sua barraca, onde ele prazerosamente fez para nós, bancos baixos e nunca ficávamos sem um café na brasa um biscoito uma bala de hortelã. Nesta noite ele olhava para o céu estrelado e nos disse pensativo, voz baixa, olhos fixos no céu: – Sabem, quando precisarem compreender melhor uma situação, um problema, é preciso ver as coisas com certo distanciamento. Se tiverem aborrecimento, injustiças, desgostos, sonhem que estão em um Mustang, subam com seu avião às alturas e olhem lá embaixo as pessoas. Tão minúsculas. Pequenas e nós somos tão grandes! Porque nos preocuparmos com pequenas coisas? Eu fazia isto e olhe, meu equilíbrio emocional voltava e a raiva desaparecia. Eu nunca tinha visto um Mustang. Eu forjava um na minha mente. Mas era um Teco-Teco o único que conhecia. Mas me sentia um verdadeiro piloto. Ria de mim mesmo ao me chamar de Comandante!

Deus sabe e o que faz. Trouxe-nos o melhor Chefe do mundo. Olhe não existe nenhum Escoteiro da Tropa Senta Pua que não se orgulha do nosso Chefe. Quando chega às noites de verão, Ele chama a Patrulha, e lá estamos nas montanhas verdejantes, nas campinas mais distantes em ravinas ou vales floridos

a acampar com o Chefe Joe. A Patrulha de Monitores sempre está em ação. Gosto disto. Adoro ser Escoteiro e ter um Chefe como o meu Comandante me faz vibrar e me orgulhar do nosso querido movimento. E quer saber mesmo? Amo de montão o meu Comandante. O meu querido Chefe Joe.

Porto de Norfolk, Virgínia, EUA - 20.09.1944 (Quarta) - Aqui se inicia a história do avestruz de quepe. Pronto para embarcar para o Teatro de Operações, com o grito de guerra em todas as gargantas, faltava ao Grupo um emblema. Coube ao Capitão Aviador Fortunato Câmara de Oliveira, o Comandante da Esquadrilha Azul, artista cuja característica é a criatividade de impacto, desenhá-lo, o que foi feito a bordo do navio USAT Colômbia, que transportou a Unidade do Porto de Norfolk. Virgínia, EUA, ao porto de Livorno. Apareceu, então, pela primeira vez, a figura atlética do Avestruz do 1º Grupo de Caça, que nunca escondeu a cabeça diante do perigo, como reza a tradição dos seus primos.

Ao contrário, os que o levaram em suas missões de guerra, pintado na carenagem do motor dos Thunderbolts, foram condecorados por atos de bravura pelo Governo dos Estados Unidos, por proposta do Comandante da 12ª Força Aerotática da USAAF, a quem o 1º Grupo de Caça estava subordinado operacionalmente no Teatro de Operações do Mediterrâneo.

O Avestruz Guerreiro do “Senta a Pua!” foi para a FAB o que representa o emblema “A Cobra Está Fumando” para o Exército, através das batalhas de Monte Castelo, Montese e outras, sustentadas e vencidas pelos heroicos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira.

Narkis, o Lobo Solitário do Vale da Serpente

(Lendas escoteiras)

Jonny Thorton tinha uma idade indecifrável. O que ele fazia para se manter sempre jovem ninguém nunca soube. Quando o vi pela primeira vez estava com doze anos. Levei o maior susto com ele. Fazíamos um jogo de tocaia e eu estava escondido na curva do Moinho e de tanto esperar que alguma patrulha passasse para anotar os nomes estava cochilando. Senti seus dedos tocando o meu ombro e quase cai do galho da árvore que estava aboletado. – Lá vem dois ele disse – Olhei na Estrada e vi Manfredo e Rosinaldo pé ante pé tentando esconder dos índios selvagens. Eu era um índio selvagem. Quando o procurei novamente ele sumiu. Sumiu como? Ali era um topo onde para qualquer lado se via quem tentasse correr. Oito anos depois, eu estava já com meus 21 anos e fazia uma atividade aventureira que deu um trabalho enorme. Calculamos eu e os monitores que iríamos percorrer aproximadamente 42 quilômetros a pé. Nós erramos feio. De 42 foi para 65 quilômetros.

O plano era seguir a estrada do Boiadeiro até o Vale da Serpente. Calculei que atrás do vale em uma pequena cadeia de montanhas passaria a nascente do Rio Esmeralda. Se fosse verdade e com uma boa jangada iríamos alcançar em um dia o Rio Doce e de lá mais um dia até nossa cidade. Uma bela volta. Uma bela atividade aventureira só com monitores. Eu era assistente do Chefe Laerte. Um dia antes me disse que não podia ir. Assumi e disse a ele que não se preocupasse. Após dez quilômetros de caminhada uma chuva rala começou. Esta sempre é a perigosa, pois já dizia um antigo Velho lobo que se tens vento e depois água, deixa andar que não faz mágoa, mas se tens água e depois vento põe-te em guarda e toma tento! Dito e feito, a chuva aumentou e passamos boa parte do dia debaixo dela. Nossas capas eram pequenas e sentia que todos estavam ensopados. Avistei as duas pedras do Jacu onde se iniciava o Vale da Serpente. Entrar lá com aquela chuva não era boa ideia. Não conhecia, mas em todo vale sempre tem um riacho. Uma cheia e poderíamos sofrer consequências graves.

- Olá Chefe! Ouvei alguém falando atrás de mim, virei e lá estava Jonny Thorton. – Venham comigo, sei onde podem se abrigar. Com a chuva torrencial não disse nada e o segui. Uma hora depois avistei uma cabana. Entramos. Não

era grande, mas dava para nos descansarmos e até dormir um pouco até a chuva passar. Jonny Thorton era um sujeito estranho. Usava uma espécie de macacão azul de brim mescla, acho que feito por ele mesmo, sem gola e sem mangas na camisa e boa parte dela presa por cipó trançado. Andava com uma espécie de Mocassin e quase não fazia barulho. Vi quando acedeu um fogo no seu fogão de barro e deixou um caldeirão grande com água a esquentar. Foi até uma escada, subiu e retirou sobre a telha dois pedaços grandes de mandioca e um pedaço menor de uma carne seca. Quer saber? Nunca tomei uma sopa como aquela. Não sei se foi à fome ou o ambiente, lá fora chuvoso, dentro um ambiente gostoso e em pouco tempo todos dormiam a sono solto.

Acordamos cedo. Não vi Jonny Thorton. Lá fora não chovia, mas o céu ainda nublado. Fizemos um conselho de patrulha e todos foram unânimes em não desistir. Quando abri a porta da cabana um enorme lobo estava em pé, serrando os dentes e voltamos correndo para a cabana. Enfrentar o lobo não dava. Duas horas depois Jonny Thorton chegou. O lobo deu um enorme salto em cima dele e ambos caíram no chão. Tinha que ajudar a quem nos ajudou. Com o bastão sai pronto a usá-lo no lobo. – Não faça isto! Gritou Jonny Thorton. Ele é nosso amigo! Parei e esperei. A patrulha ficou dentro da cabana. – Narkis! Ele gritou, o Escoteiro é nosso amigo! O lobo me olhou de soslaio. Narkis! Veja! Ele tem alimento como o meu. – Tirei do bernal um pedaço de linguiça e dei para ele. Nunca em minha vida vi um lobo assim. A chuva voltou a cair. Corremos para a cabana e o lobo foi atrás.

Mais uma noite na cabana de Jonny Thorton. Desta vez em companhia de Narkis, o lobo amigo. – À noite comemos um delicioso quitute de tomate misturado com peixe cozido e uma farinha de milho de dar água na boca. Jonny Thorton tinha no vale um belo restaurante e viveres que nunca iriam faltar. – A noite ele começou a contar sua história. Nascera em uma pequena cidade às margens do Rio Mississippi nos Estados Unidos. Era filho de Cabelos Longos, um índio da tribo Chicksaw. Com nove anos subi a bordo de um barco em Terra Blanca e fui aprisionado por um capitão mau. Trabalhei a bordo por meses até que escondido desci em Port Gibson e mendiguei por anos. Com 14 anos consegui emprego em um navio cargueiro de ajudante de cozinha e vim parar no Brasil, em Vitória no Porto Tubarão. A pé subi as planícies do Vale do Rio Doce que lembravam-me minha terra e descobri este lugar. Não sei quem é dono destas terras, mas daqui não saio nunca mais.

Narkis eu o conheci quase morto próximo ao Lago Salgado. Deram um tiro

nele e consegui tirar a bala. Ficamos amigos e ele sempre me salvou de poucas e boas. Olhei para os monitores e subs, estavam de olhos arregalados na história de Jonny Thorton. - Narkis, continuou – Já pôs para correrem muitos malfeitores que fogem para este vale. Aqui não tem ouro e nem pedras preciosas, mas nunca irei sair daqui. Se me lembro bem devo estar com quase setenta anos. Não sei. Perdi a noção do tempo. O Lobo deitou aos seus pés e nós também fomos dormir. No dia seguinte o sol apareceu. Agradei a Jonny Thorton a acolhida. Ele sorriu e disse que Narkis iria nos mostrar o caminho até o Rio Esmeralda. Ele riu. Existe sim, posso apostar, pois eu o conheço! Partimos. O lobo sempre à frente. De vez em quando olhava para trás. Uma hora parou com suas orelhas levantadas significava perigo. Bem acima de nós eu vi uma enorme onça parda. O dobro do peso do Lobo Narkis. Durante alguns minutos um olhava para o outro. Pareciam conversar. Narkis fez um sinal para seguirmos. Passamos a poucos metros da enorme Onça Parda.

Atravessamos todo o Vale da Serpente sem nenhum tropeço. Se não fosse Narkis não sei se teríamos conseguido. O Rio Esmeralda era majestoso. Fizemos uma bela Jangada e tudo correu conforme os planos. Ficamos dois dias a mais que o planejado, mas valeu. Norberto um dos monitores me disse que os demais contam a todos os amigos sua aventura no Vale da Serpente. Só que não dizem onde ficam. Combinamos de preservar a identidade do Jonny Thorton. Por vários anos mantivemos um contato com Jonny. Um dia ele me procurou na sede do grupo e disse que ia partir. Seu pai agora era proprietário de uma vasta terra onde a tribo morava próxima a New Orleans. Ele morreu e o único herdeiro era ele. – E Narkis o Lobo? Perguntei – Ele vive ainda, mas muito Velho. Nunca dependeu de mim para sobreviver. O tempo passou e uma lenda se formou no Vale da Serpente. Dizem que um Lobo Solitário e uma Onça Parda dividem as noites de lua cheia e nenhum homem pode se aproximar.

Verdade ou não eu sabia que a lenda era real. Pensei até em visitar Narkis, agora chamado de Lobo Solitário. Desisti, pois ele tinha uma vida, uma companheira e humanos nem sempre são bem vindos para estes animais. Vida longa para Narkis o Lobo Solitário e sua amiga, uma Onça parda e que vivam para sempre no saudoso Vale da Serpente!

Você sabe sentir e viver com a natureza?

(Crônicas de um Chefe escoteiro)

Um dia andei me perguntando se hoje ainda tem aqueles que sabem viver e sentir a natureza em todo seu esplendor. Será possível que com esta modernidade ainda temos escoteiros sonhadores? Aqueles que têm uma queda por lugares lindos, onde podemos sentar e ficar horas e horas sem piscar, só a observar a paisagem, sentindo o cheiro da terra, o perfume das flores silvestres, criar histórias fantásticas, lembrar-se do seu passado tudo no mais completo silêncio? Dizem que assim fazem os escoteiros poetas, os que tiveram grandes amores, os amantes da natureza e claro, aqueles escoteiros especiais que vivem e sonham em sair por aí, procurando campinas verdejantes e floridas, os vales e bosques, as montanhas, as gargantas enormes, os despenhadeiros longínquos e os picos mais distantes para ver diante de sí, a interminável obra de Deus.

Será que ainda encontramos os caçadores de aventuras, aqueles que fazem as fotos mais lindas, encontram paisagens fantásticas, curtem as cores do arco íris, adoram a vida selvagem e lutam para estar em uma natureza intacta em uma floresta qualquer? Acredito que sim. Acho que ainda tem aqueles escoteiros que não desistem do sonho da aventura. Aqueles que procuram ver uma aurora no inverno, aqueles que gostam de sentir na face, o vento da natureza mãe. Mas não é isto que é belo? Olhar ali na colina, um belo pássaro dourado, aproximar calmamente, sentir seu corpo vibrar e depois... O bater das suas asas levantando voo tão próximo que você irá sentir que irá voar com ele também.

Fico pensando se a modernidade tirou os sonhos de outrora, de ver sem ser visto no campo, de olhar o crepitar de uma fogueira, a beleza das fagulhas subindo aos céus, lentamente levada pela brisa e fechar os olhos como a sonhar com o infinito. Olhar na chama do fogo, o sorriso da Escoteira, o cantar da guia alegre, vendo em poucos segundos coisas imagináveis de um grande acampador. Quem sabe enquanto cantam, naquela noite faceira, estrelas piscando ao longe, uma lua que ainda não veio um cometa que passou alegre, um sorriso de madrugada, um cantar da passarada, a esperar a aurora, ver de novo o nascer sol, vermelho como se foi no “antante” e na volta do “seguinte” para trazer alegria, aquela alegre escoteirada que foi ali para viver um novo sonho fantástico?

Será que a modernidade, fez os sonhos escoteiros, deixar de existir para ver, a beleza de tantas flores, espalhadas nas colinas, esperando que o perfume alcance, a vida que escolheu o sonho dos escoteiros que ali estão para sentir o valor da natureza. Olhe verdade lhe digo, não tem fortuna no mundo, que pague no horizonte, a vista de um por do sol, do alto de uma montanha, numa floresta gigante, de arvores verdes enormes, olhar de lado outra vez, ver milhares de borboletas, voando naquela mata, embelezando o mundo que poucos um dia conseguiram ver. Por acaso quantos já viram, os pingos da chuva caindo, batendo nas folhas silvestres, o plac plac no lago, recebendo a chuvarada, os peixes a saltitar como a cantar para o mundo, quem sabe querendo dizer – Como é belo ser Escoteiro!

Eu posso ate perguntar, quantas vezes você viu um grande e belo arco íris, na garganta montanhosa? Será que um dia qualquer você viu a águia enorme, com os raios de sol sobre ela, parecia ser dourada e ser levada pelo vento? Tentou quem sabe algum dia, escrever com letras brancas, de nuvens esvoaçantes, que fazem balé no céu? Quantos pássaros você conhece? Quantos você imitou no seu cantar paralelo, quem sabe o canário amarelo com a sua cara metade no ninho a proteger a prole sem fim? Veja são coisas maravilhosas que somente os sonhadores são capazes de sentir. Colocar no lago gelado, os pés do andar de cansado, tentar compreender na pedra, um sapinho que toma sol, ver com carinho gostoso uma cachoeira caindo, peixes que estão subindo a procura do seu habitat.

Meu amigo Escoteiro, eu posso lhe garantir, não existe nada mais belo. Sem vozes humanas, sem barulho, sem telefone, sem televisão e só você a sentir a natureza assumindo e encobrimdo você da cabeça aos pés. É nesta hora que se adquire a percepção da visão, do olfato, do tato e do paladar e a audição é perfeita. Ninguém mais para dizer sim ou não. À noite, sem falar, sem se mexer a ver o balé dos vagalumes, os grilos saltitantes no meio deles, as formigas serviçais, um tatu que é iluminado nos seus olhos pela chama da fogueira. É incrivelmente belo.

Se você que está lendo ainda pensa assim, podemos até dizer que ainda existem sonhos. E digo com sinceridade bem aventurados os que ainda podem fazer tudo isto. Bem aventurados o que militam no escotismo, pois mesmo não sendo anjo e nem profeta eu digo: É deles, os escoteiros, só deles esta esplêndida natureza que Deus no deu.

O solitário Eddy. O leão Branco da Montanha dos Sete Cavalos

(Lendas escoteiras)

Azanka, Malenka, Lelenka - Lita, kalita Zazá – Rá, rá, rá, Raposa”! Ninguém esquece. O grito de patrulha de quem já foi um patrulheiro fica marcado para sempre. Eu era um deles, da Raposa. Um ano e meio na tropa. Era meu mundo naquela época. Não havia outro. O escotismo para mim estava no meu sangue, na minha alma e no meu coração. Naquela quinta do mês de julho, lá pelos idos de 1952 combinamos com o Seu Leôncio de pegar uma carona em seu Carro de Boi até o seu sítio, nas proximidades da Colina dos Sete Cavalos. O Chefe Jessé amigo dele aprovou um acampamento nosso em suas terras de seis dias. Prometeu passar por lá pelo menos duas vezes e Seu Leôncio disse que tomaria conta de nós.

Quem um dia teve a felicidade de viajar num carro de boi, Jamais esqueceu. Aquele zumbido infernal com o tempo é como se fosse uma suave melodia de uma recordação sem igual. Foram duas horas e meia de sorrisos, e a gente ficava cantando, gritando, dando vivas e olhando a Canga, o Canzil, os Arreios, o Cabeçalho, e tentando descobrir o cantar das rodas no Cocão, na Cheda, no Recavem e tantas coisas lindas que compõe o carro de boi. Seu Leôncio era bom carreiro. Usava com maestria a vara do ferrão com dois guizos sem machucar os bois. Chegamos à subida das Colinas dos Sete Cavalos lá pelas onze da manhã. Trabalho duro. Armar campo. Mesa, toldos, fogão suspenso, lenheiro, aguadeiro e o Jairinho era muito bom na construção de um pórtico.

Eu gostava daquela Patrulha. Éramos amigos de verdade. Depois do jantar ainda à tardinha, sentados no chão e tomando um cafezinho próximo à mesa (faltavam os bancos) nós levamos o maior susto. Sustos tal que nem correr deu ânimo. Minhas pernas tremiam como se fossem vara verde. Bem no centro do pórtico um enorme Leão Branco! Isso mesmo! Um Leão Branco. Parado a nos olhar. Eu comecei a molhar as calças e acho que os demais também. Lembramos quando o Chefe Jessé nos instruiu quando víssemos uma onça. – Não correr Jamais. Todos olham nos olhos dela. Um de nós passo a passo para trás tenta dar a volta. Sobe em uma árvore e lá grita, Faz barulho para chamar a atenção do animal. Quando conseguisse todos corriam e subiam na primeira árvore que en-

contrassem. Eu era o que estava mais atrás. Não fiz nada disto. Um medo terrível. Meu corpo parecia um tronco fncado no chão. Diabos! Não sei o que deu em Marino. Como se estivesse hipnotizado foi devagarinho até o leão. Ele afagou sua juba. O Leão Lambeu os pés de Marino. Ninguém acreditava no que via.

Assim começou a fantástica amizade de sete escoteiros e um Leão Branco. Marino o chamou de Eddy. O dia inteiro ele brincava conosco em nosso campo de Patrulha. Chegou até a nadar junto a nós no córrego da Canoa Quebrada. A noite ele sumia para bem de manhãzinha voltar. Muitas vezes ainda dormindo ele abria as portas das barracas e nos lambia fazendo cocegas. Amei aquele Leão. Ninguém pensou o que ele estaria fazendo ali. Ninguém lembrou como ele se alimentava. No sábado Seu Leôncio viu. Assustou. Pegamos na mão dele e o levamos até o Eddy. Ele não acreditava. Manso como um potrinho recém-nascido. Conversou com nosso Monitor. Natanael nos contou depois. Eddy estava matando para comer bezerras e pequenas ovelhas dos fazendeiros da redondeza. Queriam matá-lo. Eles sabiam que ele havia fugido do circo Garcia há cinco meses. Tentaram capturá-lo e até alguns homens armados percorreram os montes, vales, campinas e tantos outros lugares tentando encontrá-lo e matá-lo e não conseguiram.

Eu não podia acreditar. Matar o Eddy? Nunca. Preferia morrer com ele. No domingo pela manhã chegaram mais de vinte homens armados junto com Seu Leôncio. Eddy estava conosco brincando. Gritaram para sairmos de perto. Eu não sai. Agarrei o pescoço de Eddy. Ele me deu um puxão e foi correndo em cima dos homens armados. Um verdadeiro tiroteio. Nós gritávamos para não matá-lo. Eddy gemeu forte, virou para nós e como se fosse um último adeus abanou seu rabo e mexeu com sua enorme juba. Caiu morto no chão crivado de balas. Tinha sangue em todo seu corpo. Eu corri e fiquei abraçado com Eddy. Eu gritava e chorava. Chamava os homens de assassinos. – Mataram meu amigo! Malditos! Vão para o inferno! Não sabia o que pensar, coisas de meninos coisa de escoteiros que amam os animais.

Durante vários meses nossa Patrulha não sabia o que falar. Nas reuniões ficávamos por muito tempo em nosso canto de patrulha, calados sem nada dizer a não ser ter os olhos vermelhos e cheio de lágrimas. De vez em quando um olhava para o outro e soluçava forte. Papai e Mamãe tentaram me consolar. Tentaram explicar que um leão tem um alto custo para alimentar. Come mais de oito quilos de carne por dia. Ele estava matando os animais dos fazendeiros. Nada. Isto para

mim nada adiantava. Eu amei o Eddy enquanto vivo e o amava agora também.

“Azanka, Malenka, Lelenka - Lita, kalita Zazá – Rá rá rá, Raposa”! O tempo passou. Mas sempre me lembrava do Eddy. Um dia encontramos toda a Patrulha no Bar do Elias. Já adultos. Eu com mais de vinte e cinco anos. Tomamos varias cervejas e comemos linguicinhas picadinha com cebolas fritas, famosas na cidade. E quem se lembra do Eddy? Perguntou Afonsinho. Pronto. Marmanjos chorando. Quem nos visse naquela mesa iria ver sete marmanjos chorando. Ficamos no bar por mais de cinco horas, sempre a lembrar dos belos dias que passamos com o Eddy. E triste ter belas histórias para contar como esta sem um final feliz. Um Leão Branco que vivia na Montanha dos Sete Cavalos. Nunca mais voltamos lá. Para que? Para chorar? Para lembrar-nos de um Leão que amamos e que nos tiraram assim? Hoje sei que foi a melhor decisão. Mas lá no fundo do meu coração eu não aceito isto. Como conviver com o Eddy para sempre eu não tinha explicação. Mas sua morte foi dura demais para enfrentar.

“Azanka, Malenka, Lelenka - Lita, kalita Zazá – Rá, rá, rá, Raposa”! Minha Patrulha. Patrulha que amei por muitos anos. Patrulha com belas histórias que nos marcaram para sempre. Marquito, Marino, Natanael, Jovelino, Afonsinho, Jairinho e eu. Onde andam vocês? Saudades de todos. Imensas Saudades também do Eddy. O Leão Branco da Montanha dos Sete Cavalos que amei e ficou para sempre no meu coração.

Você sabe sentir e viver com a natureza?

(Lembranças da meia noite)

Um dia andei me perguntando se hoje ainda tem aqueles que sabem viver e sentir a natureza em todo seu esplendor. Será possível que com esta modernidade ainda temos escoteiros sonhadores? Aqueles que têm uma queda por lugares lindos, onde podemos sentar e ficar horas e horas sem piscar, só a observar a paisagem, sentindo o cheiro da terra, o perfume das flores silvestres, criar histórias fantásticas, lembrar-se do seu passado tudo no mais completo silêncio? Dizem que assim fazem os escoteiros poetas, os que tiveram grandes amores, os amantes da natureza e claro, aqueles escoteiros especiais que vivem e sonham em sair por aí, procurando campinas verdejantes e floridas, os vales e bosques, as montanhas, as gargantas enormes, os despenhadeiros longínquos e os picos mais distantes para ver diante de si, a interminável obra de Deus.

Será que ainda encontramos os caçadores de aventuras, aqueles que fazem as fotos mais lindas, encontram paisagens fantásticas, curtem as cores do arco íris, adoram a vida selvagem e lutam para estar em uma natureza intacta em uma floresta qualquer? Acredito que sim. Acho que ainda tem aqueles escoteiros que não desistem do sonho da aventura. Aqueles que procuram ver uma aurora no inverno, aqueles que gostam de sentir na face, o vento da natureza mãe. Mas não é isto que é belo? Olhar ali na colina, um belo pássaro dourado, aproximar calmamente, sentir seu corpo vibrar e depois... O bater das suas asas levantando voo tão próximo que você irá sentir que irá voar com ele também.

Fico pensando se a modernidade tirou os sonhos de outrora, de ver sem ser visto no campo, de olhar o crepitar de uma fogueira, a beleza das fagulhas subindo aos céus, lentamente levada pela brisa e fechar os olhos como a sonhar com o infinito. Olhar na chama do fogo, o sorriso da Escoteira, o cantar da guia alegre, vendo em poucos segundos coisas imagináveis de um grande acampador. Quem sabe enquanto cantam, naquela noite faceira, estrelas piscando ao longe, uma lua que ainda não veio um cometa que passou alegre, um sorriso de madrugada, um cantar da passarada, a esperar a aurora, ver de novo o nascer sol, vermelho como se foi no “antante” e na volta do “seguinte” para trazer alegria, aquela alegre escoteirada que foi ali para viver um novo sonho fantástico?

Será que a modernidade, fez os sonhos escoteiros, deixar de existir para ver, a beleza de tantas flores, espalhadas nas colinas, esperando que o perfume alcance, a vida que escolheu o sonho dos escoteiros que ali estão para sentir o valor da natureza. Olhe verdade lhe digo, não tem fortuna no mundo, que pague no horizonte, a vista de um por do sol, do alto de uma montanha, numa floresta gigante, de arvores verdes enormes, olhar de lado outra vez, ver milhares de borboletas, voando naquela mata, embelezando o mundo que poucos um dia conseguiram ver. Por acaso quantos já viram, os pingos da chuva caindo, batendo nas folhas silvestres, o plac plac no lago, recebendo a chuvarada, os peixes a saltitar como a cantar para o mundo, quem sabe querendo dizer – Como é belo ser Escoteiro!

Eu posso ate perguntar, quantas vezes você viu um grande e belo arco íris, na garganta montanhosa? Será que um dia qualquer você viu a águia enorme, com os raios de sol sobre ela, parecia ser dourada e ser levada pelo vento? Tentou quem sabe algum dia, escrever com letras brancas, de nuvens esvoaçantes, que fazem balé no céu? Quantos pássaros você conhece? Quantos você imitou no seu cantar paralelo, quem sabe o canário amarelo com a sua cara metade no ninho a proteger a prole sem fim? Veja são coisas maravilhosas que somente os sonhadores são capazes de sentir. Colocar no lago gelado, os pés do andar de cansado, tentar compreender na pedra, um sapinho que toma sol, ver com carinho gostoso uma cachoeira caindo, peixes que estão subindo a procura do seu habitat.

Meu amigo Escoteiro, eu posso lhe garantir, não existe nada mais belo. Sem vozes humanas, sem barulho, sem telefone, sem televisão e só você a sentir a natureza assumindo e encobrendo você da cabeça aos pés. É nesta hora que se adquire a percepção da visão, do olfato, do tato e do paladar e a audição é perfeita. Ninguém mais para dizer sim ou não. À noite, sem falar, sem se mexer a ver o balé dos vagalumes, os grilos saltitantes no meio deles, as formigas serviçais, um tatu que é iluminado nos seus olhos pela chama da fogueira. É incrivelmente belo.

Se você que está lendo ainda pensa assim, podemos até dizer que ainda existem sonhos. E digo com sinceridade bem aventureiros os que ainda podem fazer tudo isto. Bem aventureiros o que militam no escotismo, pois mesmo não sendo anjo e nem profeta eu digo: É deles, os escoteiros, só deles esta esplêndida natureza que Deus no deu.

Cascudo um Escoteiro sonhador

(Lendas escoteiras)

O ônibus parou no ponto e desci. Meu tempo era curto, portanto não podia ficar olhando aqui e ali. Estava na Av. São João e mais dois quarteirões eu iria encontrar a Rua Santa Efigênia. Talvez pela pressa eu dei um esbarrão forte em um transeunte e ele olhou-me desaforado. Não queria briga e pedi desculpas. Ele que tinha caído no chão levantou e me encarou. Poxa, pensei! Não vim aqui para isto. O desconhecido deu um belo sorriso – Monitor! É você? – Olhei para ele. Não reconheci. Estava de terno, um sujeito forte, cabelos negros bem penteados. O danado até que era simpático. – Desculpe amigo, pelo jeito estivemos juntos no passado no escotismo. Ele deu belas risadas chamando a atenção de outros que passavam. – Olhe bem Monitor! Sou eu, Josiel de Arimatéia a que você e os outros da tropa chamavam de Cascudo! Caramba, como ele mudou, agora eu me lembrava de nosso glorioso passado. Ele se aproximou de mim bateu os calcanhares e gritou bem alto: – “Sempre Alerta Monitor”! Quem passava sorria.

Nos abraços efusivamente – Vamos beber alguma coisa. Eu pago ele disse. Na esquina bem proximo a Avenida Ipiranga encontramos um barzinho aconchegante. Olhei para ele, se transformou em um homenzarrão bem mais alto que eu. Ele ria de satisfação – Monitor! Como foi bom encontrá-lo. Quanto tempo eim? – É meu amigo – falei. Muito tempo. Mais de quarenta anos. E você me fale de você – eu disse. Monitor eu ralei muito neste mundo. Você deve se lembrar do meu pai um pobretão. Coitado. Mas me formei e hoje sou Promotor de Justiça. – Nossa! Pensei. – Que bom eu disse. Mas desistiu do escotismo? Lembro que você era um entusiasta. – Olhe Monitor, acho que você sabe, é muito difícil entrar e participar de um Grupo Escoteiro como o nosso no passado. Enquanto estudava nem pensei em procurar um grupo depois quando me formei achei que podia ajudar. Ele riu e continuou – Mas eles não querem ninguém como eu. Preferem pessoas mais humildes que não discutem muito. – Pensei comigo como as coisas mudaram.

- Mas Monitor não vamos falar sobre isto. Porque não se lembrar daqueles tempos? – Porque não pensei. – Olá posso me sentar com vocês? Olhei e vi um senhor de uns sessenta anos cabelos grisalhos, óculos de grau bem grossos e uma bengala – Não estranhem meu pedido ele disse. Também fui Escoteiro e sênior.

Estive na luta pelas estradas da vida e só me dei conta que era hora de parar a cinco anos passados. Cansei. Estava solteiro, não tive ninguém ao meu lado. Tentei como você entrar em um grupo. Sempre amei o movimento Escoteiro, foi ele quem me deu a força para enfrentar tudo que enfrentei. – Ele já estava sentado. – Não parou por aí, outro sentado numa mesa próxima sorria. Deu-nos o sinal de Sempre Alerta. – Posso participar com vocês? Claro eu disse. Quatro antigos Escoteiros se encontrando por uma cisma do destino. Cada um querendo lembrar e contar histórias do seu passado. Todos dizendo que não se adaptaram ao escotismo de hoje. Tentaram mas viram que eram um peixe fora d'água.

Mas bons Escoteiros não ficam reclamando. Eles quando se encontram é para contar causos e causos. Lembrei-me de um Chefe que me enviou um convite - Chefe! Aguardamos sua visita. No meu grupo o senhor vai poder contar muitas “historinhas”. Ri a valer. Contar “historinhas”! Sei que quando começamos a contar nosso passado era onze da manhã. Agora passava das seis da tarde. Cada um telefonou para sua cara metade explicando. Não guardei o nome de todos e eu pouco falei. Quantas histórias foram contadas. As noites das cobras, o vale seco, o Calcanhar de Aquiles onde todos tinham medo de ir, o Delegado que prendeu uma patrulha inteira, quinze escoteiros correndo de seis emas selvagens, e assim foi até o cair da noite. Pensei comigo que não era só eu o contador de histórias. Todos aqueles antigos Escoteiros também tinham a sua.

Se quatro antigos Escoteiros em um pequeno bar tinham tantas coisas para contar quem diria se estivessem em uma floresta, numa clareira qualquer, uma noite sem lua e o céu estrelado eles contariam histórias a noite toda. Nos olhos de cada um eu via a chama da esperança, a vontade de voltar no passado, às saudades que machucam, mas que ajudam a viver. Ninguém comentou sobre suas dificuldades atuais, sua vida familiar ou profissional. Ali os quatro saudosos só lembraram-se do passado. Ah! Os poetas, sempre eles para nos dizerem tudo do passado, a dizer que saudade é amar um passado que ainda não passou, é recusar um presente que no machuca, é não ver o futuro que nos convida... Aguinaldo Silva escreveu isto. Melhor é ler Confúcio dizendo que a experiência é uma lanterna dependurada nas costas que apenas ilumina o caminho já percorrido.

Cheguei e em casa quase meia noite. Pelo meu sorriso a Célia sentiu que eu estava feliz. Contei para ela o encontro com Josiel de Arimatéia, o Cascudo, um escoteiro da minha patrulha, contei do Geraldo Nonato que nunca vi e que devia ter sido um grande escoteiro e do Leandro Farias um Velho Escoteiro como

eu. Ela me ouviu com um olhar gostoso e um sorriso carinhoso. Existem muitas felicidades que não vemos. A maior delas é estar ao lado de uma criatura maravilhosa que sempre me apoiou. Uma grande companheira, a mulher que amo. Não esperem muitas aventuras neste conto simples. Comecei do nada e termino com a história de um grande amor. Um não são dois. O primeiro minha linda esposa querida e o segundo meu escotismo maravilhoso. Ambos jamais esquecerei!

*Eu amo tudo o que foi
Tudo o que já não é
A dor que já me não dói
A antiga e errônea fé
O ontem que a dor deixou,
O que deixou alegria
Só porque foi, e voou
E hoje é já outro dia
Fernando Pessoa*

Marie, a escoteira que sempre aceitou desafio

(Lendas escoteiras)

(esta é uma história de ficção, nada mais que isto)

A história de Marie sempre me fez lembrar o ensaio escrito por Elbert Hubbard no seu celebre conto que ficou conhecido no mundo inteiro como a “Mensagem a Garcia”. Muitos explicam a sua maneira o que ele quis dizer, mas eu sempre penso que todos nós Escoteiros deveríamos ter também um pouco do teor desta mensagem. Hubbard disse que ele o homem chave da história deveria ser imortalizado em bronze e a sua estátua erigida em todos os colégios da terra. Uma história para líderes que não perguntam onde é o acampamento, não tem dificuldades para chegar lá seja onde for. Quando você menos assusta ele bate a sua porta. É uma história conhecida, mas faço um pequeno resumo, pois a história toda é bem maior. O ensaio relata a história de “um camarada de nome Rowan” que heroicamente, contra todas as adversidades, entregou uma mensagem do presidente estadunidense McKinley ao general Calixto Garcia Íñiguez, líder das forças rebeldes cubanas durante a Guerra Hispano-Americana. Em síntese a história ficou famosa porque Rowan diferente de todos os outros não perguntou ao Presidente quem era Garcia, onde ele estava e como chegaria lá. Pegou a mensagem, colocou em seu bernal e partiu. Dias depois a mensagem foi entregue apesar de todas as adversidades.

Marie a escoteira não ficou famosa só por isto. Acho que poucos ficaram sabendo dela. Mas desde que nasceu mostrou uma extraordinária força de vontade. Aos cinco anos lia perfeitamente. Conversava qualquer assunto e seu lugar preferido era a biblioteca da cidade. Aos sete entrou para os lobinhos. Gostou tanto que nunca mais saiu do movimento Escoteiro. Sua fama de líder iniciou quando uma forte Tromba D’água caiu sobre a cidade. Muitos desaparecidos e muitos desabrigados. O prefeito não sabia o que fazer as autoridades só reclamavam da falta de verbas estaduais e federais. Marie com seus onze anos reuniu sua patrulha. As outras a seguiram. Lobo é com vocês conseguirem comida para todos. Morcegos põe a cuca para funcionar. Leve quantos for possível para a Escola Estadual. E assim as patrulhas começaram a trabalhar. Marie não parava. Estava em todo lugar. O prefeito vendo seu trabalho correu a ficar do lado dela. Ela riu

e deu uma enxada para o prefeito. Excelência! Ela disse, comece limpando a lama que entrou na casa do senhor Amadeus.

O prefeito não gostou. Seus auxiliares corriam dela. Ela soube das verbas estaduais e federais. Cobrava de cada um e não aceitava promessa. Nunca faltou a uma reunião escoteira. Quando descobriu que os que perderam suas casas no Bairro Jardim das Flores não tiveram nenhuma colaboração financeira mandou um e-mail para o Ministro das Cidades. Não recebeu resposta. Combinou com todos do grupo e amigos do colégio para enviar e-mails, pelo menos quatro por dia. O ministro respondeu que a verba estava com o prefeito. Ela botou a boca no trombone. O prefeito nada. Fez um cartaz e saiu pela rua gritando onde estava a verba dos sem casa! Em pouco tempo tinha uma multidão com ela. Ela deu queixa na delegacia e o delegado não queria aceitar a ocorrência. Ligou para a Polícia Federal e não foi bem tratada. Marie desistir? Nunca. Escreveu diretamente para a Presidente. Se foi ela ou não a responsável, o certo é que as casas começaram a ser construídas.

Todos que a conheciam sabiam que quando crescesse ela poderia ser Presidente. Tinha jeito para tudo. Sabia reclamar, mas sabia elogiar e sempre dizia – Vamos fazer juntos. Interessante que Marie nunca aceitou ser prima, monitora nos Escoteiros e nas Guias. Ajudava em tudo. O grupo sabia o que ela fez. No comercio conseguiu todo material de campo para todas as patrulhas. Quando acampavam os mantimentos ela conseguia. Como guia participou de uma Aventura Sênior. As atividades não foram ruins apesar de que as patrulhas nunca foram acionadas. Mais na base do eu sozinho e você meu amigo. Dois fatos ficaram conhecidos. Um Chefe novo deu nela uma cantada. Ela o pegou pela mão e o levou a presença da equipe dirigente – Agora repita o que me disse Chefe! O moço envermelhou, gaguejou e pediu desculpas. Exigiu uma reunião com a equipe dirigente. Falou sobre palavrões, a falta de espírito Escoteiro, namoros escondidos e a indisciplina de alguns (não de todos). Queria uma providencia. O Alto Falante do campo alertou a todos sobre o que ela pediu. Não resolveu, mas diminuiu. Ela dizia sempre que vestir o uniforme é fácil, mas mostrar o espírito Escoteiro aí à “porca torce o rabo”.

Marie fez dezoito anos e não quis ser pioneira. Preferiu participar da chefia. Inscreveu-se em todos os cursos. Sua fama de líder e direta nas palavras já era do conhecimento dos dirigentes. Isto atrapalhava Marie, ela queria ter uma vida simples, conhecer alguém, namorar e quem sabe casar e ter filhos. Sonhava em

ter um casal. Na cidade todos os partidos a procuravam. Ofereciam tudo. Nunca aceitou. Ela gostava do Giovani que nunca olhou para ela. Ele como todos os rapazes da cidade achavam-na metida, dona de todas as ideias e não gostavam de sua liderança. Homens são sempre assim. Nunca querem ser mandados. Acham que são eles os donos das ideias. Marie sabia que nem todos. Marie tinha 23 anos quando vários homens a espancaram. Quase morreu. Perdeu o olho direito. O delegado tinha uma rixa com ela, pois ela interferia em tudo por isto os culpados nunca foram encontrados. Nunca não, Marie fez questão de colocar na rádio e no jornal da cidade o nome de cada um. Muitos filhinhos de papai. Tiveram que abandonar a cidade para sempre.

O Grupo Escoteiro onde Marie atuava crescia assustadoramente. Ela pediu a direção regional para ajudá-la a organizar outros grupos. Nunca deram bola para ela. Acho que não gostavam dela. Pessoas com liderança se não souberem se conter em alguns casos ficam antipatizadas. O coração de Marie não ligava para os invejosos, egoístas e os falsos que lhe dirigiam palavras só para agradar. Marie estudou. Fez direito, Abriu um pequeno escritório de Advocacia. Tornou-se uma advogada respeitável. Sua fama de honesta e sincera correu mundo. Aos 48 anos ainda participava do escotismo. Foi convidada diversas vezes para diversos Talk show. Marie era diferente de muitos que quando adquirem status profissional esquecem-se do escotismo, dos seus amigos. No seu país Marie fez tudo para que o escotismo fosse reconhecido. Nunca participou de eventos escoteiros nacionais tais como Assembleias, Congressos, Atividades nacionais onde só adultos participavam. Ela conhecia o esquema. Tudo era carta marcada apesar de muitos jurarem que não. Ela não gostava disto.

Nunca foi agraciada com nenhuma medalha escoteira. Recebeu sim diversas condecorações de outros países. Uma vez a inscreveram para o Premio Nobel. Todas admiravam sua performance de ajuda ao proximo sem nunca desistir do resultado. Sua fama correu mundo. A própria liderança escoteira mundial a convidou diversas vezes para seus congressos. Sempre recusou. Muitas organizações reconheciam nela uma líder que nunca sabia dizer não. Quando ela completou 56 anos seu nome foi cogitado para Ministra do Supremo Tribunal Federal. Morreu dois anos depois vítima de um câncer no seio. Nunca ligou para si. Acho que pensava que os outros vinham em primeiro lugar. Suas exéquias foram comentadas na imprensa escrita e televisada mais por aqueles que lá foram para aparecer. Muitos políticos e empresários famosos que sabiam onde deviam estar para seu marketing pessoal. Disseram que foram prestar sua última homenagem a uma mulher de fibra. Ao lado do seu esquife estava a Patrulha lobo. Não faltou ninguém. Alguns fizeram um novo uniforme, pois o anterior não servia. O mundo

girou muitas vezes depois que Marie se foi. Marie nunca mais foi lembrada pela imprensa. Ela tinha o escotismo em seu coração e até o último momento fez dele sua filosofia de vida.

Sempre Alerta Marie, que seu exemplo seja seguido por todos Escoteiros e Escoteiras do mundo!

“Amigo do meu amigo é meu amigo, amigo do meu inimigo é meu inimigo e inimigo do meu inimigo é meu amigo.”

Cada um escolhe seu caminho; ele será o seu destino

(Histórias Escoteiras)

Não sei se João Carlos estava fugindo de mim. Acho que não, afinal ele era Escoteiro e Monitor da patrulha Puma. Eu nunca fui um deles. Podem perguntar por que e não saberei dizer. Não tive vontade. Tinha minha vida, minha turma e não iria me juntar a uns que nem sabia onde moravam. Mas João Carlos não iria fugir de mim. Eu sabia da fama deles. Diziam que se encosta-se a um Escoteiro tem de enfrentar todos. Metidos a valente isto sim. Eu nunca tive medo, mas evitava. Eram muitos acho que mais de cem jovens. Se fosse verdade eu não escaparia a sanha deles. Mas pense comigo, logo eu David Peçanha, de família nobre, um dos melhores do Colégio Dom Silvério e ser passado para trás por um escoteiro? Lisbeth era minha namorada e o tal de João Carlos se meteu com ela. Disse que era linda, a mais linda de Lagoa Verde, e que se ela quisesse ele iria gostar dela para sempre. Sujeitinho danado!

Esperei-o varias vezes dois quarteirões antes de sua casa. Na esquina da Maqui com a Rua São Pedro. Acho que ele adivinhou e passou por outra rua. Um dia ele vinha com mais três. Uniformizados. Parou quando me viu – Soube que quer falar comigo? – A sós eu disse. Só eu e você! – Qual assunto? – Já disse só eu e você. – Ele me deu as costas e partiu. Fiquei ali na esquina parado e pensando? Será que era um covarde e tinha medo de mim? Tudo piorou, pois Lisbeth nem me olhava mais. Deixei recado e nada. A mãe dela foi quem me disse que namorava um Escoteiro e que eu poderia desistir. Eu desistir? Nunca. Lisbeth poderia até ficar com ele, mas tínhamos uma conta para ajustar. Foi Romi um amigo quem me aconselhou – Se queres se livrar dele junte-se a ele. Não entendi. Romi emendou – Entre no grupo, faça amizade e um dia tire as satisfações que tem de tirar. Desta vez ele estará só e você sendo um deles ninguém poderá separar.

Bem pensado pensei. No sábado seguinte fui lá ver como iria participar. Olhe de longe e vi o chefe deles indo para a sede. O moço era gentil e amigo me explicou muito e passei a achar interessante a ideia de participar com eles. O tal do acampamento me daria subsídios para convidá-lo a entrar na floresta e eu e ele sozinho poderíamos chegar às raias do fato. Mamãe não acreditou muito em mim. Ela já sabia do meu namoro com Lisbeth e alguém comentou com ela

que me deu o bolo. No final fomos lá e fui inscrito. Agora era hora de fingir que éramos amigos, fraternos e irmão. Não é assim que diziam? O pior aconteceu. Colocaram-me na Patrulha Puma que ele era Monitor, o mandão! Ou seja, o cara ia mandar em mim! Naquela noite comentei com Romi como era lá e como fui tratado. João Carlos era muito educado e me tratou como igual. Sempre perguntava a todos como fazer, quando fazer e nos ouvia sem interromper.

Eu fingia ser obediente e disciplinado, mas quer saber Romi? Estava gostando dos Escoteiros. Não queria gostar. Era para conquistar todo mundo e dar uma surra em João Carlos. Em um mês ele me preparou para a promessa. Chegou ao cumulo de ir a minha casa para me ensinar e o danado conquistou minha mãe. Ele era realmente um cara educado e prestativo. Quando mamãe o convidou para jantar ele custou a aceitar e o sabido quando terminou lavou todo o vasilhame. Mamãe ficou encantada. Dois meses e meio e me disseram que estava pronto para a promessa. E não é que estava gostando de tudo aquilo? Nem sei por que pedi o uniforme ao meu pai. Sabia que quando saísse, pois a surra que eu tinha planejado ainda se mantinha viva na minha memória iria perder tudo. Meu pai iria falar um monte. Mas Lisbeth que fosse para o raio que a parta, eu não gostava mais dela. Nem me procurar para dizer adeus me procurou.

Fiz minha promessa no acampamento. Foi lindo demais. Cheguei a tremer de emoção. Deixaram que eu montasse a fogueira, que a ascendesse e depois da promessa me deram um nome de guerra. Saltei a fogueira três vezes com a tropa gritando Anrê. Esqueci-me de dizer que fui atrás de um tatu e me perdi na mata. Foi João Carlos que me encontrou. Esqueci-me de dizer também que no banho do sábado me arrisquei demais no remanso da cascata e quase me afoguei. Se não fosse João Carlos tinha morrido. Minha mente brigava comigo mesmo. Estava virando um Escoteiro, mas valeria a pena? Meus amigos sabiam que eu entrara para tirar satisfações com João Carlos e eu não poderia decepcioná-los. Era agora ou nunca. No penúltimo dia, no dia que fiz a promessa vi a coisa mais linda que me aconteceu. Todos se juntaram com as mãos entrelaçadas e cantaram uma canção espetacular. Não contei para ninguém, pois sou considerado um menino durão, mas quer saber? Eu chorei com a canção.

Antes do desmonte do campo João Carlos me chamou em particular. Foi franco e honesto. – Se você acha que no soco resolve então pode me socar. Não vou me defender ele disse. Quase caí de costas. – Olhe David Peçanha, eu gosto de você, acho que será um ótimo Escoteiro e todos sabem que em pouco tempo

você tem tudo para ser um Lis de Ouro. E então? Vai me socar? – Não sabia o que dizer. Dei nele um abraço e lágrimas saíram dos meus olhos. Ele sorriu e disse que éramos irmãos Escoteiros. Nunca em minha vida, pois fiquei muitos anos como Escoteiro vi um Monitor como João Carlos. Se Lisbeth quisesse ficar com ele acredito que era merecedor. Quando no final do campo a patrulha foi convidada para arriar a bandeira Nacional ele pediu ao Chefe se eu e ele pudéssemos participar da cerimônia.

O tempo passou. Mudei da água para o vinho. Romi era meu melhor amigo, mas agora eu tinha João Carlos. Romi não tinha ciúmes e nunca quis ser um de nós. Mas aonde eu e João Carlos íamos, ele sempre estava conosco. Nunca mais vi Lisbeth. Era uma boa menina, mas eu tinha de agradecer a ela por ter me feito entrar para o escotismo. João Carlos também nada disse, mas acredito que ele e Lisbeth terminaram. Não importa. Amigos são amigos e sendo do escotismo somos irmãos. Faz três anos que estou no escotismo. Vou passar na próxima semana para os seniores. Já estou fazendo a Rota Sênior. Pedi ao Chefe se podia ficar na Tiradentes, a patrulha de João Carlos.

Os poetas dizem que talvez um irmão não seja um verdadeiro amigo, mais um verdadeiro amigo, sempre será um eterno irmão e eles completam - “Não busques para amigo nem rico nem nobre, mas o bom, ainda que seja pobre.”.

